

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**CENTRO DE ESTUDOS GERAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E DIREITO**

**TATIANA BARBOZA MIRANDA**

**PRIMEIRA PÁGINA: IDENTIDADE E EXCLUSÃO  
SOCIAL EM CAPAS DE JORNAIS POPULARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Jurídicas e Sociais.

Orientador: Professor Doutor Carlos Eduardo Machado Fialho

Niterói, 2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MIRANDA, Tatiana Barboza

Primeira Página: identidade e exclusão social em capas de jornais populares/ Tatiana Barboza Miranda, UFF/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito. Niterói, 2009.

161 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) – Universidade Federal Fluminense, 2009.

1. Identidade. 2. Exclusão Social. 3. Mídia. I. Dissertação (Mestrado). II. Primeira Página: identidade e exclusão social em capas de jornais populares.

*TATIANA BARBOZA MIRANDA*

**PRIMEIRA PÁGINA: IDENTIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL EM CAPAS  
DE JORNAIS POPULARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Jurídicas e Sociais.

Aprovada em      de outubro de 2009

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof. Dr. Carlos Eduardo Machado Fialho**

---

Prof. Dr. Luis Carlos Fridman

Niterói, 2009

## **DEDICATÓRIA**

A Edith e Marcelo, pessoas que me apóiam em minhas escolhas, me aplaudem nos sucessos, e me confortam nos fracassos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a meus pais, Jairo e Edith. A meu Marcelo, meu irmão Thiago, minha família, meus amigos, principalmente Daniel e Marcos Vinícius, pelo socorro de última hora. A meu orientador, professor Carlos Fialho, e a todos os professores e coordenadores do programa. Muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho analisa as relações existentes entre os jornais populares – que chamamos de *jornais de cinquenta centavos* – e a produção das identidades individuais enquanto lugares sociais. A prática cotidiana de leitura das manchetes mantém em funcionamento os mecanismos, que delimitam os espaços sociais, ocupados por uma parcela dos moradores das periferias das grandes cidades na condição de excluídos. Entrevistamos leitores regulares das manchetes desses jornais, procurando obter as narrativas elaboradas cotidianamente como parte de suas vidas. Concluímos que essa prática de leitura forma identidades importantes para o relacionamento dos excluídos com os demais personagens sociais.

## SUMMARY

This study examines the relationship between the popular newspapers - what we call the *newspapers of fifty cents* - and the production of individual identities as social places. The daily practice of reading the headlines keep the mechanisms in place that define the social spaces occupied by a portion of the residents of the suburbs of large cities on condition excluded. Interviewed people who were reading the headlines of newspapers, seeking the speech he prepared daily as a routine part of their lives. We conclude that this practice of reading as important to the identities of the relationship with the other excluded social characters and groups.

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo I- Um método que se desloca.....	22
Capítulo II- Popular- história e representação.....	37
Capítulo III- A construção identitária.....	62
Capítulo IV- A exclusão social retratada.....	87
Capítulo V- As entrevistas: caminhos e direções da pesquisa.....	108
Conclusão.....	121
Referências Bibliográficas.....	127
Referências.....	130
Anexos.....	131

## INTRODUÇÃO

“É sangue mesmo, não é mertiolate  
E todos querem ver  
E comentar a novidade.  
‘É tão emocionante um acidente de  
verdade’  
Estão todos satisfeitos  
Com o sucesso do desastre:  
Vai passar na televisão”  
(Renato Russo)

A epígrafe é um trecho da música *Metrópole*, da banda Legião Urbana. A letra mostra o prazer em assistir a um acontecimento trágico envolvendo mortes e ferimentos. A visão do “sangue de verdade”, extasia os espectadores que estão habituados a ver esse tipo de cena apenas na esfera ficcional. As multidões de curiosos que disputam um lugar em torno de acidentes e cadáveres é algo bastante visto nas grandes cidades. Entretanto, essa aglomeração não é comum apenas em catástrofes, que ocorrem diante dos pedestres, mas em volta da tragédia retratada e noticiada nos jornais.

As bancas constituem atualmente uma grande vitrine de mortes, espancamentos, estupros e toda sorte de crimes bárbaros. É comum vermos pessoas, em frente a esses locais, lendo, vendo e assistindo aos horrores do cotidiano. A música trata essa atração pelo trágico como mera curiosidade mórbida. Como espetáculo real assistido ao vivo, simples satisfação em ver a desgraça alheia. O senso comum de que *pobre adora desgraça* passou a soar como algo extremamente discriminatório, superficial e elitista.

Esse tipo de questionamento surgiu devido à configuração atual dos jornais populares. As notícias não tratam somente de coisas ruins. O que despertou o interesse por esse tipo de mídia foi a presença de elementos socialmente repudiados, crime e violência, ocupando o mesmo espaço de elementos valorizados e desejáveis, futebol e erotismo, representado pela imagem de belas mulheres em trajes mínimos. Como os leitores se relacionavam com três campos tão distintos? Por que eles ocupavam o mesmo espaço? Essas perguntas motivaram a elaboração de uma pesquisa sobre esses atores.

## Os Jornais

Um dos meios de comunicação mais consumidos atualmente no Brasil continua sendo o jornal impresso. O rádio, a televisão e a internet dividem com essa mídia a tarefa de divulgar informações.

O Brasil é um dos países onde a tiragem total dos jornais impressos vem crescendo, em boa parte, por conta do crescimento dos jornais populares, baratos ou mesmo gratuitos (...).

Segundo o ex-presidente da ANJ [Associação Nacional de Jornais], Nelson Sirotsky, o Brasil tem atualmente 3.000 jornais, sendo 500 títulos diários, e a associação representa 137 empresas, que detêm juntas 90% da circulação diária (UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN, 2008, p. 01).

Analisando os jornais de maior circulação no Estado do Rio de Janeiro, percebe-se três configurações diferentes. Um dos grupos é constituído pelos jornais que possuem como foco assuntos relacionados à economia, política, esportes e cultura. Como exemplo pode-se citar *O Globo* e *o Jornal do Brasil*, esse último possui uma tiragem diária de cento e cinquenta mil exemplares.

Outro grupo, formado por jornais como *Extra* e *O Dia*, centram sua atenção em assuntos como política, economia, violência, esportes, a vida pessoal e profissional de pessoas famosas e informações voltadas para segmentos específicos, como o funcionalismo público e aposentados. Esses jornais analisam assuntos como política e economia de uma forma mais superficial e oferecem mais destaque às *celebrities* que os jornais citados acima. *O Dia*, por exemplo, possui uma tiragem diária de cento e oitenta mil exemplares.

Existe ainda um setor que enfoca a violência, a tragédia, o erotismo, o futebol e a vida pessoal e profissional de pessoas famosas. *Expresso* e *Meia-Hora* são exemplos dessas publicações. O *Expresso* possui uma tiragem diária de cento e oitenta mil exemplares e o *Meia Hora*, de duzentos e trinta mil exemplares. Dos três modelos de jornais descritos, o escolhido para a pesquisa foi o terceiro. Todo esse interesse possui razões diversas, mas o ponto crucial é a maneira como esses jornais constituem uma forma de reconhecimento, construção e reforço da identidade das classes populares.

A estrutura da capa desses jornais combina objetos de campos variados e, aparentemente, opostos entre si. Três elementos constituem basicamente as capas, o erotismo (representado pela mulher nua ou semi-nua), o futebol e a tragédia. O que interessou inicialmente foi verificar que relações os leitores estabeleciam com o

compartilhamento do belo e do bizarro em um mesmo espaço. Quais significados tal disposição de imagens teria para os consumidores das publicações.

Os crimes não são políticos, nem grandes golpes financeiros ou qualquer outra coisa que possa ser de interesse das elites econômicas e da *boa* sociedade. São crimes populares. Ladrões e assassinos *baratos* que mataram ou foram brutalmente assassinados na periferia. São criminosos executados – “o que vale como lição”, nas palavras dos entrevistados - mostrando o fim trágico de quem anda fora dos trilhos. A manchete previne as pessoas que moram nos bairros populares ao que elas estão sujeitas quando transgridem as leis.

O conjunto destas imagens trata da afirmação de identidades e da construção de lugares sociais elaborados permanentemente. O bairro retratado na primeira página dos jornais onde o crime ocorreu é o mesmo local onde moram grande parte dos leitores dos jornais analisados. O mundo fotografado já está delineado no imaginário e na realidade imediata desse leitor. Os outros jornais, dos grandes articulistas da política e da economia, da crítica de cinema, artes plásticas e dramáticas, que comentam os grandes espetáculos nos melhores teatros da cidade, não tocam a realidade dos leitores dos jornais populares, só seu imaginário. Delimitam outros lugares, reafirmando a exclusão social.

Outro fator relevante para o estabelecimento dos moldes da pesquisa foi a presença de vitrines em bancas de jornal. Uma cena bastante comum nos centros urbanos é a aglomeração de pessoas diante dessas vitrines. Geralmente, as bancas possuem duas vitrines laterais. Em uma estão expostas revistas sobre variados assuntos. Moda, culinária, curiosidades, televisão, vida de pessoas famosas entre outros. A outra vitrine é composta por jornais. É exatamente diante delas que o público se concentra. Dessa forma, as bancas de jornal se mostraram como o espaço mais propício à realização da pesquisa de campo.

A pesquisa foi desenvolvida durante os meses de março, abril e maio de 2008. As áreas centrais das cidades de Niterói e Rio de Janeiro foram os locais escolhidos, devido à intensa circulação de pessoas nesses lugares. O alvo das entrevistas foram pessoas que estavam diante das vitrines das bancas com a atenção voltada para os jornais pesquisados. As entrevistas seguiram o formato de perguntas abertas. As questões englobavam os seguintes temas: as imagens e manchetes que chamavam mais a atenção dos leitores, a sensação que tinham diante das imagens, que retratavam

tragédias e ações policiais, e a opinião frente à presença das fotos de mulheres nuas e semi-nuas.

Destaca-se que houve uma preocupação com a liberdade de fala dos entrevistados. Muitas vezes eles ampliavam as questões, levantadas nas entrevistas, com suas respostas. Desde que não fugissem dos temas pré-estabelecidos, os leitores eram estimulados a fornecer o maior número de informações possível. Essa proposta de abertura das entrevistas enriqueceu o trabalho e propiciou um vislumbre de novos horizontes.

### **Os Caminhos da Pesquisa**

O primeiro capítulo do texto trata do método utilizado no estudo. Foi traçada uma distinção entre obras que possuem como tema as formas de interação entre mídia e espectadores. Estabeleceu-se um debate entre dois autores, Marshall McLuhan e Jesús Martin-Barbero. Esse quadro comparativo foi necessário devido à grande aceitação que a perspectiva do espectador passivo, defendida por McLuhan, possui em várias esferas da sociedade. A pesquisa foi abordada através de uma ótica distante do espectador como simples receptor e assimilador das mensagens.

No campo da mídia, o espectador passivo interpretaria as mensagens da mesma forma como os emissores a compreendem, ou pretendem que sejam compreendidas. O meio de comunicação é o que determinaria a eficácia do alcance das mensagens. De acordo com a influência sobre o espectador, os meios eram classificados por McLuhan em quentes e frios. Os meios quentes são aqueles que exercem maior controle sobre os indivíduos através das informações transmitidas. Os meios frios não seriam capazes de influenciar tão fortemente os espectadores.

Um dos grandes problemas da teoria de McLuhan é o tratamento dispensado aos espectadores, simples fantoches ao sabor da temperatura das mídias. A falta de atenção dispensada ao receptor, que também é responsável pela construção da mensagem, pois vai interpretá-la de acordo com seu universo e compreensões sobre o mundo e a vida, é uma das falhas da obra do autor.

Outra abordagem do tema foi construída por Jesús Martin-Barbero. O título da obra utilizada expõe a transição feita pelo autor, *Dos meios às mediações*. A análise foi deslocada dos meios para as mediações. Transferida dos meios de comunicação para as pessoas que se relacionam com esses meios e as formas como interpretam as mensagens recebidas.

A importância da utilização da obra de Martin-Barbero, como norteadora desse estudo, deve-se ao contexto de estudo do autor, a América Latina. Diferente de McLuhan, que analisa a sociedade estadunidense, Martin-Barbero vê a necessidade de uma adaptação da teoria comunicacional para a análise do panorama latino americano. As profundas desigualdades e o enorme contingente de pessoas que não possuem visibilidade, nem participação política, transforma a comunicação em um campo de batalha. Um local onde as diferenças de discursos e de universos de interpretação de dominadores e dominados ocorrem a todo momento e geram formas diferentes de relacionamento com a comunicação. Tal fato colabora para que os espectadores não absorvam de forma passiva as mensagens recebidas.

Outro fator que justifica o foco nas mediações é o processo de *transnacionalização* vivenciado pelas sociedades. A atual fragilidade das fronteiras geográficas deve-se, em parte, à intensa comunicação entre os territórios e às constantes trocas e negociações culturais. Os encontros, desencontros, embates e negociações entre diferentes culturas acontecem no campo da comunicação.

O intuito do trabalho é analisar uma pequena fração desse universo, a relação dos leitores com os jornais populares sob a ótica das mediações, observando as formas como mediam as informações recebidas, e as trocas simbólicas geradas por essa interação.

### **Uma mídia híbrida**

O segundo capítulo trata das interpretações do popular. O surgimento histórico de tal expressão, o repúdio à essa categoria, as interações entre cultura popular e de massa, e as atuais configurações do popular, que se tornou algo híbrido.

Nomear os jornais analisados como populares somente é possível seguindo a definição de *popular-massivo*, proposta por Canclini. O conteúdo dessas publicações não se inscreve em uma definição de popular tradicional, mas de uma compreensão do popular criada pela mídia. Publicações como *Meia-Hora* e *Expresso* são direcionadas a um público bem específico. Escritos com linguagem coloquial e vendidos a preços baixos, cinquenta centavos em média, esses jornais pretendem alcançar as camadas mais pobres, que aqui serão chamadas de classes populares.

A linguagem dos jornais é bastante simples. O slogan do *Meia Hora* reforça essa característica do texto, "*Meia Hora*- Nunca foi tão fácil ler jornal". A facilidade de decodificação não se restringe ao formato do texto escrito, mas à riqueza de imagens. A

expressividade das fotos e a relação direta estabelecida entre os leitores e o conteúdo das imagens é outra característica que facilita a leitura.

Referências a gírias e outros conteúdos presentes na cultura popular são aproveitados pelas publicações. Um exemplo é a manchete presente no *Meia Hora* do dia vinte de janeiro de 2008 (anexo p.1), "Mengão e Vascão estréiam na onda do créu. Times estão com fome de gols. Fla [de Flamengo] de Souza promete devorar o Boavista; e cruzmaltinos contam com Moraes para engolir o Madureira". A palavra *créu* faz parte de uma música composta por um cantor de *funk*, Mc Créu, famoso nos bailes *funk*. Na música a expressão *créu* conota a relação sexual. No linguajar popular *créu* adquire o sentido de devorar, comer (que é uma expressão chula para nomear o ato sexual). Nesse sentido, a "onda do créu" entre os times se refere ao desejo de vitória, em que um time quer "engolir" o outro, mostrando sua superioridade. Nessa manchete, uma música de grande aceitação entre os setores populares foi incluída para reforçar a identificação com o jornal.

Outro fator que revela a mistura entre popular tradicional e popular massivo é a presença do erotismo. Nas capas dos jornais, geralmente são mostradas mulheres que possuem alguma visibilidade na mídia com a imagem explorada pelos meios de comunicação de massa. No interior dos jornais *Meia Hora* e *Expresso* existe um espaço destinado a fotos eróticas de moradoras dos bairros pobres. Abaixo da foto, que na maior parte das vezes, ocupa meia página, estão disponíveis endereços para que mulheres que desejam ter suas imagens publicadas no jornal possam enviar fotos.

Essas mulheres, mesmo se encaixando fisicamente nos padrões de beleza predominantes na mídia, formas curvilíneas e exuberantes, estão em uma esfera completamente diferente das mulheres presentes na capa dos jornais. As mulheres expostas no interior das publicações são moradoras dos bairros dos leitores. A relação com elas é física. As mulheres da capa estão em um plano distante dos leitores. Estão presentes em seu imaginário. Seu contato com elas ocorre apenas através dos meios de comunicação de massa. É uma relação unilateral na qual as modelos e atrizes, geralmente, não conhecem as pessoas que consomem suas imagens.

Além do futebol e do erotismo, o ponto crucial do encontro entre popular e massivo nos jornais ocorre com a dramatização dos fatos. Não há análise ou reflexão sobre os acontecimentos. Sua apresentação é reduzida à esfera da teatralização e melodrama. Segundo Charaudeau (2006) os roteiros dos filmes catastróficos e os das reportagens policiais apóiam-se em uma base comum, a dos contos populares.

O roteiro do filme catástrofe é organizado sob o modo do conto popular: uma *situação inicial* na qual vêm-se pessoas que se reúnem ou vivem um lugar (o lugar da catástrofe) (...) (ii) *o surgimento da catástrofe* durante a qual nos são mostradas, paralelamente, a enormidade da explosão destruidora e as reações das pessoas (...) os que, enfim, enfrentam a situação e tentam organizar o salvamento dos outros; (iii) e depois, evidentemente, como esses heróis não são suficientes, aparecem os *heróis vindos de fora* (...)

O roteiro reportagem caracteriza-se por: (i) o *anúncio* do desencadear de um conflito; (ii) *a exibição* das imagens posteriores ao conflito (...) (iii) *a ação de socorro*. (...) Esses dois tipos de roteiros têm, entretanto um ponto em comum: sempre põem em cena três tipos de atores: *as vítimas, os responsáveis e os salvadores* (p. 244).

Seguindo o mesmo caminho de qualquer conto de fadas, essa mídia embasa-se em uma referência, tradicionalmente popular, para configurar o tratamento dado aos fatos. Delineia-se uma abordagem teatralizada da vida, na qual real e simbólico misturam-se. A análise reflexiva sobre os fatos acaba ofuscada pela intensa carga emotiva que permeia a informação. O *Expresso*, de dezessete de janeiro de 2008 (anexo p.2), apresenta uma manchete que adquire contornos de conto de fadas bizarro. "Netinho mau mete a faca na vovozinha". A referência ao conto de *Chapeuzinho Vermelho* é clara.

No conto, a avó de Chapeuzinho Vermelho é devorada pelo Lobo Mau, que pretende fazer da menina sua próxima vítima. Na manchete, o Lobo Mau é encarnado pelo neto que mata sua avó. O que faz a ponte com o conto é o estabelecimento dos personagens. Em "neto mata sua avó a facadas" existe uma carga dramática por tratar-se de duas pessoas com um grau direto de parentesco, fato que agrava a situação e exacerba seu viés trágico. Em expressões como "Netinho mau" e "vovozinha", vemos desenhados dois personagens. O neto mau e assassino, e a avó bondosa e indefesa, "a velhinha de 85 anos só queria que o neto estudasse" (*Expresso*, 17/01/2008).

Essa teatralização da vida pode ser exemplificada com a principal notícia do *Expresso* de vinte e quatro de julho de 2009 (anexo p.3). A matéria trata do caso de uma mulher que seqüestrou um bebê com o intuito de criá-lo como filho. A seqüestradora foi comparada com uma personagem da novela *Senhora do Destino*, exibida pela *Rede Globo*. Nazaré, a personagem em questão, seqüestrou uma criança da maternidade e a assumiu como sua filha biológica. Na capa do jornal, estão expostas, lado a lado, as fotos da seqüestradora real, Valéria, e o da fictícia, Nazaré, juntamente com a seguinte manchete: "A Nazaré da vida real. Seqüestradora é presa após tentar fugir com bebê de um mês e meio. Ela falou pro marido que o filho era dele." Abaixo está transcrito um trecho da reportagem:

Valéria Teixeira Barros, de 40 anos, que estava supostamente grávida, se aproximou de Adriana Pereira da Silva, fingindo que estava interessada na amizade da camêlo. Mas o que ela queria, na verdade, era o bebê da jovem, Yasmim, de apenas 43 dias.

E foi assim que Valéria repetiu na vida real a mesma história da vilã Nazaré (Renata Sorrah), que seqüestrou o bebê recém-nascido da nordestina Maria do Carmo (Susana Vieira), em “Senhora do Destino”. Mas se na telinha a vilã demorou a ser punida, aqui a história foi diferente.

Vários elementos do melodrama são constantes nesse tipo de imprensa. Os personagens vítima, bandido e herói são constantes. O maniqueísmo exposto pela luta entre bem e mal e a construção de estereótipos comunicam-se de forma direta com os leitores.

Jesús Martín-Barbero conclui em seus estudos sobre telenovelas que o que é posto em jogo nesses relatos é o "drama do reconhecimento": do filho pelo pai ou pela mãe, da mulher pelo marido, o amante ou as vizinhas. O desconhecimento do contrato social, das grandes estruturas sociopolíticas, aponta no melodrama para o peso que assumem outras formas de sociabilidade primordial, como o parentesco, os laços de vizinhança, territoriais e de amizade (CANCLINI, 2006, 207).

Esse reconhecimento do jornal popular como local de reforço da identidade e de encontro com elementos de sua cotidianidade foi apontado nas entrevistas como o fator que torna os jornais tão atraentes e expressivos para seu público.

### **Jornais populares e construção identitária**

O terceiro capítulo destina-se à análise da identidade no contexto pós-moderno. A abordagem do caráter identitário múltiplo teve como base a obra de Zygmunt Bauman. O autor realizou um detalhado estudo sobre as transformações sociais ocorridas no processo de construção da identidade. A passagem de estruturas e instituições sólidas para outras mais superficiais e instáveis, líquidas, nas palavras do autor, foi um dos fatos que contribuíram para a atual configuração dessa categoria.

Outro fator importante da obra de Bauman são as associações entre identidade e consumo. As formas como as pessoas elaboram-se e reconstróem-se constantemente através da compra de bens materiais e simbólicos é um importante objeto de estudo no presente panorama social, denominado, por muitos, *sociedade de consumo*. Nesse universo de construção, desconstrução e reconstrução identitária, o autor cunha o termo *identikits* que designa os kits de identidade, determinados bens de consumo que podem

ser utilizados para a criação de diferentes identidades. A utilização da obra de Bauman justifica-se por sua grande contribuição para o entendimento dos processos de construção da identidade vistos na atualidade. Sua tese sobre identidades múltiplas em um contexto permeado por instituições e relações cada vez mais fluidas, permite uma visualização bastante clara de tal fenômeno.

Mais uma vez recorreremos à obra de Martin-Barbero para o estudo sobre as interações entre melodrama e identidade. Os jornais analisados apresentam os fatos e a realidade de uma forma melodramática, mostram uma versão teatralizada da vida. Por isso foi necessário o detalhamento histórico e social dessa categoria, bem como suas contribuições para a elaboração de identidades pelos leitores.

Foi traçado um breve histórico sobre o surgimento do melodrama. Ressaltou-se a associação dessa estética com as camadas populares. O melodrama se inscreve como fenômeno tipicamente popular. Com o passar dos séculos essa relação ainda persiste no imaginário social. Os jornais estudados são um exemplo dessa concepção.

A dramaticidade dos fatos apresentados nos jornais e os personagens das notícias (que são, basicamente, parentes, amigos, amantes e vizinhos) estão muito próximos da realidade dos leitores. A identificação com o melodrama exposto nos jornais se deve, em parte, à correspondência imediata com fatos que ocorrem em seu cotidiano, já que os jornais retratam os acontecimentos dos bairros onde os leitores habitam. Os leitores, em sua maioria, excluídos do alto consumo e dos mecanismos de participação política, possuem nos laços primários (vizinhos, parentes e amigos) seu próprio contrato social.

As relações entre mídia e identidade também foram analisadas nesse capítulo. A *Cultura da Mídia*, de Douglas Kellner foi a obra que embasou esse debate. O autor utiliza vários personagens e elementos midiáticos para estabelecer suas interações com os espectadores. A categoria escolhida para nossa análise foi a publicidade, mais especificamente anúncios de cigarro. De acordo com o autor, essas campanhas exibem pessoas com características socialmente desejáveis e aceitáveis. Beleza, riqueza financeira, sucesso profissional e pessoal, poder e vigor sexual são alguns exemplos. O que é mostrado às pessoas que consomem determinados produtos, é que podem adquirir tais características. Podem vir a ser tão independentes quanto a mulher estampada no anúncio do cigarro *Virgínia Slims*, ou tão másculo quanto o lendário *cowboy* dos cigarros *Malboro*.

O que ocorre quando os espectadores entram em contato com esses personagens míticos da propaganda é assumir o que autor nomeia como *posições de sujeito*. Os

atores podem desejar se parecerem com os personagens, ou não almejem essa imitação. O intuito da indústria de publicidade é despertar *posições de sujeito* positivas, ou seja, um desejo de imitação dos personagens para que o produto seja vendido.

Transferindo-se tal debate para os jornais estudados, percebemos que as *celebrities* não são apresentadas como pessoas com características socialmente desejáveis. Essas são apresentadas apenas pelo viés negativo. A atriz que foi assaltada, a dançarina que sofreu um aborto espontâneo e o jogador de futebol que foi “vítima de olho-gordo” fazem parte do grupo de personagens das capas dos jornais.

Tal abordagem promove uma identificação com essas pessoas, pois os leitores também passam por tais apuros. Diferente de revistas como *Caras* e *Quem*, que mostram modelos de sucesso social, os jornais aproximam as celebridades dos leitores favorecendo uma identificação, mesmo que seguindo um viés negativo.

### **A exclusão vivenciada**

O quarto capítulo trata da exclusão e seus encontros com os leitores e jornais. Primeiramente, realizou-se uma breve análise da reestruturação capitalista e suas implicações para o aumento do contingente de excluídos. Richard Sennett em, *A Corrosão do Caráter*, faz vários apontamentos sobre a nova configuração do capitalismo. A instabilidade que caracteriza a economia moderna se reflete nas relações humanas. Os trabalhadores precisam estar preparados para acompanharem essas mudanças. Um indivíduo totalmente flexível e apto a mudar a cada instante, não pode ter nada que atrapalhe essas modificações. Assim, os laços que mantém, não só com seres humanos, mas também com as instituições, devem ser tênues.

Outro fator importante analisado por Sennett é a descartabilidade dos trabalhadores. A crescente escassez de postos de trabalho, devido à reestruturação tecnológica da economia, faz com que os indivíduos se esforcem ao máximo para manterem seus empregos. O grande contingente de desempregados à espera de uma vaga é um dos fatores que tornam os trabalhadores descartáveis, afinal, não é difícil para uma empresa conseguir um funcionário para substituir algum que foi demitido.

No estudo sobre essas grandes massas de desempregados e excluídos, utilizou-se a tese de Giorgio Agamben, *Homo Sacer- O Poder Soberano e a Vida Nua*, que trata da *matabilidade* dessas pessoas. O autor retorna à Grécia antiga e à figura do *Homo Sacer*, para estabelecer uma comparação com o fenômeno da exclusão na atualidade. O *Homo*

*Sacer*, era aquele que, juridicamente, poderia ser assassinado sem que isso constituísse um crime e, ao mesmo tempo, não poderia ser sacrificado aos deuses, porque não era digno para tanto. Sua tese comunica-se intimamente com o objeto de pesquisa, pois os leitores integram esse grupo de seres matáveis.

Nas capas dos jornais, a violência e assassinatos cometidos contra os criminosos e moradores das periferias é mostrada como se tratasse de assunto cotidiano. A *matabilidade* desses atores está explícita nos jornais que não tratam essas violências como crimes passíveis de punição. O repúdio, dispensado aos bandidos, e de exaltação, destinado aos policiais, é outro fator analisado através de manchetes das publicações observadas.

A presença da estética e visão de mundo grotesca é outro ponto que afirma a exclusão dos leitores. Muniz Sodré foi o autor que norteou as observações sobre o grotesco. Historicamente, o grotesco é uma categoria repudiada pelas elites e tida como pertencente à cultura popular. Visto como algo contrário à natureza, o grotesco é marcado pela mescla de vários elementos provocando efeitos pitorescos, ridículos e bizarros. Os jornais lidam com o grotesco a todo momento. Nos crimes bárbaros, nas histórias excêntricas, nas tragédias pessoais das *celebrities* e na apresentação de pessoas com deformidades físicas, essa categoria sempre se faz presente nessas mídias. A interpretação do grotesco como elemento que pertence exclusivamente à cultura popular, é mais um fator que mostra aos leitores sua condição de excluído.

O mundo da exclusão, o universo periférico está exposto nas capas dos jornais. O crime, as tragédias e catástrofes são os principais temas das notícias, tal característica promove um reconhecimento da exclusão por parte dos leitores. O jornal informa sobre seu lugar a ser ocupado na sociedade, um local que abriga, exclusivamente, o horror, o trágico, o sanguinolento e o grotesco.

### **A voz dos leitores**

O quinto capítulo tem como intuito localizar, na fala dos leitores, os dados expostos na pesquisa. As entrevistas, feitas em campo, foram utilizadas para marcar os discursos que nos fizeram chegar às conclusões expostas na dissertação. Uma breve exposição sobre análise do discurso fez-se necessária. O artigo *Metodologias Qualitativas de Análise do Discurso*, de José Azevedo, forneceu alguns importantes dados para as reflexões sobre as entrevistas. O foco na diversidade das narrativas e na

não linearidade dos discursos, foi fundamental para lidarmos com público e histórias tão diversas. O destaque ao processo de construção dos discursos, ou seja, a compreensão das falas como construções sobre a realidade, fez com que víssemos os depoimentos como elaborações narrativas, e não como real opinião dos leitores. Por último, o tema da função da linguagem propiciou uma abordagem dos usos da linguagem e dos efeitos dessas utilizações.

Primeiramente, citamos entrevistas que tinham como tema o reconhecimento do grotesco como categoria repudiada pela cultura oficial. Muitos leitores disseram que não gostavam de ver as fotos que tratavam da violência. Esses entrevistados estavam detidos exatamente diante dessas fotos e revelaram que todos os dias paravam diante das bancas. A diferença entre discurso e ação nos fez perceber um conhecimento sobre as representações do grotesco na cultura oficial.

Também foi analisada a importância da esfera local para os leitores e o seu reconhecimento nesses lugares. Muitos entrevistados disseram que seu interesse pelos jornais era motivado pelo fato de que, muitas vezes, o bairro retratado é o mesmo onde moram. Os leitores disseram desejar estar informados sobre acontecimentos de seu bairro. A proximidade é tão grande que muitos leitores relataram ver constantemente pessoas conhecidas, amigos, parentes e vizinhos, estampados nas capas dos jornais, geralmente por terem cometido algum crime, ou por serem vítimas de violência e assassinatos.

A seguir, estabeleceu-se um debate sobre a *pedagogia da morte*. De acordo com a fala dos entrevistados, os jornais também servem para prevenir sobre as conseqüências do desrespeito às leis. Muitos leitores disseram que o jornal ensina e educa as pessoas sobre o perigo do envolvimento com atividades criminosas. Discursos como: “poderia ser um parente meu, ali morto”, “se está morto foi porque procurou por isso”, foram constantes nas entrevistas e destacam o valor pedagógico instituído pela morte.

O reconhecimento da exclusão também foi percebido nas entrevistas. A inclusão de várias facetas do universo popular nos jornais se dá somente pela condição de excluídos vivenciada por essas pessoas. A localização de seu universo nas capas é um dos fatores que viabiliza a construção de uma identidade fundada apenas nos aspectos negativos dos bairros onde os leitores moram. Um ponto interessante dos discursos foram as opiniões dos leitores sobre as ações policiais de extermínio. Uma parte disse que não concorda com tais ações. Outro grupo concorda, mesmo que os criminosos sejam seus vizinhos.

Esse segundo grupo faz a distinção entre trabalhadores e bandidos. Eles se reconhecem como trabalhadores honestos e que seu assassinio constituiria-se em um crime. Enquanto os bandidos devem ser mortos porque trilharam outros caminhos, indignos e ilegais. Essa diferenciação é importante, pois nos faz refletir, mais uma vez, sobre a mobilidade identitária e a participação do espectador na construção das mensagens. Os jornais mostram que tanto bandidos como moradores são *matáveis*, e a identidade dos leitores também é formada por esses jornais. Concomitantemente, conseguem interpretar de outra forma esse paradigma, estabelecendo grupos que merecem a morte e grupos que não merecem. Indivíduos *matáveis* que, ao mesmo tempo que reconhecem sua privação total de direitos, não identificam sua *matabilidade*.

## CAPÍTULO I

### UM MÉTODO QUE SE DESLOCA

O debate em torno da comunicação humana adquire diferentes contornos diariamente. Os sentidos da comunicação, a interpretação de tal fenômeno e a relação dos atores com o ato comunicacional são temas constantemente em pauta. As diversas análises sobre comunicação modificam-se através da história e interferem, por sua vez, nas representações que são construídas. No universo de um assunto tão vasto como a comunicação, transitam diferentes teorias que objetivam explicar o fenômeno. Essas teorias, como em qualquer outro campo de estudo, divergem, concordam e interagem entre si. Tal fator impede a elaboração de uma linearidade na história das teorias comunicacionais.

Mattelart (2006) insiste em uma “circularidade das problemáticas de pesquisa” (p. 10). Métodos, teorias e debates considerados hegemônicos durante certo período de tempo são obrigados a dividir seu espaço com objetos e problemas de pesquisa considerados obsoletos. O estudo da história das teorias da comunicação é possível em uma perspectiva que não feche essas teorias em fases arraigadas a determinados períodos históricos. As diversas compreensões sobre a comunicação são abertas e convivem, muitas vezes, em um mesmo espaço temporal.

Durante séculos o emissor foi tido como peça fundamental no agir comunicativo. Acreditava-se que a mensagem emitida era entendida pelo receptor da mesma forma como formulada e compreendida pelo emissor. Não se considerava que as diferenças individuais de cada um desses dois pólos interferissem na interpretação da mensagem. A partir dos anos 1950, alguns estudos sobre comunicação reconhecem o papel ativo do receptor. O deslocamento dos objetos de pesquisa foi fundamental para a afirmação desse viés de pensamento.

(...) se afirmaram metodologias que consagravam outras unidades de análise, a pessoa, o grupo, as relações intersubjetivas na experiência da vida cotidiana. Essas metodologias fizeram ressurgir debates –existentes desde o início das ciências do homem e da sociedade– sobre o risco de reificar os fatos sociais, sobre o papel do ator em relação ao sistema e o grau de autonomia das audiências mediante o dispositivo de comunicação (MATTELART, *Ibid*, p. 133).

A incorporação de outros elementos como objetos de análise, auxiliou na elaboração de uma teoria capaz de contestar as velhas convicções sobre a passividade

do receptor. A interdisciplinaridade foi uma característica marcante nesse processo de desconstrução e construção. Autores do campo da filosofia, sociologia, literatura, lingüística, comunicação e antropologia contribuíram com a inter-relação entre diversos campos para explicar a complexidade da comunicação.

Mattelart cita um trecho de uma conferência apresentada por Umberto Eco no Congresso Internacional de Filosofia, na qual o autor disserta sobre as relações comunicativas no contexto da arte. As interações entre artista e espectador culminam no resultado final da obra. O valor de uma produção artística aberta ao público reside em sua ambigüidade. A liberdade de interpretação é fornecida por uma obra elaborada com o final em aberto. Sua finalização só ocorrerá quando estiver em contato com o público.

Umberto Eco ligava essa questão do papel co-criador do leitor e do receptor à própria transformação da literatura e da arte, que buscam realizar a “ambigüidade como valor”, oferecendo obras manifestamente abertas a multiplicidade de significados (MATTELART, *Ibid*, p. 149).

O artista produtor sabe que estrutura, com seu objeto, uma mensagem: não pode ignorar que trabalha para um receptor. Sabe que esse receptor interpretará o objeto-mensagem perfilando todas as suas ambigüidades, mas não se sente por isso menos responsável por essa cadeia de comunicação (ECO *apud* MATTELART, *Ibid*, p. 149).

No período compreendido entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, Marshall McLuhan surge nos Estados Unidos com uma teoria que oferecia um lugar de destaque para os meios de comunicação. Dessa vez, os elementos principais a serem considerados são os meios. McLuhan afirma que tudo o que serve para unir um homem ao outro, sejam meios de transporte ou comunicação, formam o ambiente no qual o homem vive. Os meios são “extensões do homem”. Esse ambiente criado pelo homem é o que vai moldá-lo, direcionar suas concepções e seu entendimento sobre o mundo.

Para McLuhan, “o meio é a mensagem”. Independente do conteúdo, emissores e receptores, a mensagem será construída de acordo com o meio através do qual está sendo transmitida. O meio será o responsável pelos efeitos sociais produzidos por certa mensagem. Um mesmo conteúdo pode suscitar diferentes interpretações, se for veiculado por diferentes meios.

A incorporação do elemento meio para entendimento das relações comunicacionais entre os homens, fez com que McLuhan elaborasse uma metodologia própria para o estudo das interações do homem com seu ambiente social. O foco nos meios elege os mecanismos de comunicação predominantes em determinados períodos históricos como objeto principal de análise. Como exemplo desse tipo de exame, pode-

se citar a relevância dada pelo autor ao caminho seguido para a transformação de uma sociedade que se baseava na comunicação através da mídia impressa, para outra baseada na comunicação eletrônica. Tal mudança influenciou profundamente em vários aspectos do todo social.

Postulada a importância decisiva do meio de comunicação como tal na articulação do universo de mensagens veiculadas numa sociedade, e atribuído à forma de transmissão desse conjunto de mensagens um papel predominante na estruturação do modo de perceber o mundo e os homens e, por essa via, da própria ação social, abre-se a McLuhan o caminho para estudar a História moderna- ou a história toda- em função das mudanças básicas nos meios de comunicação dominantes, e a fazer previsões para o futuro próximo na mesma base. (...) Na obra de McLuhan, esse tipo de análise se manifesta na ênfase dada à importância da passagem de uma civilização moldada segundo os padrões de comunicação pela palavra impressa (analisada no livro *The Gutenberg Galaxy*) para uma outra, nossa contemporânea, cujo ponto focal é a dominância dos meios de comunicação de base eletrônica. De uma comunicação fragmentada, linear, de propagação lenta e de caráter individualizante (à qual corresponde, no plano sócio-político, o Estado Nacional Moderno e, no plano econômico, à Revolução Industrial) passa-se para outra, integrada, não-linear e de propagação instantânea (mítica) e de caráter comunitário (todos participam da vida de todos, e o envolvimento social é global: é a fase da sociedade mundial no plano sócio-político e da automação, no plano econômico) (COHN, ano 1987, p363).

Outro ponto da obra de McLuhan que expõe a relevância conferida aos meios é sua distinção entre mídias quentes e frias. Um meio será quente ou frio de acordo com sua capacidade de ser perceptível pelos receptores. Cohn (Ibid, p. 366 e 367) cita como exemplo o rádio e a televisão. Para ouvir rádio, o indivíduo necessita utilizar apenas um sentido, a audição. A atenção do espectador fica restrita a apenas um mecanismo perceptivo. O indivíduo pouco participa do processo de percepção da mensagem. Nessa perspectiva, o rádio seria uma mídia quente.

No pólo oposto, a televisão representaria uma mídia fria. A imagem transmitida por esse meio é carente em informação perceptual. Uma pequena parcela dos pontos formadores da imagem televisiva é realmente percebida. Isso exige que o telespectador participe da interpretação da mensagem. O conteúdo não está totalmente dado. Parte de sua elaboração deve-se à interação do receptor com a mensagem. Essa incapacidade de atingir profundamente o receptor e abrir espaço para sua participação faz da televisão um meio frio.

A importância dada à *temperatura* dos meios em McLuhan é tamanha que o autor chega a atribuir aos meios de comunicação a capacidade do controle social. Os indivíduos expostos aos meios frios estariam em um estado de frieza individual e social. Ao passo que as mídias quentes esquentariam os atores e os grupos sociais. A utilização

de determinados tipos de mídias seria capaz de determinar o comportamento de sociedades inteiras. Voltamos aqui, à antiga teoria da recepção passiva citada no início do texto.

Para fugir às influências de mídias indesejáveis o caminho seria a adoção de outro meio de comunicação. Na perspectiva do meio como mensagem, apelar para uma modificação dos conteúdos não seria uma alternativa válida. Os conteúdos têm pouco peso nessa fórmula, o que realmente atinge o indivíduo de forma tão profunda, a ponto de modificar seu comportamento e suas relações com o meio, é a forma como a mensagem é veiculada. Ao transformar espectadores da televisão, resfriados devido ao contato constante com essa mídia, em ouvintes de rádio, vislumbra-se a possibilidade de esquentar esses indivíduos. Somente um meio de comunicação pode defender um indivíduo dos efeitos de outro.

Segundo Cohn, esse é o aspecto mais frágil da obra de McLuhan. A passividade do espectador fica visível. O receptor estaria completamente exposto aos interesses dos veiculadores das mensagens.

Os meios de comunicação são suscetíveis de controle, mas somente através daqueles que detêm o domínio dos próprios *media*, e não do lado dos consumidores das mensagens que eles veiculam. Seguramente estamos nos aproximando, diz ele em *Understanding Media*, de um “mundo automaticamente controlado a ponto de se poder dizer: ‘menos seis horas de rádio na Indonésia na próxima semana, ou haverá uma forte queda de atenção literária’, ou: ‘podemos programar 20 horas de tv a mais para a África do Sul na próxima semana, a fim de esfriar a temperatura tribal, elevada pelo rádio na semana passada.’ Culturas inteiras poderiam então ser programadas para manter o clima emocional estável, da mesma forma como estamos em vias de conhecer algo a propósito da manutenção do equilíbrio nas economias comerciais do mundo.” (COHN, *Ibid*, p368).

O que se observa em McLuhan é um exemplo das teorias mecanicistas que durante muito tempo se evidenciavam no panorama comunicacional. A gigantesca força conferida aos meios e sua capacidade de controlar populações inteiras desloca o enfoque, os objetos e a compreensão da importância do receptor na construção da mensagem. A idéia, defendida por Mattelart, de que a história da comunicação é feita de encontros, desencontros e rupturas, e não por uma linearidade, é confirmada com a obra de McLuhan.

Durante o período de ascensão de teorias que vislumbavam outros objetos e métodos, surge a idéia de que “o meio é a mensagem”. O sucesso da obra de McLuhan não significou um retorno de todo o campo de estudos da comunicação ao enfoque nos meios. As idéias do autor dividiram espaço com outra infinidade de caminhos para a

compreensão do fenômeno. De acordo com Cohn, a teoria do autor teve bastante receptividade nos Estados Unidos. A idéia do controle através da mídia encaixava-se perfeitamente no contexto norte-americano.

Efetivamente, por detrás da construção obscura das suas obras, McLuhan compôs uma “utopia tecnológica”, que retoma e articula os temas mais íntimos da mentalidade de uma nação cuja grandeza tende a se confundir com o domínio da técnica, e que vê o seu destino como aquele do mundo todo. No mundo esboçado por McLuhan, o problema do controle dos meios de comunicação pelo homem, que parecia ser o tema inicial de sua obra, em breve se converte na questão do controle dos homens através dos *media*, e das condições da programação dessa forma nova e profunda de domínio global a um nível planetário (Cohn, *Ibid*, p. 368).

O controle da técnica, elemento tão necessário no atual campo sócio-econômico, era algo que fascinava os Estados Unidos. O país, que tem no seu sistema econômico um de seus principais valores, comungaria com a teoria McLuhiana, não apenas por uma questão de similaridade, mas por uma causa prática. A preocupação inicial de McLuhan em denunciar o domínio da comunicação de seus conteúdos e sentidos, por um pequeno grupo de pessoas que detinham o controle dos meios comunicacionais, foi subvertida.

O encanto que sua obra exerceu sobre publicitários, por exemplo, se justifica pelo imenso poder de convencimento atribuído aos meios. A revelação sobre a capacidade persuasiva dos *media*, fez brilhar os olhos dos envolvidos com a indústria e o comércio em geral. Seguindo o caminho inverso do proposto pelo autor, a obra foi utilizada para embasar projetos publicitários. Elegendo-se o *media* correto para veicular suas mensagens, o sucesso de determinado produto a ser lançado no mercado estaria garantido.

Segundo Cohn, o grande problema do autor é quando desloca seu enfoque da importância de uma conscientização coletiva sobre a influência dos meios para uma análise individual da estrutura e potência de cada uma desses meios. Ele abandona as tentativas de uma solução política para criar uma solução técnica. Ao elaborar essa resolução deu margem a uma utilização indevida de sua teoria, frente aos objetivos iniciais de sua obra.

Ao substituir o tratamento do problema da *consciência social* de um fenômeno por aqueles dos *mecanismos de percepção individual*- que, ainda quando explicados, seguem sendo subliminares- McLuhan fechou o seu campo de análise e parou a meio caminho de uma solução *social* (no limite, *política*) ao nível da ação consciente dos grupos sociais

envolvidos, para ficar no plano de uma solução *técnica* (ainda que também tendencialmente *política*) do problema do controle dos efeitos dos media (Cohn, Ibid, p. 370).

Analisando a visão de McLuhan sobre o papel passivo do receptor, pode-se dizer que dificilmente sua obra vislumbrou uma solução verdadeiramente social e política, como propõe Cohn. A interpretação do receptor como sujeito passivo, e facilmente manipulável, retira desse indivíduo a capacidade de criticar e conscientizar-se sobre sua condição. A visão do consumidor das mensagens como tábula rasa, totalmente afetado pela potência dos *media*, insere o receptor em um plano distante da conscientização. A não consideração desse ator como alguém que possui uma individualidade, uma visão própria do mundo e formas pessoais de interpretação de mensagens é o que dificulta reconhecer alguma consistência no ideal McLuhiano de solução política.

A compreensão dos meios como principais elementos da comunicação devido a sua força persuasiva e seu papel de auxiliador do homem na construção do ambiente social institui um papel secundário para as pessoas envolvidas no processo. A eleição dos meios como objeto de pesquisa confere aos indivíduos uma escala inferior. Como propor uma solução verdadeiramente política em uma teoria que se funda na idéia de que os meios são os responsáveis principais pela comunicação? Tal proposição é muito difícil de ser elaborada, pois a própria teoria apresenta elementos que impedem essa construção.

O exemplo de McLuhan foi utilizado para explicitar as motivações e a importância do deslocamento proposto por Jesús Martín-Barbero. O contraste entre as duas teorias e os objetos de estudo eleitos por cada uma delas são relevantes na justificativa da escolha pela obra de Martín-Barbero para embasar a metodologia desse estudo.

De acordo com Martín-Barbero (2008), a comunicação está tornando-se um local relevante para se estudar as contradições, encontros e tensões vividas pelos atores e contextos sociais. As interações vivenciadas durante o ato de comunicar-se constituem em uma rica fonte de pesquisa para o estudo da comunicação como fenômeno amplo, que é elaborado conjuntamente por diversas esferas da sociedade e que, por sua vez, interfere nessas esferas que o constituem.

(...) a *comunicação* está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se podem pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva. Assim, o eixo deve deslocar-se dos meios para as mediações, isto é, para as

articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais (Martin-Barbero, *Ibid*, p. 261).

A obra de Martin-Barbero está para a América Latina assim como a obra de McLuhan está para os Estados Unidos. Uma sociedade edificada na expansão acelerada do capitalismo tem na técnica o principal instrumento para sua sobrevivência. Logo, uma teoria que confira um controle social quase que absoluto através de uma técnica de utilização dos meios de comunicação será perfeitamente adequada a esse contexto.

No pólo oposto, Martin-Barbero, nascido na Colômbia, sabe que uma teoria baseada nos meios não serve para o contexto latino-americano. Essa parte da América, onde as desigualdades sócio-econômicas são profundas e grande parte da população se vê privada de representatividade social e política, necessita de outra interpretação do fenômeno comunicativo. As tentativas de serem reconhecidos como cidadãos e a formação etnicamente plural da população, tornam necessário um deslocamento de objeto. O título da obra de Martin-Barbero, *Dos meios às mediações*, evidencia a importância dessa modificação de objeto de estudo.

Primeiramente é importante expor o que o autor entende por *mediações*. Martin-Barbero utiliza uma passagem de uma obra de García Canclini para definir o que seriam as mediações. O autor faz isso de uma forma interessante, pois compara o campo das mediações com duas outras esferas de subjetivação, *pressões externas* e *operações de afirmação étnica*. Canclini estudou esses mecanismos no contexto indígena, no qual analisa dois elementos mais detidamente, a produção artesanal e as festas.

As *pressões* são representadas, principalmente, pelo processo de empobrecimento dos camponeses. O aumento populacional e a queda do preço dos produtos agrícolas são fatores que estimulam a migração. Nesse panorama, o artesanato torna-se uma fonte alternativa de renda, sendo que, em algumas comunidades, é o principal recurso econômico. O consumo capitalista também colabora com as pressões. A constante padronização e renovação dos gostos e dos produtos fazem com que se busquem inovações no campo do artesanato. Novos desenhos e novos materiais são necessários para competirem no mercado. Tal configuração confere intensa variedade aos produtos, esse exotismo incentiva o turismo, que seria outra fonte de pressão. Por último, surge a pressão exercida pelo Estado, que eleger as danças e o artesanato como *patrimônios culturais da nação*.

A seguir, o autor delimita a esfera das mediações. Esse campo é elaborado a partir dos dispositivos adotados internamente para lidar com as pressões externas. No

caso indígena, a necessária mudança em seu processo produtivo é o que estabelece as formas de mediar sua comunicação com essas pressões.

O campo daquilo que denominamos *mediações* é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida em comunidade. (...) Fragmentado o processo de produção, ao menos pelo distanciamento entre produção e intercâmbio comunitário, separa-se o indivíduo de sua comunidade, ao se arraigar nele a necessidade de assinar seu nome em cada peça, e assim vai se dissolvendo o sentido social de seu trabalho. Os “pedaços” dispersos, os fragmentos separados de cada cultura, são integrados em tipicidades que, do nacional ao transnacional, revertem sobre as comunidades indígenas sob a forma de condutas ou necessidades de objetos industriais, sem os quais sua vida já é praticamente impossível. Justamente aquilo que as comunidades indígenas produziram, ou melhor, seus modos de produzir, é convertido em veículo mediador de desagregação: deslocamento das relações entre objetos e usos, tempos e práticas (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 266).

Finalmente, o campo da *afirmação étnica* é explicado. Segundo Martin-Barbero, esse campo se refere à capacidade de encontrar-se com sua cultura tradicional utilizando e incorporando elementos da modernidade. Mesmo vivendo em um espaço onde os objetos da cultura tradicional foram dando lugar a modernização e racionalização dos costumes e das mentalidades, essas pessoas conseguem afirmar sua identidade. O autor utiliza como exemplo os mexicanos migrados para os Estados Unidos. Durante o período de festividades, eles enviam um de seus companheiros ao seu local de origem com um gravador para registrar as músicas e os relatos. Depois, esse material é levado de volta aos Estados Unidos e o grupo ouve a gravação no decorrer do ano. O gravador, que é uma ferramenta moderna, é usado para obter e guardar elementos identitários.

O Brasil, como país mestiço e seguidor de um desenvolvimento paradoxal que exclui uma grande parcela da população em prol da modernização de uma pequena esfera da sociedade, é incorporado material e simbolicamente no contexto latino-americano. Os estudos no campo da comunicação também devem ter como objeto as mediações, em lugar dos meios. O fator de maior relevância nessa perspectiva de estudo é a análise do problema através da observação da ótica do dominado.

De acordo com Martin-Barbero, um dos paradigmas para o estudo da comunicação na América Latina surgiu na década de 1960 com Laswell. A investigação deveria seguir um viés crítico e alertar sobre as formas através das quais a *ideologia dominante* se insere na comunicação. Martin-Barbero chama essa etapa de *ideologista*. O poder de controle, que na perspectiva de McLuhan, recaía sobre os meios, passou a ser atribuído à ideologia. O responsável pelos efeitos seriam os emissores e o conteúdo das mensagens.

O resultado do amálgama de comunicacionismo e denúncia foi a esquizofrenia traduzida numa concepção instrumentalista dos meios de comunicação, concepção esta que os privou de densidade cultural e materialidade institucional, convertendo-os em meras ferramentas de ação ideológica. Com o agravante de que os meios, reduzidos à ferramentas, eram moralizados de acordo com seu emprego: seriam maus nas mãos das oligarquias reacionárias, mas se tornariam bons no dia em que o proletariado assumisse o controle (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 281).

O grande problema das teorias de Laswell e McLuhan é que analisavam o fenômeno apenas pelo viés do dominador. A preocupação em conscientizar sobre os conteúdos ideológicos presentes nas mensagens e sobre os efeitos exercidos pelos meios de comunicação, cujo controle era exercido por uma pequena parcela populacional detentora dos meios, não considerava as respostas elaboradas pelo dominado. No contexto de países que excluem grandes parcelas do acesso às necessidades básicas e representatividade sócio-política, urge uma teoria que analise as relações que os excluídos estabelecem com a comunicação.

Uma concepção “teológica” do poder - uma vez que esse era considerado onipotente e onipresente - levou à crença de que bastava analisar os objetivos econômicos e ideológicos dos meios massivos para se descobrirem as necessidades que provocavam e como submetiam os consumidores. Entre emissores - dominantes e receptores dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 282).

As tensões, encontros e desencontros percebidos nas sociedades latino-americanas são refletidas em várias esferas, inclusive a da comunicação. Longe de uma ótica mecanicista de recepção passiva, a comunicação converte-se em local de conflitos. As diferenças entre as compreensões sobre o mundo e, conseqüentemente, entre os discursos do dominador e do dominado, impedem a passividade no consumo das mensagens. Voltando à fala de Umberto Eco no início do texto, percebe-se que a mensagem é construída pelo emissor e receptor.

As diferenças entre os receptores, seus diversos contextos sociais e a infinidade de interpretações que podem ser suscitadas por uma mesma mensagem, indicam a necessidade de um olhar sobre a comunicação baseado nas mediações. Martin-Barbero salienta duas formas de mediação que são imprescindíveis para o estudo da comunicação sob essa nova perspectiva, a mediação cultural e a política.

A obrigatoriedade do deslocamento do objeto não se deve somente aos fatores econômicos e políticos. As mudanças de ordem geográfica é outro fator responsável por esse deslocamento. A perspectiva *transnacional*, que reconfigura os países da América

Latina, está modificando profundamente o campo a ser estudado. A *transnacionalização* é um dos principais elementos do atual capitalismo, que pretende universalizar um determinado *modelo político*. Essa nova empreitada tem na comunicação seu principal instrumento.

A atenuação das fronteiras faz com que a definição do dominador se torne opaca. O processo de homogeneização da cultura e dos modelos político-econômicos faz com que a identificação do local que emana tais influências seja praticamente impossível. Esse processo é desencadeado pela fragilidade das fronteiras, fazendo com que os modelos de ordem social, política e econômica se misturem, o que gera uma estrutura extremamente complexa. Tais fatores impedem e esvaziam o sentido das “concepções que tínhamos dos modos de luta contra a ‘dependência’ (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 285)”.

É muito diferente lutar para se tornar independente de um país colonialista, em combate frontal, com um poder geograficamente definido, de lutar por uma identidade própria dentro de um sistema transnacional, difuso, inter-relacionado e interpenetrado de modo complexo (CANCLINI apud MARTIN\_BARBERO, *Ibid*, p. 285).

Os encontros e desencontros culturais, assim como o problema da construção identitária, ocorrem em um terreno muito mais amplo e composto por uma infinidade de elementos. As relações entre diferentes culturas e modelos sociais e políticos em um mesmo ambiente, promove conflitos, parcerias, incorporações e transformações. Esse choque entre diferentes realidades dá-se através da comunicação. Esse é outro fator que demonstra a importância de tomar as mediações, estabelecidas por determinadas populações e indivíduos em sua permanência em um ambiente tão complexo, como principal foco de observação. “Como a transnacionalização opera principalmente no campo das tecnologias da comunicação- satélites, telemática- é no campo da comunicação que a questão nacional hoje encontra seu ponto de fusão (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 285).”

Esse novo panorama do problema da construção de identidades, juntamente com o fenômeno da *transnacionalização*, opera uma transformação no sentido da esfera política. De acordo com Martin-Barbero, as esquerdas latino-americanas estão vivendo um momento de *redescoberta do popular*, a visão da cultura popular como espaço de conflitos e lutas. Tal fato tem promovido a “revalorização das articulações e mediações da sociedade civil, sentido social dos conflitos para além de sua formulação e síntese

política, reconhecimento de experiências coletivas não enquadradas nas formas partidárias” (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 286).

O que se modifica com isso é a própria definição que se tinha de *sujeitos políticos*. A consideração do conflito social como resultado das próprias competências desses atores é um dos marcos desse novo paradigma. As batalhas diárias, travadas tanto na esfera econômica quanto na simbólica, fornecem elementos que irão elaborar as identidades e embasarão a compreensão que esses sujeitos têm do mundo. Esses sujeitos políticos são indivíduos que se formam em panoramas permeados pela *conflitividade* social. Nessa perspectiva, o encontro entre política e cultura merece ser considerado.

Algo radicalmente diferente acontece quando o popular assinala a percepção de dimensões inéditas do conflito social, a formação de novos sujeitos- regionais, religiosos, sexuais, geracionais- e formas de rebeldia e resistência. Reconceitualização da cultura que nos confronta com essa outra experiência cultural que é a popular, em sua existência múltipla e ativa, não apenas na memória do passado, mas também na conflitividade e na criatividade atuais. Pensar os processos de comunicação nesse sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 287).

As relações entre cultura e política a serem analisadas nesse momento, dizem respeito às concepções de política formadas culturalmente, à compreensão de *ordem na sociedade e reconhecimento mútuo* formulada no âmbito popular da cultura. Martin-Barbero analisa a proposição de José Joaquín Brunner sobre três principais acontecimentos ocorridos no panorama latino-americano que contribuíram para uma nova interpretação das formas como a política e a cultura interagem. São eles,

A experiência dos países sob regimes autoritários, nos quais os modos de resistir e opor-se procederam e boa parte dos espaços outros que não os considerados pela análise tradicional, como as comunidades cristãs, os movimentos artísticos, os grupos de direitos humanos, a compreensão de que mesmo o autoritarismo mais brutal nunca se esgota nas medidas de força nem responde somente a interesses do capital, e de que há sempre uma tentativa de mudar o sentido da convivência social transformando o imaginário e os sistemas de símbolos; e, por último, o fato de que, graças à dinâmica da escolarização e à dos meios massivos, a cultura se colocou no centro do cenário político e social (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 289).

Os fatos acima citados abrem caminho a uma nova concepção. Muitos países que viveram períodos de ditadura, e outras formas de autoritarismo, encontraram as ferramentas para construir sua resistência, no âmbito da cultura. Representações e objetos, que não estavam relacionados diretamente ao capital financeiro, religião, arte e compreensão da justiça, funcionaram como elementos de ligação entre sociedades, formando as bases da resistência. Percebeu-se que, mesmo em um panorama político tão

cerceador, existe a possibilidade de outras construções simbólicas e diferentes interpretações da realidade. A evidência da categoria *cultura*, propiciada pela escolarização e difusão da comunicação de massa, também foi de extrema importância para o reconhecimento das relações entre cultura e política.

As interações simbólicas ocorridas na esfera cultural não aconteceriam se não existisse a comunicação. Nesse sentido, a comunicação não é apenas a propagação de informações, mas sim, uma rede de construção de símbolos e sentidos. É nessa perspectiva que a comunicação deve ser observada, como espaço no qual emissor e receptor constroem significados.

Passemos agora para a inserção do objeto da pesquisa no paradigma metodológico explicado. Muito se ouviu sobre a onipotência da internet. Os discursos de que esse meio seria o mais acessado pelos consumidores e de que tomaria audiências de outros meios, como jornal, rádio e televisão, não foram poucos. Porém, o panorama midiático atual toma contornos bem diferentes do previsto. No caso específico do jornal, a internet não se tornou uma ameaça. Segundo dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ), o ano de 2005 foi marcado por uma recuperação decisiva do setor, que estava em declínio desde 2000. Em 2005 o aumento da circulação alcançou o índice de 4,1% . Já em 2004 o crescimento foi de apenas 0,8% .

Com o progressivo aumento do número de leitores, algumas empresas decidiram alcançar novos nichos do mercado com publicações para outros públicos. Nesse período de otimismo, foram lançadas publicações voltadas para as camadas populares. Jornais com preço mais acessível, geralmente cinquenta centavos, e com conteúdo adequado a essa clientela.

Diante da retomada da atividade econômica no Brasil, diversas empresas jornalísticas lançaram no ano passado títulos voltados para as camadas da população de menor poder aquisitivo, investimentos realizados tendo em vista que foi exatamente nessa faixa da população que ocorreu o aumento de circulação de jornais diários. O Instituto Verificador de Circulação (IVC), principal entidade de auditoria de vendas da mídia impressa no Brasil, comprova que os jornais populares cresceram 7% em 2005.

Além de atingir novas camadas da população que não tinham o hábito de leitura de jornais, oferecendo preços de capas mais baratos e matérias que atendem aos anseios desses públicos, as empresas do segmento de jornais passaram a atacar novos nichos de mercado, como é o caso de jornais regionais e esportivos (site GRAPHPRINT, 2009).

Os jornais *Meia-Hora* e *Expresso* foram lançados nesse contexto. O primeiro no ano de 2005 e o segundo em 2006. Esses jornais, originalmente voltados para as classes populares, apresentam uma estrutura bastante peculiar em suas capas. Três elementos sempre aparecem em sua configuração, o futebol, a violência, acompanhada da tragédia,

e o erotismo. Esses temas são geralmente apresentados por fotografias e manchetes, sendo que as imagens ocupam um lugar de maior destaque.

O futebol, na maior parte das vezes, é reduzido à abordagem de apenas um time, o Flamengo. As vitórias desse time são comemoradas pelo jornal, suas derrotas não são tão abordadas e os seus adversários que são derrotados, são apresentados com comentários em tom de chacota. O sucesso do time entre as camadas populares pode ser observado também por duas publicações direcionadas exclusivamente para esse público, o *Jornal da Nação* e o *Vencer, vencer, vencer*, jornais que tratam exclusivamente do Flamengo e que também custam cinquenta centavos.

O segundo tema presente na capa dessas publicações é a violência e a tragédia de forma geral. Imagens apresentando cadáveres, detentos espancados e policiais com armas em punho, são frequentemente expostas. O tom de anedota das manchetes é outro fator que chama a atenção. Episódios trágicos e crimes brutais são tratados de forma sarcástica. Como ilustração, pode-se citar o caso de um homem assassinado pelo amante de sua esposa, “Descobriu o chifre e cortou a mesada da infiel. Levou bola nas costas, reclamou e acabou morto pelo Ricardão.” (Meia-Hora, 18/01/2008, anexo p. 04). Uma diferente característica desse campo é a exploração da tragédia. Acidentes, inundações e outros acontecimentos dramáticos, são apresentados nas capas.

O terceiro elemento é o erotismo. Fotos de mulheres, geralmente famosas, em trajes mínimos e poses provocantes são comuns. Fotos de ensaios eróticos, atrizes flagradas com vestidos curtíssimos ou modelos que foram vistas sem roupa íntima são as peças que constituem esse campo. Os detalhes sexuais de romances em evidência, como os de participantes do *reality show Big Brother Brasil*, também são abordados pelo jornal. O tom de anedota também acompanha essas notícias, como permeia o conteúdo do jornal. O *Meia-Hora* possui uma publicação semanal com conteúdo erótico, *Gata da Hora*. A capa do jornal é comumente utilizada para divulgar essa revista.

Esses três campos expostos na capa representam os temas principais abordados pelo jornal. O contato do leitor com a capa já lhe fornece a idéia de todo o conteúdo da publicação. Ao observar as bancas de jornal de duas cidades, Rio de Janeiro e Niterói, percebe-se que há uma grande quantidade de leitores que param para observar a vitrine da banca, onde estão expostos os jornais. Muitas pessoas param, vêem e lêem a primeira página dos jornais e vão embora sem comprá-los. Os motivos para a não compra podem ser variados, mas apenas um será analisado. Não é necessário comprar os jornais, pois o

principal já está na capa. Uma leitura rápida, que raramente ultrapassa cinco minutos, já é o suficiente para ter acesso a algumas informações. O slogan do jornal mostra a objetividade do periódico, “Expresso -Direto ao que interessa”.

A pesquisa propõe-se a analisar o público desses jornais. O próprio jornal institui o que é de interesse do público e, notadamente, os temas propostos despertam a curiosidade dos leitores. A questão principal seria por que as camadas populares sentem tão atraídas pelo conteúdo desses jornais? Quais são as mediações estabelecidas com um conteúdo determinado por um elemento externo, no caso, as empresas que publicam os periódicos?

Baseada em uma interpretação do interagir do leitor com os jornais, o estudo seguirá a perspectiva de Martin-Barbero O foco nas mediações, ao invés dos meios. A compreensão do universo simbólico que se estabelece na relação entre leitor e jornal prescinde uma ótica que insira emissor, meio e receptor em um mesmo patamar.

O local escolhido para o trabalho de campo foi a banca de jornal. O hábito da leitura das capas dos jornais, muito comum nos centros urbanos, foi o que motivou a escolha. Uma das vantagens foi a possibilidade da execução da entrevista no momento exato em que o leitor estava interagindo com os jornais. A praticidade de ter o jornal presente e utilizá-lo durante a conversa com o leitor também foi um fator relevante.

Outro ponto interessante foi a percepção da peculiaridade dos leitores desses periódicos. Nas primeiras visitas a campo foi notada a particularidade desse setor de consumidores. A variedade de jornais expostos nas vitrines é imensa, assim como a variedade de leitores. Porém, as pessoas que foram surpreendidas lendo os periódicos estudados, na grande parte dos casos, exerciam profissões de baixo rendimento econômico e eram moradoras de bairros periféricos. O direcionamento do conteúdo e estrutura do jornal para classes populares realmente atingiu essas camadas.

Os três principais focos dos jornais não são temas que interessam exclusivamente a essas camadas. Mulheres bonitas e famosas despertam o interesse de um grande público, isso pode ser observado através da grande quantidade de revistas especializadas em nu feminino. O futebol é outra temática que interessa uma grande parcela da população. Os jornais especializados e os cadernos de esportes presentes em quase todos os jornais podem confirmar essas afirmativas. Os crimes e tragédias são expostos diariamente nos mais variados tipos de jornais, impressos, radiofônicos e televisivos.

O estabelecimento de um nicho tão particular de leitores poderia ser explicado não somente pelos temas escolhidos, mas também, pelo tratamento dispensado a esses temas. Os jornais analisados são os únicos que possuem esses temas como assuntos exclusivos. Outros jornais passam por essas temáticas, mas não lhe dedicam tanto destaque. Essas publicações são as únicas que conferem um elevado grau de importância a assuntos que em outros jornais, como *O Globo*, encontram-se no caderno de entretenimento. Como exemplo, pode-se citar o *Expresso* de 04/03/2009. A manchete de maior destaque na capa dissertava sobre a rivalidade entre duas modelos, nomeadas como “a sobrinha de Gretchen” e a “afilhada de Rita Cadillac”, que disputavam o título de *rainha do bumbum*.

A eleição de temas aparentemente superficiais para ocuparem um lugar de destaque é uma característica típica desses jornais. Outro questionamento foi como o leitor vê esses assuntos? Que relevância o contato com esse universo tem em sua vida? A pesquisa de campo mostrou que as temáticas e elaboração dos jornais atingiram uma camada específica da população. Isso não significa que os leitores desses jornais o são porque o jornal impôs seu conteúdo e forma, e conseguiu manipular a atenção do público previsto. Pretendemos seguir uma perspectiva inversa.

Contrariando o pensamento exposto acima, desejamos trilhar um caminho que se inicia com o universo do leitor. Nesse caso, pensamos que o jornal foi elaborado de acordo com o mundo do leitor. Os interesses dessas camadas pelas publicações não se explicaria pela manipulação exercida pelo meio de comunicação, mas pela comunicação direta que o jornal estabelece com seu universo. O que será analisado são as relações construídas entre leitores e publicações. Para isso, é fundamental o estudo das mediações e simbolismos elaborados pelos leitores. Uma ótica que privilegie o público será imprescindível para a estruturação dessa análise.

## CAPÍTULO II

### POPULAR – HISTÓRIA E REPRESENTAÇÃO

#### O popular e sua inserção na esfera da cultura

Povo, popular e popularidade. Três expressões que delineiam diferentes configurações de um mesmo objeto. Os sentidos do popular, as diversas esferas pelas quais ele transita e sua constante metamorfose, fornecem um vasto panorama para sua compreensão. O sentido político denotado por *povo*, as cisões entre culto e popular e a atual miscigenação entre popular e massivo, são pontos relevantes na trajetória dessas categorias. Traçar um breve histórico sobre as conceituações que cercam o popular torna-se tarefa fundamental.

Jesús Martin-Barbero (2008) elaborou um detalhado estudo sobre o *povo* e o *popular* enquanto categorias históricas. O *popular na cultura*, compreensão do movimento romântico, e o *povo na política*, de acordo com a Ilustração são algumas de suas problematizações. O povo seria o grande legitimador do governo. Não por lhe ser atribuído algum reconhecimento, e sim por constituir-se em maioria. A idéia da vontade geral vista em Rousseau, expõe a relevância dessa vontade para o estabelecimento da sociedade. O povo tanto é produto quanto emissor dessa vontade.

Ao mesmo tempo em que se institui a importância do povo na sociedade, propiciando sua inclusão, ocorre um movimento paradoxal. O povo deve existir apenas na esfera política. Na esfera da razão e da cultura o povo assiste sua exclusão. Utilizado estrategicamente ao favorecer uma base sólida para o nascimento da sociedade moderna, o povo é reconhecido como segmento incapaz de produzir cultura e conhecimento. “A racionalidade que inaugura o pensamento ilustrado se condensa inteira nesse circuito e na contradição que encobre: está contra a tirania em nome da vontade popular, mas está contra o povo em nome da razão.” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 34).

Nesse momento surge a oposição entre as idéias de popular e culto. A primeira se refere às manifestações do povo e a segunda à classe burguesa. O nascimento da expressão popular ocorre concomitantemente à exclusão do seu produtor, o povo, da esfera da cultura, do culto. A cisão entre esses segmentos persiste ainda hoje. Expressões como *você não tem cultura* ou *ele é muito inculto*, revelam a compreensão

da cultura como movimento do campo exclusivamente erudito. Tendo sua produção viável apenas para certas camadas sócio-econômicas.

O movimento romântico apresenta outra compreensão do povo embasada pelas três visões que se seguem.

A da exaltação revolucionária, ou ao menos de seus ecos, dotando a chusma, o populacho, de uma imagem em positivo que integra duas idéias: a de uma *coletividade* que unida ganha força, um tipo peculiar de força, e a de *herói*, que se levanta e faz frente ao mal. Uma segunda via: o surgimento, e exaltação também, do nacionalismo reclamando um substrato cultural e uma “alma” que dê vida à nova unidade política, substrato e alma que estariam no povo enquanto matriz e origem telúrica. E, por último, uma terceira via; a reação contra a Ilustração a partir de duas frentes: a política e a estética. Reação *política* contra a fé racionalista e o utilitarismo burguês, que em nome do progresso converteram o presente em um caos, em uma sociedade desorganizada. (...) E reação, ou melhor, *rebelião estética*, contra a arte real e o classicista princípio de autoridade, revalorizando o sentimento e a experiência do espontâneo como espaço de emergência da subjetividade. (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 36).

Frente ao movimento romântico, as expressões vindas do povo ganharam representatividade. A força do povo, propiciada por sua união e seus contornos de herói revolucionário, denotavam um existir político que ia muito além da mera subserviência ao estado civil. Sua forma de ação estaria intimamente ligada à revolução. A necessidade da criação de um nacionalismo material, que surgisse espontaneamente do povo e que revelasse seus ideais e representações sobre o mundo e a vida, era outro fator que lhe conferia visibilidade. Finalmente, a criação de outro espaço político e estético que se posicionasse contra o racionalismo, o utilitarismo e o classicismo. A resistência era necessária para o nascimento de uma esfera legitimamente popular.

Esses fatores não foram os únicos a propiciar a inserção das manifestações populares no âmbito da cultura. A mudança da compreensão da palavra *cultura* também foi um fator decisivo. Barbero exemplifica essa transformação com a obra *Idéias para uma filosofia da história da humanidade*, escrita em 1784 por Heder.

(...) onde estabelece a impossibilidade de compreender a complexidade da evolução da humanidade a partir de um só princípio, e tão abstrato como a “razão”, e a necessidade então de aceitar a existência de uma pluralidade de culturas, isto é, de diferentes modos de configuração da vida social. (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 37).

O rompimento da compreensão do mundo sob uma única ótica, a da razão, e o entendimento da existência de várias culturas auxiliaram o movimento romântico. A importância do romantismo se justifica por sua característica de resistência, ao propagar a idéia de que, para além da cultura oficial, outras culturas são possíveis.

## **Movimento anarquista- relevância e ressignificação**

A nova representação sobre o povo, gerada pelo movimento romântico, sofre intensas modificações ao longo do século XIX. Em um dos pólos, anarquistas e marxistas o substituem pelo conceito de *classe social*. No pólo oposto a burguesia troca *povo* por *massa*. As relações entre essas duas expressões substitutas e suas configurações são fundamentais no delineamento do *popular*.

Segundo Barbero "(...) através das lutas os anarquistas se ligam à *cultura popular*". (2008, p. 43). A cultura do povo foi salientada por possuir valores favoráveis à batalha a ser travada entre trabalhadores e classe burguesa. O plano cultural seria apenas um degrau para conquistas políticas, sendo um mero coadjuvante do político. Cumpre reconhecer que, mesmo delegando à esfera cultural um papel utilitário, o movimento anarquista promoveu a valorização da *cultura popular*.

A compreensão anarquista do popular transita entre a concepção romântica da sociedade e os movimentos revolucionários. Barbero ressalta algumas características dos movimentos marxista e anarquista que são contrastantes entre si. Logo, o movimento anarquista se baseia na luta do povo contra a burguesia, uma batalha contra todas as formas de opressão. O marxismo, entre outras possibilidades, enxerga as contradições sociais pelo viés econômico, o processo de expropriação dos meios de produção e a conseqüente venda da força de trabalho. A exploração dos proprietários dos meios de produção sobre os trabalhadores é a genuína opressão do sistema capitalista.

Uma mistura entre idéias revolucionárias e pensamento romântico configura o anarquismo. A valorização da *natureza justa* do povo servirá como ponto de apoio para a luta pela justiça social.

(...) a verdade e a beleza *naturais* que os românticos descobriram no povo se transformam agora nas "virtudes naturais" que são seu "instinto de justiça", sua fé na Revolução como único modo de conquistar "sua dignidade".

A conexão do movimento libertário com os românticos se produz sobre vários registros. Há um componente romântico indubitável na realização das *virtudes* justiceiras do povo. Ele é a parte sã da sociedade, a que, em meio à miséria, tem sabido conservar intacta a exigência de justiça e a capacidade de luta (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p.42 e 43).

A história do povo e as memórias ali implícitas são uma referência para o projeto revolucionário anarquista. Esse ocorreria em continuidade com a trajetória do povo. As características do povo, justo e virtuoso, seriam primordiais para o movimento

libertário. A Revolução seria uma continuidade, e não uma ruptura, da história do povo. Seus ideais, sentimentos e caráter, convergiam para a luta. A batalha entre as classes era o próximo passo no caminho trilhado por esse grupo de atores.

Ao contrário desse pensamento, os marxistas, frente às intensas modificações ocorridas nos mecanismos produtivos, reclamavam a urgência de uma ruptura também no campo da luta. As formas de luta próprias do povo não estavam adequadas ao novo panorama sócio-político e econômico. Era preciso uma reformulação das batalhas populares para que essas pudessem estar adaptadas ao novo contexto social.

Martin-Barbero estabelece três pontos fundamentais que delineiam as novas relações entre povo e cultura inauguradas pelo movimento anarquista. São eles,

(...) um primeiro traço-chave dessa imagem é a lúcida percepção da cultura como espaço não só de manipulação, mas também de conflito, e a possibilidade então de transformar em meios de liberação as diferentes expressões ou práticas culturais.

Uma segunda linha de trabalho a resgatar é a preocupação por elaborar uma estética anarquista, e na qual o traço primordial será por sua vez, e por paradoxal que possa soar, popular e nietzschiano: a continuidade da arte com a vida, encarnada no projeto de lutar contra tudo o que separe arte da vida, visto que, mais do que nas obras, a arte reside é *na experiência*.

E a partir da estética, mas apontando muito mais "longe", encontra-se a percepção anarquista da nova problemática cultural estabelecida pelas relações entre arte e tecnologia (...). (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 44 e 45)

O primeiro fator se refere ao reconhecimento de uma cultura genuinamente popular. O povo não era meramente influenciado pela cultura da classe burguesa. Esse grupo de atores também produzia e vivenciava suas próprias manifestações culturais. Diferente de sofrer um controle burguês nessa esfera, as várias possibilidades de expressão do povo eram vistas como geradoras de uma resistência. Essa poderia servir como uma via para o movimento libertário.

O segundo aspecto relaciona-se com a criação de uma *estética anarquista* que incluiria o povo como produtor de arte. A perspectiva artística compreendida como algo empírico, prático e concreto, vai de encontro ao rigor técnico e ao padrão estético burguês. A experiência artística permeia a vida de todos, mesmo aqueles que nunca tiveram contato com uma obra artística. O entendimento da arte como experiência subjetiva, embasa a estética anarquista.

O último ponto aborda as novas representações sobre arte e tecnologia, essa se incluiria primeiramente como tema, servindo para representar os elementos materiais símbolos da modernidade. A próxima tarefa da arte seria testemunhar sobre as profundas modificações sociais inauguradas pelo advento da modernidade. Revelar as

relações e não somente objetos representativos. Trata-se de substituir a importância da beleza da obra, pela relevância de atribuir significado à expressão artística. Esse conceito de arte interessa às classes populares, uma arte que não serve apenas a prazeres estéticos, mas uma arte que faz pensar.

O movimento anarquista foi uma continuidade do romantismo no que concerne à representação do popular. Porém revelou uma superação. A importância do cultural foi elevada, sua incorporação ao plano político reconfigurou sua conceituação. A existência política das massas se restringia ao papel de substrato para o estado moderno. O reconhecimento da cultura do povo como espaço de conflito e libertação significou a ampliação dos espaços de ação popular.

### **Massificação cultural- A passagem do medo para a desilusão**

A partir da década de 30 do século XIX, ocorre um movimento que promove uma reflexão sobre o novo espaço a ser ocupado pelas multidões. Esses grupos, anteriormente, eram considerados como ocupantes de um local à margem do todo social e cujas revoltas e lutas constituíam uma ameaça à integridade social. Nesse novo momento as multidões deslocaram-se para *o lado de dentro* da sociedade. Criando suas próprias concepções, estabelecendo formas específicas de vida e gerindo manifestações culturais particulares, eram considerados uma ameaça à ordem tradicional.

Nessa nova representação as multidões serão vistas como massas. O termo massa sugere uma mistura de elementos diversos que se combinam em uma homogeneidade. Barbero toma o pensamento de Tocqueville como caminho para o entendimento dessa nova conceituação. Tocqueville vê a inserção das multidões na velha ordem social como um dos germes da democracia moderna. O autor considera esse modelo como paradoxal. O acesso igualitário aos bens e a valorização dos ideais das maiorias promoveriam posturas autoritaristas. As liberdades individuais estariam comprometidas pelo poder de decisão das maiorias.

Mas a democracia de massas traz em si mesma o princípio de sua própria destruição. Se democrática é uma sociedade na qual desaparecem as antigas distinções de castas, categorias e classes, e na qual qualquer ofício ou dignidade é acessível a todos, uma sociedade assim não pode não relegar a liberdade dos cidadãos e a independência individual a um plano secundário: o primeiro será sempre ocupado pela vontade das maiorias. E desse modo o que vem a ter verdadeira importância não é aquele em que há razão e virtude, mas aquele que é querido pela maioria, isto é: o que se impõe unicamente pela quantidade de pessoas. (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 54).

Tocqueville reflete sobre a impossibilidade de combinar liberdades individuais e igualdade social. "O que faz mais opressivo esse poder adquirido pela maioria é que sobre ela Tocqueville projeta a imagem de uma massa ignorante que sacrifica permanentemente a liberdade em altares da igualdade e que subordina qualquer coisa ao bem-estar" (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p.54). Esse entendimento sobre o regime democrático embasará o conceito de sociedade de massas. A multidão transformada em massa é vista como algo maleável e que pode ser moldada de acordo com os interesses da maioria.

A sociedade de massa seria algo que rejeitaria o indivíduo, sendo o coletivo o que deveria prevalecer. Tal processo viabilizaria uma homogeneização da cultura. O avanço do reconhecimento do povo como produtor de cultura viu-se diante de uma transformação do conceito de povo em massa. Seria essa massa, política e socialmente homogênea, capaz de vivenciar uma liberdade cultural? Essa era a grande questão de Tocqueville.

Segundo Barbero, Engels em *As condições da classe trabalhadora na Inglaterra* mostra uma visão bastante otimista com relação às massas. De acordo com o autor, Engels "vê na massificação das condições de vida o processo de homogeneização da exploração a partir da qual se faz possível uma consciência coletiva da injustiça e da capacidade das massas trabalhadoras para gerar uma sociedade diferente." (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 55) Tal expectativa assustava a burguesia que via nas massas um prenúncio da desestabilização da ordem estabelecida.

O fenômeno do surgimento das massas chama a atenção pela entrada desses grupos na *sociedade* bem como pela grande quantidade de pessoas que se enquadram no que seriam as massas. Essa perspectiva faz crescer na classe burguesa um desejo de contenção e controle desses agrupamentos. Esses grupos possuem um modo bem peculiar de convivência marcado pela agitação e desordem. Tal forma de vida facilitaria a percepção da *alma coletiva* das massas. A definição de massa esclarece suas representações na época:

(...) um *fenômeno psicológico* pelo qual os indivíduos, por mais diferente que seja seu modo de vida, suas ocupações ou seu caráter, estão dotados de uma alma coletiva que lhes faz comportar-se de maneira completamente diferente de como se comportaria cada indivíduo isoladamente. Alma cuja formação é possível só no descenso, na *regressão até um estado primitivo*, no qual as inibições morais desaparecem e a afetividade e instinto passam a dominar, pondo a "massa psicológica" à mercê da sugestão e do contágio. (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p.56 e 57).

Essa compreensão das massas as reconhece como o retrato do retrocesso. A forma de construção do conhecimento desses grupos, baseada no senso comum e nas crenças, feria um dos princípios fundamentais da época, o racionalismo. Os estágios ultrapassados pelo homem até que chegasse ao patamar da razão, todo o histórico de elaboração do homem racional é ameaçado pelo imenso contingente humano que se encontra em um estado primitivo.

Como marco do início da superação desse conceito de massa, Barbero cita a obra de Tarde, *L'Opinion et la foule*, lançada na virada do século XIX. "em lugar de ter como espaço de compreensão de seu estatuto social o religioso, as crenças se recolocam no espaço da *comunicação*, de sua circulação na imprensa. A massa é convertida em *público* e as crenças, em *opinião*." (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 59 e 60). O público será compreendido como formado pela opinião, um *efeito psicológico da difusão da opinião*.

Frisa-se que no discurso de Tocqueville, percebe-se um sentimento de desencantamento com relação às massas. Antes o povo não passava de grupos marginais dispostos a revoltas e batalhas por melhores condições de vida. Grupos vistos como barris de pólvora prestes a explodir. Nesse momento a burguesia nutria-lhe dois sentimentos, asco e medo. Com a expansão industrial e a conseqüente liberdade de circulação dos trabalhadores em um número maior de espaços, a classe burguesa muda sua visão sobre as recém-formadas massas. O medo desaparece e o que fica é uma espécie de desilusão frente às formas de organização do conhecimento e aos aspectos culturais desses grupos. Entretanto a repugnância permanece.

Barbero utiliza a metafísica do *homem massa*, de Ortega, para ilustrar a concepção das massas no imaginário burguês. O caminho dessa análise começaria pelos aglomerados de pessoas e terminaria na *dissecação de sua alma*.

O exterior, ou seja, a história, está formado pelo crescimento demográfico e pela técnica, que têm seu lado bom "no crescimento da vida" - a vida média se move a uma altura superior, pois tem-se ampliado o repertório de possibilidades da maioria - e seu lado mau na aglomeração - "essa invasão pelas massas de todos os lugares, inclusive dos reservados às minorias criativas" - e na especialização que desaloja cada homem de ciência a "cultura integral". (...) Ortega nos espera com uma fórmula que o resume inteiro: "A rebelião das massas é a mesma coisa que Rathenau chamava de *a invasão vertical dos bárbaros*". Ou seja, o retorno daquela definitiva Idade Média que não é a histórica, pois não está no passado, mas no futuro-presente, e seus bárbaros invadindo-nos agora *verticalmente*, quer dizer, *de baixo para cima* (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 61 e 62).

A especialização do trabalho, vivenciada diariamente pelo *homem massa*, o impede de desenvolver-se integralmente. É visível a desilusão e aversão de Ortega com relação à liberdade de circulação das massas. Os *lugares reservados às minorias criativas* seria a esfera da produção cultural. O *homem massa* medíocre e carente de poder criativo não era tido como capaz de manifestar algo que pudesse ser inserido na esfera da cultura. Esse papel estava reservado somente às camadas médias, formada por pessoas livres do contato com o trabalho especializado e, conseqüentemente, detentoras de uma gama mais ampla de possibilidades de criação cultural.

As tentativas das massas de visibilidade cultural representavam uma afronta, uma invasão de bárbaros. A produção cultural devia estar reservada somente às classes mais abastadas. A entrada do popular no âmbito cultural era inaceitável. Entretanto a burguesia cria um tipo de arte que será sua grande vingança contra as pretensões artísticas das massas, a arte moderna. No momento em que as camadas populares começam a ver suas produções *elevadas ao patamar* de arte e cultura, a classe burguesa reconstrói toda a configuração da arte.

Essa nova arte, ainda incompreendida pelas massas, seria a prova maior de que esses grupos são incapazes de apreciar e manifestar-se artisticamente. Provocando aversão e incômodo nas camadas populares, a arte moderna rompe a aliança entre arte e sociedade.

A arte moderna resulta assim essencialmente impopular porque se ergue contra as pretensões – os direitos- dos que se crêem as massas, produzindo sua incompreensão ou repugnância, incompreensão a que o artista responde exacerbando sua hostilidade e sua distância. (...) No fundo, ao separar-se da vida, o que se passa com a arte é que se encontra consigo mesma: a poesia se faz pura metáfora e a pintura pura forma e cor (MARTIN-BARBERO, *ibid*, p. 63).

Pierre Bourdieu (1974) disserta sobre a relação entre bens culturais e simbólicos e instituição de uma cultura de classe. De acordo com o autor, cada classe social possui objetos, representações e códigos que as diferenciam umas das outras. A peculiaridade cultural e simbólica de cada camada social cumpre um papel de diferenciadora das classes. Outro aspecto observado é a identificação dos membros de uma classe através de objetos, saberes e comportamentos. Tais bens são usados como ferramentas para selecionar indivíduos que pertencem ou não àquela classe.

A participação em uma cultura comum, quer se trate de esquemas verbais, admirações ou experiências artísticas, constitui certamente um dos fundamentos mais

seguros da cumplicidade profunda que une os membros das classes dominantes a despeito das diferenças de situação profissional e de condição econômica (BOURDIEU, 1974, p. 216).

A modificação profunda nos padrões artísticos, promovida pela arte moderna, pretendeu afastar as grandes massas do contato com o que se considerava genuinamente artístico. Ao criar uma nova configuração estética, que se diferenciava profundamente da que começava a ser conhecida pelas massas, a burguesia retira essas camadas da única esfera comum entre massas e burguesia, a esfera cultural.

No momento em que, ao invés de pensar em seus interesses individuais, ele [o burguês] pensa em seus interesses de classe, passa então a ter uma necessidade de uma cultura capaz de diferenciar uma elite, uma cultura que não seja puramente utilitária, uma cultura de luxo (BOURDIEU, Ibid, p 220).

A necessidade de diferenciar-se das grandes massas foi um dos principais fatores para essa reestruturação da arte. A questão do utilitarismo, discutida por Bourdieu, pode ser transferida para o campo da arte. Para as massas, o acesso às obras de arte cumpria a função de propiciar-lhes a inserção na esfera da cultura e seu reconhecimento como grupo capaz de manifestar-se artisticamente. A arte a ser produzida e consumida pelas massas, de acordo com o movimento anarquista, era a arte que abordasse as profundas desigualdades sociais e as condições da classe trabalhadora. A arte seguiria uma perspectiva utilitarista, pois seria mais uma ferramenta para a emancipação dessas camadas. Como já foi dito anteriormente, deveria ser uma arte para fazer pensar, conscientizar a população.

Por outro lado, a concepção de arte burguesa seguia uma linha mais próxima do hedonismo. A arte deveria consistir em uma experiência ligada aos sentimentos e subjetividade. A importância da beleza da obra superava seu significado. Com a reinvenção da arte, promovida pela arte moderna, essas obras voltam a ser artigos de luxo no sentido de serem reservadas a poucos. “Cultura criativa, a nova arte é a vingança da minoria que, em meio do igualitarismo social e massificação cultural, nos torna patente que *ainda há ‘classes’* (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 63).

Outro fator interessante citado por Bourdieu é o desconhecimento, por parte das camadas menos abastadas, dos bens simbólicos e culturais pertencentes às classes medianas e altas como fator que legitima a cultura comum a essas classes.

Ignorar que uma cultura dominante deve o essencial de suas características e de suas funções sociais de legitimação simbólica de dominação ao fato de que desconhecida

enquanto tal, e por isso, reconhecida como legítima, é o mesmo que ignorar o *fato* da legitimidade (BOURDIEU, *Ibid*, p. 142).

O estranhamento vivenciado pelas massas diante dessa arte, expulsou-os do campo artístico. A inauguração de uma nova configuração estética fez com que essas camadas se vissem novamente distantes da esfera da arte, que se tornou algo desconhecido para elas. A criação de uma cultura exclusiva por parte das classes médias e altas é um fator necessário para sua constituição enquanto tal. A posse de bens, objetos e códigos exclusivos é o que diferencia essas classes das outras e mantém a sua legitimidade. Ao excluir os membros de outras camadas de sua cultura, não delimitam apenas seu espaço mas também fornecem um local bastante específico para as massas, o lugar da exclusão. “O sentimento de estar excluído da cultura legítima é a expressão mais sutil da dependência e da vassalagem, pois implica na impossibilidade de excluir o que exclui, única maneira de excluir a exclusão.” (BOURDIEU, *Ibid*, p. 132).

A arte moderna é inaugurada como patrimônio exclusivo das camadas médias e altas. Algo que se opõe às concepções populares de arte e cultura. O início da massificação cultural promoveu uma abertura para o povo. O popular pôde penetrar no espaço cultural graças à massificação. O nascimento da cultura de massa embasou-se nas manifestações populares. O que antes era chamado de povo, a partir do século XIX foi nomeado massa. O que produziu diferentes representações sobre um mesmo grupo foi sua liberdade de movimento nos espaços de circulação social.

A cultura popular, do povo, estava completamente à margem. Por isso não incomodava a aristocracia de forma tão pungente. A única preocupação era representada pelo medo de invasões e revoltas. A entrada do povo no que era chamado de sociedade reelaborou sua conceituação. Agora as massas produziam uma cultura que era entendida como de massa. O acesso a outras formas de representações artísticas, que se afastavam dos moldes populares, fez com que essa cultura mesclasse aspectos burgueses e populares. Nesse sentido, uma rígida separação entre cultura popular e de massa torna-se inviável. As duas relacionam-se e alimentam-se reciprocamente.

### **Formação da cultura de massa no Brasil**

Muniz Sodré em, *A comunicação do grotesco* (1972), disserta sobre a cultura de massa no Brasil. Sua formação histórica, configurações e atuais contornos são temas

presentes no debate. De acordo com o autor, a década de 30 marcou o início da cultura de massa no Brasil.

O panorama econômico brasileiro passava por transformações intensas. Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil no ano de 1930, cargo que ocuparia por quinze anos ininterruptos. Vargas administrou o projeto de implantação da indústria no país. No início de seu governo, a maior parte da população do país vivia na zona rural, cerca de setenta por cento. Alguns fatores ocasionaram um forte movimento de êxodo rural.

A produção cafeeira passava por um momento difícil. Essa fase de crise, iniciada em 1920, foi desencadeada pela excessiva produção e forte concorrência mundial. O Brasil contava com uma safra anual de 21 milhões de sacas, sendo que o consumo mundial era de 22 milhões de sacas de café. Segundo Aníbal de Almeida Fernandes (2006),

Em 1928 houve uma enorme safra, porém a exportação caiu para 13.881.000 (menos 11%) já que os Estados Unidos, França, Itália, Holanda e Alemanha, que compravam 84% da produção brasileira, estavam comprando de outros países, pois a nossa fama de exportador de café era péssima. Uma vez que se misturavam pedras, terra e gravetos para aumentar o peso das sacas, além de incluir café de qualidade inferior adulterando o produto final.

Frente a esse contexto, muitos trabalhadores rurais migraram para as cidades, que nesse momento, ofereciam oportunidades devido à implantação de indústrias no país. O projeto de industrialização, organizado pelo presidente, viabilizou a criação de indústrias fundamentais para esse novo momento atravessado pelo Brasil. Algumas delas foram Conselho Nacional do Petróleo, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Vale do Rio Doce e Companhia Hidrelétrica do São Francisco. Outro fator que auxiliou o desenvolvimento industrial do país foi a redução das importações, ocasionada pela crise mundial e pela segunda grande guerra. Esse fato fez com que a indústria do país tivesse menos concorrência estrangeira.

Tal como ocorreu com a sociedade européia, a formação das massas no Brasil estava intimamente ligada ao processo de industrialização. A saída da população do campo e a circulação das grandes massas trabalhadoras nos centros urbanos marcaram o início da formação da cultura de massa brasileira.

A década de 1930 não consolidou apenas a derrocada da Velha República brasileira, mas também o nascimento da cultura de massa no Brasil. O rádio já era mania nacional, Assis Chateaubriand criava seu império jornalístico, cresciam o proletariado e as camadas médias urbanas (formando o público de massa), surgiam os primeiros grandes projetos de autonomia industrial do país (SODRÉ, *Ibid*, p. 25).

De acordo com Sodré, existem cinco principais fatores que configuram a cultura de massa no Brasil. Essas características possuem duas origens, a cultura de massa estrangeira e antigos valores nacionais. O primeiro seria *o espírito de conciliação*. Apagando as alternativas que vislumbrem um sistema diferente, esse espírito se funda no bom senso. De acordo com essa compreensão da realidade, as instituições têm uma ordem natural e refletem o comportamento e tendências de seus participantes. O culto ao bom senso é visto com maior clareza “nos editoriais, nas opiniões pessoais dos jornalistas muito experientes, em certos personagens de novelas, filmes, etc. (SODRÉ, Ibid, p. 32).

O segundo ponto é o *otimismo generalizado*. Geralmente, essa postura otimista com relação ao país, envereda pelos caminhos do ufanismo. A exaltação das riquezas naturais, a celebração da alegria e *inteligência do povo brasileiro* marcam essa visão. Recentemente o governo federal lançou um comercial que contava histórias de pessoas pobres que, após muitas batalhas, haviam alcançado algum sucesso financeiro e visibilidade social. A frase final da peça publicitária deixava clara a lógica ufanista, *Eu sou brasileiro e não desisto nunca*. De acordo com Sodré, o otimismo oculta o *Brasil real*, com um Brasil sonhado e imaginado.

Desta forma a riqueza potencial passa a ser aceita como atual; a felicidade vindoura se sobrepõe imaginariamente às dificuldades presentes; a inteligência exaltada faz esquecer a educação ainda precária e passadista; a plena industrialização futura se antepõe aos percalços da marcha para o progresso industrial, para a eliminação do subemprego (Ibid, p. 32).

O terceiro fator é o *personalismo exagerado*. Sodré cita o exemplo do problema da administração, que em vez de ser analisado, é transferido para a figura do administrador. Os indivíduos são responsabilizados. Outro marco é a valorização excessiva “das relações pessoais, do prestígio social e do brilho intelectual (SODRÉ, Ibid, p. 32)”. Com isso, o *culto ao doutor* continua sendo uma constante. Atualmente o exagerado foco dispensado para pessoas do mundo do espetáculo é um de seus principais pontos.

O quarto ponto é o *gosto pelo verbalismo*, que é tido como herança de uma educação elitista. A retórica ainda é valorizada por muitos grupos dominantes no Brasil. A grande população de analfabetos e semi-letrados, admira os discursos, muitas vezes vazios de conteúdo e ricos somente pela construção de imagens, elaborados por apresentadores de televisão, políticos, locutores e animadores.

O último fator analisado por Sodré é a *transigência nas relações raciais*. O apagamento das diferenças étnicas faz supor que não existe conflito de raças no Brasil. O que ocorre não é um respeito ao negro enquanto tal, mas há a possibilidade de embranquecê-lo. “(...) o negro *torna-se branco* (é valorizado como branco) quando conquista economicamente e socialmente um lugar no universo controlado pelos brancos. Dessa ideologia decorre o mito da democracia racial” (SODRÉ, *Ibid*, p. 33). Isso pode ser observado nas telenovelas, geralmente os personagens negros ocupam posições mais baixas na escala social, empregada doméstica, chofer ou jardineiro. Sua função é servir aos personagens brancos.

Traçado esse panorama de alguns fatores peculiares à cultura de massa brasileira, passemos para a análise elaborada por Sodré sobre as interações entre cultura popular e de massa no contexto nacional. O autor chama a cultura popular de *tradição oral*, que seria a responsável pela conservação da memória, da poesia, dos ritos e do folclore. Segundo o autor, a cultura de massa assimila muitos aspectos da cultura oral. Ao utilizar o exemplo do carnaval para ilustrar essas interações, Sodré exagera nas cores com as quais pinta esse fenômeno.

O carnaval teria se convertido de festa popular para espetáculo midiático. Tal afirmativa pode ser confirmada pelo título dado ao desfile das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro, *o maior espetáculo da Terra*. Pelos programas de variedades que exploram o tema do carnaval meses antes e depois de fevereiro. Pelas celebridades que vêm no carnaval uma grande oportunidade de visibilidade e auto-promoção, o que faz com que invistam alguns milhares de reais em suas fantasias. De acordo com o autor, o carnaval como manifestação espontânea está se extinguindo.

Hoje, a cultura de massa apropriou-se inteiramente dessa manifestação da cultura oral e passou, por sua vez, a impor-lhe valores da cultura oficial (...). Os foliões de rua foram substituídos pelos virtuosos do samba e dos instrumentos de percussão, que logo encontraram um campo de ação profissional em cinema, shows de teatro e de televisão. Os bailes em clubes particulares permaneceram como últimos redutos do carnaval espontâneo, mas não demoraram a ser incorporados, como espetáculo, à cultura de massa: a imprensa e a televisão vigiam de perto o folião e vende sua alegria em imagens já estereotipadas – a jovem loura que dança em cima da mesa, a autoridade que se descontrai, a grande dama que perde o ar *snoob* (SODRÉ, *Ibid*, p. 35).

Grande parte do carnaval tornou-se realmente um espetáculo, porém, muitos aspectos continuam vivos. A grande quantidade de tradicionais blocos carnavalescos e o nascimento de novos blocos a cada ano são exemplos. Foliões que saem às ruas e se fantasiam são figuras comuns durante o carnaval. Sodré afirma que a cultura de massa

abandonou o caráter dionisíaco do carnaval. Entretanto, o clima de frenesi, a liberação sexual e a nudez exposta nos desfiles de escolas de samba, são aspectos que comungam com a configuração dionisíaca.

O carnaval tradicional, herança da cultura oral, não foi totalmente apagado por sua espetacularização. O que ocorreu, na verdade, foi uma interação muito profunda entre massivo e popular, tal relação produziu um carnaval diferente, mas não muito distante do tradicional. Como exemplo pode-se citar o carnaval da cidade de Olinda, em Pernambuco. O frevo, música típica do carnaval pernambucano, muitas vezes é dançado com a utilização de uma sombrinha.

Antigamente, as pessoas saíam às ruas no carnaval e, quando chovia, abriam suas sombrinhas para se protegerem da chuva. A sombrinha não era um impedimento para a dança. As pessoas dançavam segurando a sombrinha sobre suas cabeças. Atualmente, esse objeto é utilizado na dança independente de estar chovendo ou não. Um aspecto tradicional da dança foi mantido e atualmente funciona como complemento estético, pois os movimentos que o dançarino faz com a sombrinha são elaborados na dança. Por outro lado, a utilização desse objeto funciona como forma de manter viva uma tradição.

As alianças estabelecidas entre popular e massivo promovem uma transformação tanto no popular tradicional quanto no massivo. As duas culturas se integram e se rompem em um complexo mecanismo de miscigenação. A cultura de massa não anula a popular nem vice-versa. O que ocorre é a reelaboração e reconfiguração dos aspectos dessas duas esferas. As interações são tão intensas que separar a cultura popular da cultura de massa torna-se algo praticamente impossível.

### **O massivo como porta-voz do popular**

As relações entre popular e massivo são analisadas por Néstor García Canclini em *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. O autor relata uma apropriação do popular por parte do massivo. A base da cultura de massa é a cultura popular, transformada e readaptada para comungar com os objetivos mercadológicos. As principais características dessa nova configuração do popular são uma representação superficial das camadas mais pobres e o esvaziamento de sua consciência e participação política.

Primeiramente é essencial considerar o novo valor atribuído ao vocábulo *popular*. Nos processos de massificação cultural as mídias reconstituem sua interpretação. Assim o popular se encaixa mais com *popularidade* do que com *tradição*.

Para a mídia, o popular não é o resultado de tradições, nem da "personalidade" coletiva, tampouco se define por seu caráter manual, artesanal, oral, em suma, pré-moderno (...).

A noção do popular construída pelos meios de comunicação, e em boa parte aceita pelos estudos nesse campo, segue a lógica do mercado. "Popular" é o que vende maciçamente, o que agrada a multidões. A rigor, não interessa ao mercado e à mídia o popular e sim a popularidade (CANCLINI, 2006a, p. 259 e 260).

A mídia desloca o significado do *popular*, que assume um sentido de ser o que mais vende, o mais comum. Pode-se ilustrar tal ressignificação com a expressão *cultura pop*. O que se entende como *pop* possui raízes populares (sendo aqui o popular entendido como tradicional). Porém, o que é originalmente popular, como as manifestações folclóricas, não podem ser inseridas no âmbito do *pop*. Manifestações tradicionalmente populares como jongo, maracatu ou literatura de cordel não são vistas como *pop*. É inegável que tais movimentos sofrem freqüentemente transformações e, muitas vezes se comunicam com o mercadológico, vide o maracatu eletrônico feito pela banda *Nação Zumbi*. Ou ainda o grandioso espetáculo do desfile das escolas de samba na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto o que é genuinamente popular não é *pop*.

Por outro lado, as formas massificadas de cultura buscam no popular seu substrato. Canclini considera a cultura massiva a grande concorrente do folclore. Utilizando-se dos aspectos dramáticos, emotivo e teatrais presentes na cultura do povo, a massificação se referencia na essência do popular. Vários aspectos da cultura popular tradicional não sobreviveram ao processo de urbanização do espaço. Muitas pessoas entram em contato com manifestações folclóricas através das mídias eletrônicas. É exatamente esse público o grande alvo da reelaboração da arte popular promovida pelas mídias.

(...) os meios eletrônicos de comunicação mostram notável continuidade com as culturas populares tradicionais na medida em que ambos são teatralizações imaginárias do social. A idealização romântica dos contos de fadas se assemelha muito às telenovelas, o fascínio frente às histórias de terror não é muito distante do que as crônicas policiais propõem (e já se sabe que os jornais e programas de televisão desse gênero são os de maior ressonância popular). As estruturas narrativas do melodrama, o humor negro, a construção de heróis e anti-heróis, os acontecimentos que não copiam mas transgridem a ordem natural das coisas, são outras tantas coincidências que fazem da chamada cultura massiva a grande concorrente do folclore (CANCLINI, *ibid*, p. 258 e 259).

Uma das grandes diferenças do popular tradicional para o popular massivo (expressão utilizada por Canclini para nomear a cultura formada pela popular e pela massiva) é o valor da acumulação. O popular tradicional se baseia em suas raízes, valorizando o conhecimento passado e enriquecendo-se com a experiência adquirida. O popular massivo não segue o mesmo caminho. Ao contrário da tradição, obedece aos imperativos da urgência, a valorização extrema do momento atual, "uma lei da obsolescência incessante nos acostumou a que o popular, precisamente por ser o lugar do êxito, seja também o da fugacidade" (CANCLINI, *ibid*, p. 260).

A interpretação do popular no massivo seria o que se evidencia, o que está na moda. Esse destaque é algo de pouca durabilidade exatamente por obedecer à lógica do mercado. Os produtos a serem consumidos devem ser modificados a todo momento. Se a moda do verão é ser ruiva, a moda do inverno deverá ter os cabelos loiros, para que as recentes ruivas tenham que comprar novamente tintas para cabelo. Se um produto ou um filme ficam em evidência por muito tempo, menos mercadorias são vendidas. O slogan de uma administradora de cartões de crédito ilustra bem esse aspecto da cultura massiva. *Visa - porque a vida é agora.*

### **Palcos ilusórios**

Canclini aborda o populismo e analisa suas tentativas de atualização do folclore e as formas como propicia a participação popular. O populismo propiciou alguns contatos das camadas populares com a modernidade. Seus clamores pela expansão dos direitos trabalhistas e por melhores condições de vida foram parcialmente satisfeitos pelo Estado. Também foram fornecidas oportunidades para falar por rádio e televisão. Entretanto até que ponto o populismo realmente favorece uma atuação real dos atores?

O autor utiliza a expressão *palcos de poder* para expressar os locais onde se evidenciam e se divulgam opiniões. A participação do popular nesses palcos muitas vezes reduz-se a mera obrigação de apresentar o popular. Pode-se citar dois programas televisivos como exemplos. *Central da Periferia*, apresentado pela Rede Globo, consistia em uma viagem pelas periferias do Brasil para que seus aspectos culturais fossem evidenciados. A festa, a alegria do povo, as danças e o colorido provocavam o êxtase da apresentadora que mantinha sempre o mesmo discurso, a miséria não apaga o jeito alegre do povo brasileiro.

Outro programa, exibido pela Rede Record, é o *Beleza na Favela*. A cada semana é escolhida uma cidade brasileira diferente. Várias apresentadoras percorrem diferentes favelas e escolhem em média cinco meninas que participam de outra eliminatória. O discurso salvacionista permeia todo o programa, os pais das adolescentes dizem estar emocionados, "é uma oportunidade única, eu sabia que ela ia conseguir". O pouco espaço oferecido nos palcos toma a cultura popular apenas como imagens sendo que o argumento do programa, na maioria das vezes, não vem das camadas populares, e sim, dos setores hegemônicos.

Esses novos cidadãos conseguem sê-lo dentro das relações assimétricas de poder, em ritualizações que às vezes substituem a interação e a satisfação material das demandas. Nesse processo é importante a convergência do populismo político com a indústria cultural (CANCLINI, *ibid*, p. 265).

De acordo com Canclini, três grandes mudanças foram responsáveis pela deterioração da concepção populista do *popular*. A primeira se relaciona com as constantes transformações sofridas pela indústria cultural. Mesmo os bens pertencentes aos meios políticos são submetidos à lógica publicitária. Atualmente uma campanha política é administrada por empresas de *marketing*. A imagem, o discurso e as ações dos candidatos durante as campanhas são um produto publicitário.

Os projetos de governo e a real história do candidato pouco importam. A possível simpatia popular a ser suscitada pelo sorriso do candidato ou se o *jingle* da campanha é capaz de grudar nos ouvidos, são preocupações que possuem muito mais destaque. Com isso as representações sobre a política ocupam uma camada muito superficial. A escolha dos governantes não se baseia em sua competência e sim no alcance e influência de sua campanha publicitária.

Tal situação é agravada pelo esvaziamento dos espaços físicos onde havia o contato direto entre sociedade civil e poderes governamentais. Agora a mediação dessas relações ocorre no âmbito da mídia eletrônica.

Os espaços públicos, como o parlamento, e as ações de base, que podiam resultar em passeatas e manifestações de rua, greves e confrontos *físicos* entre os atores da sociedade civil e os poderes governamentais, davam às negociações espaços e formas de interação "concreta".

Agora os conflitos sociais e a gestão de suas interações se deslocaram para lugares herméticos, onde atuam forças às quais os cidadãos não podem confrontar (...).

Os conflitos são negociados entre os políticos (que cada vez são mais técnicos que políticos) e os empresários; os sindicatos e os movimentos sociais tomam conhecimento apenas através dos jornais e da televisão. O que resta aos cidadãos? (CANCLINI, 2006b, p. 208 e 209).

O que resta aos cidadãos é assistir ao que as mídias lhe transmitem como sendo a realidade. Nesse momento político os encontros com a cultura popular se baseiam mais na construção de imagens a serem veiculadas pelos meios de comunicação de massa do que por trocas e negociações concretas. Canclini chega a nomear essa etapa como pós-política. A política acabou e o que resta é sua conversão em produto a ser consumido. O título da obra de Canclini já vislumbra essa possibilidade. *Consumidores e Cidadãos* é um prelúdio desse movimento.

A segunda transformação apontada é a crise econômica e a reconfiguração do capitalismo nos Estados. Os interesses populares requerem uma distribuição justa dos bens. Entretanto não existem bens suficientes para essa partilha. Tal tensão dilui cada vez mais as esperanças nas ações políticas. Esse fenômeno está aliado à terceira modificação apontada pelo autor. A substituição de uma imprensa que privilegiava as reflexões por "um novo tipo de jornalismo político, que agiganta os episódios, a dimensão espetacular e até policial dos conflitos sociais" (CANCLINI, 2006a, p. 266).

A baixa participação política está intimamente ligada com essa esfera da mídia. Canclini analisa, na América Latina, a queda do interesse pelos semanários políticos frente ao aumento do número de leitores de revistas de entretenimento. Essas publicações substituem o debate político por entrevistas e informações pessoais sobre o estilo de vida dos governantes. A análise dos problemas é trocada pela construção de uma realidade imaginária, onde os conflitos simplesmente não existem.

O crescimento do consumo dessas obras revela a dissolução da prática de negociar. "Nessa etapa pós-política, em que se age como se não houvesse luta, tem-se a impressão de que não é necessário negociar; apenas se fotografam, se filmam, se televisionam e se consomem essas imagens" (CANCLINI, 2006b, p. 209). A realidade é apresentada através de imagens produzidas e intensamente estilizadas. Os embates sociais são ofuscados diante de tanto brilho. O real e simbólico se misturam e é gerada uma realidade simulada.

Assim, as publicações, os programas de rádio e de televisão geram interpretações "satisfatórias" para diferentes grupos de consumidores, comentários amáveis, divertidos, vivências melodramáticas obtidas "no lugar dos fatos", sem problematizar a estrutura social na qual esses fatos se inscrevem, nem discutindo a possibilidade de transformá-la. A mediação política entre movimentos populares e aparelhos governamentais ou partidários é substituída por essa mediação simbólica da imprensa e dos programas de informação na mídia, que fornecem um material para simular que estamos informados (CANCLINI, 2006a, p. 266 e 267).

O popular é algo criado e representado pelas grandes mídias. O palco oferecido para o popular é um espaço ilusório, pois apresenta uma interpretação fabricada do popular. Dramaticidade exagerada e apelo à emoção são os ingredientes básicos dessa fórmula. Um exemplo dessa combinação são as *imagens-sintoma*, analisadas por Patrick Charadeau. Esse tipo de imagem expõe algo que já foi visto. Provocando um efeito de *dejà vu*, essas imagens se transmutam em ícones.

A imagem deve remeter a imaginários profundos da vida. Deve ser igualmente uma imagem *simples*, reduzida a alguns traços dominantes, como sabem fazê-lo bem os caricaturistas, pois a complexidade confunde a memória e impede a apreensão de seu efeito simbólico. Enfim, a imagem deve ter uma aparição recorrente, tanto na história quanto no presente para que possa fixar-se nas memórias e tornar-se um instantâneo (CHARADEAU, 2006, p. 246).

A espetacularização da vida, promovida pelas mídias, apresenta a informação por meio de *imagens-sintoma*. Todos os conflitos e problemas presentes nos fatos tornam-se camuflados. O efeito dramático provocado pela imagem do candidato a um cargo político caminhando por um bairro pobre a beijar e abraçar crianças adquire mais visibilidade do que seu projeto de campanha. Outro fator relevante em uma imagem-sintoma é viabilizar "uma impressão do já sentido" (CHARADEAU, *ibid*, p. 247). A sensação de algo recorrente fortalece ainda mais o mecanismo de reconhecimento e de conseqüente assimilação do conteúdo das imagens. As imagens-sintoma são mais um exemplo de confusão entre real e simbólico, que impedem o reconhecimento do cidadão enquanto tal.

Essas imagens-sintomas impõem-se a nós de maneira teimosa e nos ofuscam a ponto de só vermos nelas a força simbólica. Assim sendo, instaura-se um mal-entendido entre a instância midiática e a instância cidadã, pois, por contrato, o telespectador toma a imagem em sua função mimética, isto é, como dando conta da realidade do mundo, quando de fato é carregada de efeitos emocionais por conta de sua função de sintoma (CHARADEAU, *ibid*, 248).

### **O popular em construção**

Canclini aponta a dificuldade em conceituar o popular de forma científica, mediante a grande quantidade e variedades de grupos que se inscrevem nessa categoria. As camadas populares seriam aquelas que ocupam uma posição diferente das hegemônicas, sendo que essa relação não é obrigatoriamente conflitiva. De acordo com o autor, a atual definição de popular possui um viés teatral. A grande questão é "podem

os setores populares, redefinidos desse modo, chegar a constituir-se em sujeitos históricos, ser algo mais que efeitos de encenações?" (CANCLINI, 2006a, p. 280).

O reconhecimento das pessoas, que constituem esses setores como, cidadãos e sujeitos de sua história é algo que está em processo. Diferente da concepção anárquica da categoria povo, como setor a promover uma revolução que reconfiguraria a sociedade em todas as suas instâncias, o popular se constrói e desconstrói diariamente.

As investigações mais complexas dizem que o popular se coloca em cena não com essa unidirecionalidade épica, mas com o sentido contraditório e ambíguo dos que padecem à história e ao mesmo tempo lutam nela, dos que vão elaborando, como em toda tragicomédia, os passos intermediários, as astúcias dramáticas, os jogos paródicos que permitem aos que não têm possibilidade de mudar radicalmente o curso da obra, manejar os interscédios com parcial criatividade e benefício próprio (CANCLINI, *ibid*, p. 280).

Com uma forma muito própria, dentro dos limites de uma existência que, por sua complexidade, não é totalmente assimilada pelos mecanismos oficiais de institucionalização social, o popular se reinventa. Rádios comunitárias, movimentos de resgate de elementos da cultura popular e produção de filmes amadores são exemplos de tentativas dos setores populares para pleitear reconhecimento. Mas tais iniciativas são insuficientes diante da gama de recursos disponíveis às mídias para seu projeto de divulgação do popular massivo, o popular como simulacro.

Canclini aponta como colaboradores desse processo de reconfiguração do popular alguns representantes de diversos setores que não se limitam a apenas criar definições que dêem conta da complexidade desses grupos. Sua preocupação está centrada nos meios necessários à sua reconstrução.

Talvez a coisa mais alentadora que esteja ocorrendo com o popular é que alguns folcloristas não se preocupam só em resgatá-lo, os comunicólogos em difundi-lo e os políticos em defendê-lo, que cada especialista não escreve só para seus iguais nem para determinar o que o povo é, mas antes perguntar-nos, junto aos movimentos sociais, como reconstruí-lo (CANCLINI, *ibid*, 281).

Nessa perspectiva surge uma questão. O popular genuíno pode ser reconstruído? Haveria mecanismos suficientes para isolar o popular do complexo social para que esse pudesse ser elaborado longe das influências da cultura massiva? Os movimentos sociais estariam em um patamar distante o suficiente do massivo para que pudesse auxiliar na reconstrução dessa categoria? Pelo que se observa a solução proposta por Canclini apresenta vários entraves à sua concretização.

Russell Jacoby, (2001), expõe a problemática do fim das utopias coletivas. O significado etimológico de utopia é *não lugar*, ou *lugar nenhum*, ou seja, um lugar que não existe. Utopia seria algo que não está em parte alguma, e ao elaborá-las o homem almeja algo que está fora de sua realidade. Ao idealizar uma realidade drasticamente diferente da conhecida e vivenciada, o indivíduo cria um pensamento utópico. Sua análise dos atuais movimentos de esquerda retrata uma derrocada dos projetos capazes de mobilizar um grupo grande de pessoas com um objetivo em comum.

Segundo o autor, esse processo se intensificou com o fim do regime socialista soviético. A importância concedida por Jacoby a esse movimento se deve a complexidade do projeto socialista. Reformular toda a estrutura social, política e econômica de um país é um plano de proporções imensas, bem como as consequências da concretização desse projeto. Jacoby cita alguns autores que consideram o fracasso da empreitada socialista como o principal acontecimento que pôs fim às utopias coletivas.

A formulação mais incisiva estava contida em “The End of Ideology” [O Fim da Ideologia] de Daniel Bell. As velhas ideologias do século XIX estavam “esgotadas, minadas pelos horrores do comunismo soviético e o sucesso do capitalismo liberal. [...] No fim dos anos 50, Bell declarava que “as velhas paixões se exauriram” e que “o velho radicalismo político-econômico [...] perdeu seu significado” A situação não podia ser mais clara: “A era ideológica chegou ao fim” ( JACOBY, 2001, p.19).

Com a derrocada de um dos projetos mais ambiciosos já formulados pelo ser humano, as ações coletivas em prol de um objetivo comum foram perdendo espaço e motivações. Não se pretende defender que o fim do socialismo soviético foi o grande responsável por esse processo, e sim, que esse fato foi bastante marcante. Mostrou a milhões de pessoas, que imaginar e viabilizar uma perspectiva completamente diferente da vivenciada, é uma tarefa bastante árdua. Os esquerdistas viram que possibilitar uma realidade radicalmente distinta é algo difícil.

De acordo com Jacoby, a partir da década de 60 inicia-se o processo de elaboração e surgimento de uma nova esquerda. Nessa década ocorrem vários movimentos coletivos em prol de objetivos de variados grupos, “movimentos pelos direitos civis, *black power*, protestos contra a guerra, lutas de libertação nacional, feminismo.” (JACOBY, Ibid, p. 21). Houve uma retomada das utopias coletivas, entretanto, as lutas eram pela concessão de direitos e reconhecimento para alguns grupos. Não surge nesse momento um projeto utópico de proporções tão grandiosas como o socialismo. Essas ações são coletivas, pois visam alcançar um objetivo comum

ao grupo, mas essa coletividade não é tão ampla a ponto de construir um plano que abranja toda a sociedade, e sim, grupos isolados.

Essa idéia de coletividade forneceu os moldes para a construção da nova esquerda analisada pelo autor. Os planos de mudança possuíam limites mais restritos e o radicalismo perdia terreno. As intenções de modificação deviam ser formuladas dentro de um contexto permeado pelo liberalismo econômico. Tornar melhor a atual realidade sócio-político-econômica é diferente de transformar profunda e radicalmente esse panorama.

Jacoby cita a obra, *O fim da história e o último homem*, de Francis Fukuyama. O livro apresenta um tom excessivamente nostálgico, em algumas passagens, ao dizer que em um futuro próximo, não haverá mais arte e filosofia. Mas, ao mesmo tempo, o autor realiza uma análise bastante sensata do fenômeno utópico.

No tempo de nossos avós, muitas pessoas podiam prever um futuro socialista radioso, no qual a propriedade privada e o capitalismo teriam sido abolidos. (...) Hoje, em compensação, temos dificuldade para imaginar um mundo radicalmente melhor que o nosso, ou um futuro que não seja essencialmente democrático e capitalista. Nesse contexto, naturalmente, muitas coisas poderiam ser melhoradas (...) sem-teto (...) minorias (...) empregos. (...) também podemos imaginar mundos futuros consideravelmente piores que o que hoje conhecemos. (...) Mas não podemos visualizar um mundo que seja essencialmente diferente do atual e ,ao mesmo tempo, melhor. (FUKUYAMA apud JACOBY, Ibid, p. 25).

Os empreendimentos da nova esquerda seriam construídos em um panorama capitalista, por isso não poderiam visualizar algo que divergisse completamente desse contexto. Promover melhorias e aumentar o nível da qualidade de vida dos indivíduos são os novos planos da esquerda. Esses objetivos não se inserem no plano da utopia, já que utopia é vislumbrar uma realidade radicalmente distinta da experimentada. O desígnio da atual esquerda é atuar no panorama sócio-político-econômico obtendo as melhorias possibilitadas pelo sistema capitalista. “Na melhor das hipóteses, os radicais e os esquerdistas descortinam uma sociedade modificada, com pedaços maiores do bolo para um número maior de clientes.” (JACOBY, Ibid, p. 26).

Na perspectiva dessa nova esquerda, volta-se à proposição elaborada por Canclini A ação dos movimentos sociais na reconstrução do popular. Observando a configuração dos movimentos de esquerda, analisados por Jacoby, observa-se que um retorno ao popular tradicional é uma tarefa inviável. O isolamento de grupos, privando seu contato com a cultura de massa com vias ao resgate de suas tradições genuínas é algo sem possibilidade de realização.

Uma proposta diferente da sugerida por Canclini seria adotar outra ótica sobre o popular-massivo. Uma visão que considerasse as possibilidades de reconhecimento dessas massas dentro de um contexto real e possível. Jacoby, ao expor algumas características da nova esquerda, fala com ironia da postura adotada pelos esquerdistas diante da cultura de massa. “A cultura de massa, antes desprezada como outra forma de exploração, é celebrada como algo da esfera da rebelião (JACOBY, Ibid, p. 26).” Seria a cultura de massa realmente voltada somente para a exploração? Considerar essa citação de Jacoby seria confirmar a teoria McLuhiana que defende o meio como mensagem.

A massificação da cultura possui várias facetas, o problema da exploração é apenas uma delas. A cultura de massa não se limita a essa categoria, pois ela é construída e reconstruída diariamente pelos atores. Esse contato dos receptores com as mensagens e os meios pode ser adotado como objeto para que se perceba as formas de representatividade das camadas populares expostas pela cultura popular massiva.

### **O cotidiano como objeto**

Martin-Barbero em sua já citada obra, *Dos meios às mediações* (2008), expõe alguns aspectos fundamentais, ainda inexplorados, a serem estudados no âmbito do popular-massivo. O fator mais interessante em sua proposição é que os objetos de questionamento da realidade transfiram-se para outros campos. A esfera do consumo e do prazer, em vez de serem simplesmente abandonadas e denunciadas, funcionariam como ferramentas para a contestação.

A atenção dada a esses campos se explica pela importância que essas categorias possuem na vida dos indivíduos. Nossa atual sociedade, que tem, como algumas de suas bases, o consumo e o imperativo da felicidade e hedonismo, pode ser analisada sob a ótica desses objetos. As relações que os atores estabelecem com esses campos, é algo que merece um olhar mais atento.

Não se trata de carnavalizar a teoria- e não que isto não seja necessário-, e sim de aceitar que os tempos não favorecem a síntese, que só podemos pressentir e suspeitar que existem áreas ainda inexploradas mesmo na realidade mais próxima.

(...) A tentação do apocalipse e a volta do catecismo não deixam de estar presentes, mas a tendência mais secreta parece ser outra: avanças tateando, sem mapa ou tendo apenas um mapa noturno. Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas- dominação, produção e trabalho- mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 290).

O primeiro ponto abordado por Martin-Barbero é a *cotidianidade*. De acordo com o autor, o que interessava à esquerda no campo da análise da cultura popular, eram apenas as formas como se organizavam para criar movimentos de resistência. Todos os outros aspectos, familiares, religiosos, gostos pessoais, lazer, eram tidos como despolitizantes. A organização familiar das classes populares, tida como tradicional e conservadora, atualmente assume novos contornos.

Mães solteiras com filhos de vários homens diferentes, avós que assumem o papel de mães e pais que possuem vários filhos com diferentes mulheres, são personagens comuns no cotidiano dos bairros mais pobres. A família não representa apenas o lugar de divisão de tarefas e de papéis de gênero, sua representatividade vai muito mais além. “(...) frente a um trabalho marcado pela monotonia e despojado de qualquer atividade criativa, o espaço doméstico representa e possibilita um mínimo de liberdade e iniciativa.” (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 291).

Um dos meios de comunicação mais denunciados por sua função alienante, a televisão, é analisado pelo autor, que reflete sobre as formas como diversas categorias, no contexto das camadas populares, se relacionam com essa mídia. A família é uma delas. Esse grupo social representa o núcleo principal da audiência televisiva na América Latina. A família constitui um dos mais importantes locais de decodificação da televisão. Isso significa que o núcleo familiar opera dois mecanismos primordiais ao estabelecer contato com o meio televisivo, são eles, a *simulação do contato* e a *retórica do direito*.

A *simulação do contato* se refere aos modos como a tevê organiza sua comunicação. Isso se dá através da *manutenção do contato*. Esse contato se funda em dispositivos que mediam a relação entre os dois mundos, o real e o imaginário.

A televisão recorre a dois intermediários fundamentais: um *personagem* retirado do espetáculo popular, o animador ou apresentador, e um certo *tom* que fornece o clima exigido, coloquial. O apresentador-animador - presente nos noticiários, nos concursos, nos musicais, nos programas educativos e até nos “culturais”, para reforçá-los-, mais do que um transmissor de informações, é na verdade um interlocutor, ou melhor, aquele que interpela a família convertendo-a em seu interlocutor. Daí seu tom *coloquial* e a simulação de um diálogo que não se restringe a um arremedo do clima “familiar” (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 296).

A *retórica do direto* seria as formas como a tevê organiza dois de seus principais pontos de apoio, a *proximidade* e a *magia de ver*. A proximidade pode ser observada na tendência que a televisão tem de familiarizar tudo. O conteúdo dos programas televisivos deve ser o mais próximo possível do telespectador. A clareza da

linguagem e pontos semelhantes entre o espectador e os personagens da tevê são dois aspectos importantes.

A *magia de ver* estaria intimamente relacionada com a *proximidade*. Martin-Barbero se baseia no termo *mágica da imagem*, utilizado em estudos sobre cinema. O autor ressalta que, no campo cinematográfico, predomina o sentido poético das imagens, “(...) a transfiguração arquetípica da realidade. Daí que, embora preso pelo argumento e fascinado pelos rostos em primeiro plano, o espectador permaneça distante. Os objetos, ações e os rostos no cinema, estão carregados de valor simbólico.” (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 296). Em oposição à relação de distanciamento entre o espectador e o filme, está a relação entre telespectador e televisão.

Na televisão, a proximidade é elaborada com base em uma sensação de imediatismo, pois os programas televisivos são baseados no tempo do *ao vivo*, mesmo que essa sensação seja simulada. Essa configuração, embasada na instantaneidade, se comunica muito diretamente com uma realidade que possui o imediatismo como uma de suas principais marcas. Esse é um dos aspectos através do qual podemos perceber a presença de algumas características do cotidiano das classes populares, inscritos na televisão.

A marca da hegemonia trabalha aí, nessa forma, na construção de uma interpelação que fala às pessoas a partir dos dispositivos que dão forma a uma cotidianidade familiar, que não é apenas subproduto da pobreza e das artimanhas da ideologia, mas também espaço para de algumas formas de relação primordial e de algumas vivências que não são menos fundamentais só por serem ambíguas (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 297).

O exemplo da televisão, tão bem analisado por Martin-Barbero, é um dos meios pelo qual o popular se transforma e se refaz em contato com o massivo. Os meios de comunicação, que se inscrevem na categoria do popular massivo, fornecem um novo campo para análise das mutações sofridas pela cultura popular tradicional. Esse novo campo permite estudar os mecanismos de resistência e dominação, e as formas, criadas pelas camadas populares, para lidar com esses temas. No próximo capítulo a questão dos discursos de formação popular e massiva presentes nos meios de comunicação são expostas de forma mais aprofundada. Esse meios, o conteúdo e a formatação de suas mensagens serão analisados como veículos colaboradores na construção de identidades.

## CAPÍTULO III

### A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

“Tudo que é sólido desmancha no ar” (Marx e Engels).

A análise de qualquer categoria no atual cenário sócio-político requer uma consideração sobre os contornos assumidos pelas sociedades. O estudo sobre a identidade não seria diferente. Durante o período conhecido como modernidade, vários fatores contribuíam para o estabelecimento de identidades sólidas. O ideal filosófico moderno de controle do mundo através da razão fornecia aos indivíduos um forte substrato para o controle de suas existências. A permanência no mesmo emprego durante toda a vida, os fortes laços do casamento e da família e o compromisso com a doutrina religiosa são alguns dos elementos que formavam identidades estáveis e consistentes. As intensas modificações sofridas na estrutura social a partir do final do século XVIII imprimiram uma nova configuração a essa categoria. A identidade sólida, contínua e duradoura estava pronta para ceder lugar a uma concepção identitária com caráter múltiplo e maleável.

Zygmunt Bauman (2001) nomeia o período histórico contemporâneo como *modernidade líquida*. A imagem do derretimento dos sólidos dando vez a uma base líquida para a sociedade consiste em uma precisa analogia para explicar a atual fluidez que marca nosso panorama social.

Fluidez é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, com a autoridade que tem nos informa, é que eles “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão”.

Os líquidos, uma variedade dos fluidos, devem essas notáveis qualidades ao fato de que suas “moléculas são mantidas num arranjo ordenado que atinge apenas poucos diâmetros moleculares”, enquanto “a variedade e comportamentos exibida pelos sólidos é um resultado direto do tipo de liga que une os átomos e dos arranjos estruturais destes”. “Liga”, por sua vez, é um termo que indica a estabilidade dos sólidos- a resistência que eles “opõem à separação dos átomos” (BAUMAN, 2001, p. 07 e 08).

De acordo com o autor, os líquidos têm dificuldade de manter seus contornos iniciais. Em oposição aos sólidos, que possuem uma liga que une seus átomos e permite uma estabilidade em sua forma, os líquidos mudam constantemente já que “não podem suportar uma força deformante quando imóveis.”. Outra característica interessante

apontada por Bauman é a relação que líquidos e sólidos mantêm com o espaço e o tempo.

Os sólidos exibem uma correspondência muito forte com o espaço, pois ocupam uma área precisamente delimitada por sua forma física. Já o tempo não é incorporado pelos sólidos de maneira muito profunda. Sua solidez faz com que sejam capazes de “neutralizar o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante).” (BAUMAN, Ibid, p. 08). Para os líquidos, o espaço não possui muita relevância, pois a sua capacidade de escorrer faz com que ocupem o espaço por pouco tempo, mas o aspecto temporal é importante para os líquidos. A sua imensa capacidade de modificação e a brevidade de sua história faz tornam o tempo um aliado para que sua existência seja notada. “Descrições de líquidos são como fotos instantâneas que precisam ser datadas.” (BAUMAN, Ibid, p. 08). A intensa mobilidade dos líquidos é o que lhe confere fluidez e leveza.

Bauman observa que, não somente a modernidade dos tempos atuais, mas a modernidade, desde sua concepção, foi marcada pela fluidez. A epígrafe desse texto, “Tudo o que é sólido desmancha no ar”, ilustra bem a visão de Marx e Engels sobre a fase de *derretimento dos sólidos* inaugurada pela modernidade. Os novos contornos da sociedade exigiam que alguns *sólidos*, por serem obsoletos ou por impedirem o desenvolvimento e renovação social, fossem aniquilados. Entretanto, no início da era moderna, o que se pretendia não era a liquefação total dos sólidos. O derretimento dessas estruturas devia ocorrer para que essas dessem lugar a novas.

Lembremos, no entanto, que tudo isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para *novos e aperfeiçoados sólidos*, para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável (BAUMAN, Ibid, p. 09).

De acordo com o autor, o principal intento era criar sólidos suficientemente perfeitos para que não carecessem de substituição. Estruturas bem formuladas e que fossem de utilidade duradoura, “solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável” (BAUMAN, Ibid, p. 10). Nos primórdios da modernidade, havia a preocupação em elaborar uma base sólida para o mundo. Um substrato que garantisse sua previsibilidade e, conseqüentemente, sua ordem.

Em uma nova estrutura social, marcada pelo racionalismo, os sólidos a serem derretidos eram aquelas instituições que “impediam a via do cálculo racional dos

efeitos” (BAUMAN, *Ibid*, p. 10). A família, os laços emotivos, a religião e os valores éticos, entravam no rol dos sólidos que deviam ser substituídos por outros. Os laços sociais a serem reformulados deveriam ter uma configuração que permitisse que sua existência não fossem obstáculos para o desenvolvimento da economia capitalista. A liberdade individual era o imperativo desse novo panorama social e deveria ser alcançada a todo custo.

Uma das *amarras* mais importantes e que, portanto, deveria ser desatada, era o aspecto religioso. A subordinação do homem à esfera extra-mundana era um entrave a sua liberdade. Podemos exemplificar tal relação baseando-se no estudo elaborado por Louis Dumont, em 1985, *O Individualismo: perspectiva antropológica da ideologia moderna*. O autor analisa a modificação da relação entre o homem e Deus como um dos principais fatores para a constituição do indivíduo moderno.

O pensamento cristão é a base do estudo elaborado por Dumont. O homem, seguidor dos ensinamentos do Cristo, é um *indivíduo-em-relação-com-Deus*, um ser extra-mundano. Afinal, sua vida se fundamenta num incessante contato com alguém que não se encontra no mundo material. Uma divindade pertencente à outra esfera, ao mundo metafísico. Dessa relação, totalmente individual, do homem com Deus, surge um dualismo. A extrema valorização do divino promove um desprezo pela existência terrena.

A alma individual recebe valor eterno de sua relação filial com Deus e nessa relação se funda igualmente a fraternidade humana: os cristãos reúnem-se no Cristo, de quem são membros. Essa extraordinária afirmação situa-se num plano que transcende o mundo do homem e das instituições sociais, ainda que estas procedam também de Deus. O valor infinito de indivíduo é, ao mesmo tempo, o aviltamento, a desvalorização do mundo tal como existe. (DUMONT 1985, p. 42 e 43).

Tal separação entre o divino e o profano cria uma existência paradoxal e impraticável. Como viver em um mundo totalmente execrado por seu próprio criador? Como estar em um ambiente em que a meta fundamental é estar fora dele? Entretanto, a impossibilidade de viver em dois mundos distantes e inconciliáveis é superada por uma *relativização da ordem mundana*. As palavras do Cristo, “Dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, são a chave para a compreensão desse raciocínio. Ao dizê-las, Jesus Cristo ensina que as esferas divina e profana podem ser vivenciadas de forma simultânea. Ao dar a *César o que é de César*, o ser humano cumpre o seu papel de bom cidadão, obedecendo às regras de sua sociedade. A assunção do papel de bom homem na Terra é um dos fatores que o aproxima dos céus, do Deus que o ensinou a ser justo e

obediente. A forma de vida que se adota na Terra passa a ser um quesito avaliado pelo Senhor celestial. Esse pensamento possibilita *a vida fora do mundo*, estando no mundo.

Porém, a vida social caminhava ao lado da celestial numa relação de subordinação a essa, “a união de indivíduos-fora-do-mundo numa comunidade que caminha na Terra mas tem seu coração no céu.” (DUMONT, Ibid, p.44). Os indivíduos reconheciam a necessidade de viver nesse mundo, mesmo que sua organização e valores contrariassem suas crenças. A sociedade era holista e cristã ao mesmo tempo. Mas, se a relação com Deus era individual, a vida em sociedade obedecia aos preceitos do holismo. O passo seguinte, no processo de criação do indivíduo moderno, foi a conversão do holismo em individualismo. O *indivíduo-fora-do-mundo*, do pensamento cristão, foi um dos responsáveis por essa transformação.

A exacerbada valorização da esfera divina forçou a existência mundana a adotar os valores extra-mundanos. A vida material foi influenciada pelo pensamento celestial acarretando em uma união entre duas esferas, que outrora se encontravam opostas. “Todo o campo estará então unificado, o holismo terá desaparecido da representação, a vida no mundo será concebida como suscetível de harmonizar-se totalmente com o valor supremo.” (DUMONT, Ibid, p.45). Assim o indivíduo não precisa mais estar fora do mundo. Nesse momento, a existência do homem no mundo concorda com os preceitos da sua fé. A vida material se subordinou à extra-mundana, absorveu seus valores e fundiu-se com essa de forma a possibilitar um mundo habitável pelo homem cristão. O moderno *indivíduo-no-mundo* toma o lugar do superado *indivíduo-fora-do-mundo*.

O final desse processo de conversão foi marcado pelo pensamento de Calvino. Para ele, Deus é o Senhor da vontade e da majestade. Isso faz com que a distância entre a existência mundana e divina se multiplique. Um Deus majestoso e imponente está distante da vida terrena. O Deus calvinista também é o da vontade “no qual se pode ver a afirmação indireta do próprio homem como vontade.” (DUMONT, ibid, p. 65). Tal vontade deve ser desempenhada através da ação. O homem que demonstra toda sua disposição através da execução de alguma atividade no mundo terreno, é visto como investido da força divina. A adoração a Deus está intimamente ligada ao estilo de vida assumido pelo indivíduo. “A inescrutável vontade divina investe certos homens da graça da eleição e condena outros à reprovação. A tarefa do eleito consiste em trabalhar pela glorificação de Deus no mundo e a fidelidade a essa tarefa será a marca e a única prova dessa eleição.” (DUMONT, ibid, p. 65).

A submissão a Deus passa a ser marcada pela consciência da importância da ação humana no mundo material. Um indivíduo que se submete às leis desse mundo está em consonância com Deus. Em vez de buscar um abrigo no mundo celestial, o ser humano submete o mundo material à força de sua ação. Essa premissa à ação e o motivador dessa vontade são provenientes do divino. É com o intuito de honrar a Deus que o homem age com intensa determinação. Tal fato une definitivamente o *indivíduo-no-mundo* com o *indivíduo-fora-do-mundo*. Segundo Dumont (Ibid, p. 67) “A extramundandade está agora concentrada na vontade individual.” Na vontade de agir nesse mundo.

O individualismo, como uma das principais categorias da existência moderna, conferia ao homem a liberdade e a necessidade de atuar no mundo terreno. A preocupação com a vida extra-mundana deu lugar a um homem que vê no trabalho um dos primordiais sentidos de sua vida. Sua capacidade de agir na Terra é o que marca sua eleição por Deus. Nesse sentido, a quebra do *indivíduo fora do mundo* foi extremamente importante para o sistema econômico moderno, pois formou indivíduos motivados a atuar no mundo terreno despreendendo-se de sua extra-mundandade.

Assim como muitos aspectos da doutrina cristã foram derrubados e reconstituídos, as outras instituições também não deveriam ser entraves para o capital. A consequência desse processo foi a implementação de uma estrutura social baseada, principalmente, na economia.

O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem, deveria ser mais “sólida” que as ordens que substituíra, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica. A maioria das alavancas políticas ou morais capazes de mudar ou reformar a nova ordem foram quebradas ou feitas curtas ou fracas demais, ou de alguma forma, inadequadas para a tarefa. Não que a ordem econômica, uma vez instalada, tivesse colonizado, reeducado e convertido a seus fins o restante da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito à implacável e contínua reprodução dessa ordem (BAUMAN, Ibid, p. 11).

O objetivo inicial da substituição das antigas instituições por outras, mais sólidas e adaptadas ao novo cenário econômico, adquiriu contornos diferentes. O que ocorreu foi um processo radical de derretimento das estruturas sólidas que eram acusadas de limitar a liberdade de escolha dos indivíduos. Foram elaboradas novas estruturas com outros moldes que exigiam prontidão na capacidade de adaptar-se. A liberdade de escolha era fundamental para que os atores escolhessem os locais mais apropriados. Os

padrões comportamentais, diferentes em cada um desses espaços, também deveriam ser assimilados rapidamente pelos indivíduos.

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para serem admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas *classes*, as molduras que (tão intransigentemente como os *estamentos* já dissolvidos) encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas de vida. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar a adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar.

São esse padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. (BAUMAN, *Ibid*, p. 14).

O objetivo principal na substituição das antigas estruturas era a construção de uma ordem perfeita o suficiente para que fosse insubstituível. Existiam padrões de conduta duráveis e adequados a cada lugar social a ser ocupado pelos indivíduos. De acordo com Bauman, o momento atual é marcado por uma configuração oposta a essa. Hoje, esses padrões de conduta mudam a cada momento. A capacidade de permanência desses códigos diminui a cada dia. Atravessamos uma fase de derretimento total dos sólidos para o estabelecimento de uma existência líquida. Bauman nomeia esse momento como *modernidade líquida*. A ausência de solidez fez com que os líquidos delineassem o presente panorama social.

Um ponto, de grande relevância, apontado pelo autor, se refere à exigência que os indivíduos têm de escolherem e elaborarem seus próprios códigos e padrões de conduta e interação. Antigamente, tal tarefa não era complicada, pois existiam modelos sólidos que atravessavam gerações. Nos dias atuais, essa empreitada torna-se difícil devido à fluidez desses padrões. A necessidade de constante renovação faz com que a elaboração do ator social como indivíduo, seja feita e refeita constantemente.

Estamos passando de uma era de “grupos de referência” predeterminados a uma outra de “comparação universal”, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo.

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compeler e restringir.

A nossa é, como resultado, uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos. (BAUMAN, *Ibid*, p. 14).

Frente a essa análise do atual momento histórico traçada por Bauman, pode-se compreender de forma mais clara algumas características do fenômeno de construção identitária na pós-modernidade. No início da modernidade podia-se visualizar a adoção de personalidades que, apesar de toda diversidade de papéis sociais a serem ocupados, mantinham uma mesma configuração durante o período de toda uma vida. A estabilidade no emprego, no casamento e de credo religioso, constituem exemplos que tornam clara a elaboração de identidades mais estanques.

Na pós-modernidade, ou *modernidade líquida*, nos deparamos com uma situação bastante diferente. A ausência de referenciais sólidos e as incessantes mudanças em todas as áreas da vida, renovação no campo tecnológico, empresarial, econômico, político, familiar, entre outros, exige dos indivíduos constantes mudanças para se adequarem às novas configurações.

Bauman utiliza o pensamento de Niklas Luhmann, que afirma que as pessoas encontram-se deslocadas socialmente, ou seja, não se sentem confortáveis em parte alguma. É como se não pertencessem a lugar nenhum e nenhum lugar lhes pertencesse. Não se vêem e não se identificam com local algum. A identidade natural, que na sociedade cristã pré-moderna, era dada pelo aspecto divino, não mais existe. Agora, em nosso tempo, marcado pelo racionalismo, a construção de identidades é tarefa pessoal. A dificuldade de criar um *jeito próprio*, um caráter individual, em uma sociedade de indivíduos deslocados e desencaixados, é imensa.

Kumar (1997) e Giddens (1991) nos informam sobre o processo de desencaixe nas relações sociais na era moderna. Essa é uma característica marcante no nosso tempo e foi possibilitada pelo aperfeiçoamento tecnológico. Na sociedade tradicional, a relação com o outro só poderia existir com a coincidência de tempo e espaço. Ou seja, com as pessoas presentes fisicamente em um mesmo espaço, ao mesmo tempo. Atualmente, com a existência de mídias como o telefone e a internet, a comunicação e relações ocorrem sem a necessidade de indivíduos presentes em um mesmo espaço e tempo. Nessas circunstâncias, torna-se realmente difícil encontrar um solo fixo para a formação do caráter em um campo dominado pela abstração. Afinal que lugar é uma sala de bate-papo (*chat*) na internet? O que é o dinheiro inserido no cartão de crédito? Certamente não são coisas fisicamente palpáveis.

Além do desencaixe, outros aspectos de nossa sociedade agravam a atual *crise identitária*. Um deles é a nossa infundável marcha adiante. O progresso deve acontecer, as inovações tecnológicas de hoje devem ser substituídas por outras em um breve

espaço de tempo. Não se pode parar. Assim, a identidade pessoal deve ser constantemente renovada para se adequar a uma sociedade que se modifica constantemente. A tão almejada identidade única, na verdade não existe concretamente, pois é mutável. Os moldes de vida transformam-se, a todo instante, tornando a identidade individual inatingível. “A identidade individual torna-se, portanto algo a ser ainda alcançado (e presumivelmente a ser criado) pelo indivíduo envolvido e nunca segura e definitivamente possuído – uma vez que é constantemente desafiado e deve sempre ser negociado.” (Bauman, *ibid*, p. 211).

Essa busca, o desejo pela identidade pessoal, pelo jeito único que destaca o indivíduo dos demais atores, é acompanhada por uma antítese. Ao mesmo tempo, que o processo de construção de uma identidade singular é algo pessoal, também se torna algo dependente do todo social, na medida em que a identidade precisa de aceitação da sociedade. O tão almejado caráter particular, o grande diferencial, precisa ser aprovado socialmente.

“O mundo subjetivo, que constitui a identidade da personalidade individual só pode ser sustentado por meio da troca inter-subjetiva.” (Bauman, *ibid*, p. 212). É através dessa troca que um indivíduo apóia o mundo do outro. Essa relação é chamada por Luhmann de amor. Entretanto, a interpretação socialmente difundida sobre o amor é responsável pelo seu fracasso. A idéia de que o amor somente acontece mediante a sinceridade absoluta do outro, leva o parceiro a desenvolver o medo. Medo da falsidade dos sentimentos do outro. Devido a esse temor o indivíduo tende a buscar diferenciar o amor falso, um simples engodo, de um amor verdadeiro. Tal tendência se enraíza ainda mais em pessoas dotadas de personalidades mais singulares, ou seja, muito diferentes das adotadas pela maioria. Este fato se justifica pela necessidade maior de amor, de apoio que este tipo de personalidade requer. Uma carência muito grande é mais difícil de ser suprida.

Seguindo o pensamento de Luhmann, Bauman ressalta a posição do autor sobre o *mecanismo do amor*. O amante deve agir, aceitando a personalidade do outro, por mais peculiar que esta possa ser. Isso porque não pode optar entre a afirmação ou negação da identidade alheia, somente a primeira alternativa é válida. Afinal, o amor é exatamente apoiar o mundo do outro. O ser amado, “apenas experimentou algo e espera que ele se identifique com essa experiência” (Luhmann, *apud* Bauman, *ibid*, p. 213), ou seja, um deve se envolver e o outro apenas projetar. O primeiro deve aprovar o caráter do outro, por mais que isso seja custoso para si. Deve validar o outro, por mais que isso

contrarie o seu modo de vida. Enquanto o outro deve apenas criar uma projeção de si mesmo e esperar conscientemente que seu parceiro o apóie. É exatamente devido a essa falta de reciprocidade que Luhmann considera o amor algo egoístico, afinal a um dos parceiros cabe apenas a cobrança sobre aceitação do outro, a observância se suas expectativas estão sendo cumpridas. Tal ator é insensível aos sacrifícios que o outro possa fazer para validar suas projeções.

Outro autor citado por Bauman para explicar o amor é Richard Sennett. Segundo ele, o direito à intimidade é uma das causas do fracasso do amor. O indivíduo quer se abrir totalmente com seu parceiro sem lhe esconder nada, partilhando todas as informações sobre si mesmo. Tal vontade pode ser justificada pela idéia de que quanto mais um parceiro sabe sobre o outro, mais profunda será a relação. Ou ainda, porque uma partilha recíproca de intimidades faz com que se conheça melhor o outro, e a partir disso pode-se ter menos medo de que o mesmo não seja sincero. Afinal, conhecendo melhor o outro, fica mais fácil perceber se está sendo sincero em suas palavras e ações. Seria uma forma de fuga do medo de ser enganado que aflige os amantes.

Entretanto, de acordo com Sennett, uma relação sem segredos é uma relação fadada ao fracasso. Quando um dos parceiros se mostra totalmente para o outro ele também exige que o outro o aceite e concorde com o que ele está lhe apresentando. O outro deve afirmar características e singularidades do seu parceiro, ainda que essas não concordem com sua forma de pensamento. Além disso, pede-se que a relação com o outro seja verdadeira. Porém uma resposta verdadeira pode desestabilizar a relação, o parceiro pode negar ao outro a satisfação de alguma, ou algumas, de suas necessidades. Com isso, esse último pode não se sentir apoiado e, portanto, amado. Assim, a intimidade mútua gera um ciclo de frustrações que se apresenta como um fardo pesado demais para ser carregado. Uma carga que não contemplará suas necessidades e que exige apenas um sacrifício que não vale o esforço. Dessa forma, tal peso é abandonado. As exigências das relações amorosas, reciprocidade e intimidade, são exatamente as causas de seu insucesso. Os indivíduos exigem coisas que eles próprios são incapazes de sustentar.

Para sustentar o ânimo, para continuar a buscar a autêntica reciprocidade, é preciso coragem para enfrentar a possibilidade de recuos e reviravoltas. Deve-se também aprender a viver com os defeitos do parceiro. Uma vez que almejada em ambas as direções, a intimidade torna necessários a negociação e o compromisso que um ou ambos os parceiros podem estar impacientes ou preocupados demais para suportar alegremente. Afinal, duas projeções pessoais distintas, muitas vezes contraditórias, devem ser aceitas e afirmadas

simultaneamente - tarefa sempre difícil e com frequência impossível. (Bauman, *ibid*, p. 215).

A dificuldade de sustentar uma personalidade muito distinta da própria, torna o amor impossível de ser praticado. Os indivíduos exigem apoio sem desejarem dar o mesmo, como retribuição. A unilateralidade do amor, tão confortável para o receptor, torna-se intolerável para o emissor. Sendo o homem alguém que necessita de afirmação e sendo o amor impraticável, torna-se necessário um mecanismo artificial que ocupe o seu lugar. Tal substituto já existe e se multiplica diariamente, como será visto adiante.

### **Kits de Identidade**

O substituto do amor deve suprir as falhas desse (que são responsáveis por seu próprio fracasso). E o seu principal problema é a reciprocidade. Portanto, o amor artificial deve afirmar o caráter e suprir as necessidades do indivíduo sem esperar nada em troca. Assim, muitos produtos e serviços são capazes de cumprir a função do amor e se configuram como mercadorias em nossa sociedade. O apoio e a aceitação social podem ser alcançados através da troca monetária. Dessa forma, o problema da reciprocidade está solucionado, os seres alcançam os benefícios do amor sem ter que retribuí-lo. A única coisa que terá de dar é uma quantia em dinheiro. Não precisará se frustrar, encarar conflitos de consciência, travar duelos psicológicos, nem aceitar o inaceitável. Basta somente abrir a carteira para ser *amado*. Para atender essa demanda, o mercado disponibiliza vários tipos de identidades.

Os reclames comerciais se esforçam em mostrar em seu contexto social as mercadorias que tentam vender, isto é, como parte de um estilo de vida especial, de modo que o consumidor em perspectiva possa conscientemente adquirir símbolos da auto-identidade que gostaria de possuir. (Bauman, *ibid* p. 216).

As pessoas acreditam que podem se tornar alguém diferente, capazes de ter uma personalidade única através dos produtos que consomem. Na verdade, essas mercadorias são apenas símbolos de identidades, representam um tipo de pessoa. Assim, um homem de cinquenta anos que pratica atividade física, se submete a cirurgias plásticas, usa roupas juvenis e frequenta lugares badalados, utiliza de todos os artifícios para que se pareça jovem. Mas ele não é. Sua aparência é de uma pessoa de trinta e cinco anos, porém, ele tem cinquenta.

As identidades também podem ser construídas pelo próprio consumidor através de elementos diferenciados que culminarão em um caráter exclusivo. Produzem resultados diferentes uns dos outros e que são assim personalizados, “feitos sob medida, melhor atendendo às exigências da individualidade” (Bauman, *ibid*, p. 216). Esses elementos muitas vezes são disponibilizados pelo mercado reunidos em uma espécie de kit. É o que Bauman chama de *identikits*, kits de identidade. Isso facilita a construção da identidade individual, posto que, o indivíduo pode adquirir um desses kits que contém uma personalidade única e, que também é importante e validada socialmente.

O grande sucesso dos *identikits* é justificado pela certeza de sua aceitação social e pela presença de um especialista na sua elaboração. Essa é a fórmula de muitos anúncios comerciais. Uma autoridade discorre sobre a eficácia do produto e algumas pessoas dão depoimentos sobre sua satisfação com seus supostos efeitos. Falam sobre como o produto mudou radicalmente suas vidas, que se transformaram em novas pessoas e que agora são mais realizadas e felizes.

Muitas vezes, a competência especializada e a alta tecnologia se fundem para demarcar ainda mais o produto numa sociedade onde a razão e a ciência são autoridades máximas. Isso pode ser notado em um comercial televisivo de uma bermuda que promete combater a celulite. A apresentadora diz que a bermuda possui tecnologia japonesa. Um médico mostra como a irrigação sanguínea aumenta após o uso da bermuda. Entretanto, não há uma explicação detalhada de como o produto age sobre a celulite. A afirmação de que a bermuda reúne a mais alta tecnologia basta para que a mercadoria ganhe a aprovação do consumidor. É uma espécie de *glamourização da tecnologia*.

Destaca-se uma característica peculiar da venda de *identikits*. Não se criam produtos para sanar problemas e necessidades, mas constroem-se problemas e necessidades para vender os produtos. Essa inversão não pode ser reduzida a uma simples estratégia de mercado para alavancar as vendas. Diferentemente disso, certas características da vida moderna são tidas como ruins apenas porque outra forma de existência pode ser vislumbrada. São problemas porque há uma solução para eles.

(...) a experiência de vida é vista como ambivalente apenas se a vida sem ambigüidade é oferecida como opção possível; o desconforto pessoal é interpretado com um conjunto de problemas não resolvidos na medida em que soluções socialmente aprovadas são disponíveis e oferecidas. (Bauman, *ibid*, p. 219).

Por que atualmente uma pessoa ser gorda é considerado um problema? Afinal, cada um possui suas próprias características físicas, os seres se diferem tanto em sua forma externa como interna. Porém, existe uma preocupação com o externo, que deve ser belo, que significa ser magro. Para a felicidade dos consumidores, ser gordo hoje em dia tem solução. São incontáveis os produtos disponíveis no mercado que levam ao emagrecimento. Revistas contendo receitas de dietas, remédios, cirurgias plásticas e outros incontáveis métodos. Hoje, estar acima do peso é um problema por existir um padrão de beleza que passa longe da gordura. Mas isso não basta para explicar a problematização da gordura. Aliada a atual concepção de belo está a disponibilização da magreza.

Quando uma pessoa que não é magra vê um comercial televisivo sobre dieta de emagrecimento é comum que pense, preciso emagrecer, vou comprar esse produto. Muitos desses comerciais contêm a seguinte pergunta, *you are you with some extra pounds?* Mas nunca questionam se o espectador deseja emagrecer. O desejo de emagrecer já é considerado óbvio, já que ter uns *quilinhos a mais* é afirmado diariamente como um problema a ser resolvido e que possui uma gama de soluções para si próprio.

Pelo que se percebe, a compra de *identikits* revela um dos grandes paradoxos da existência moderna, a autonomia através da dependência. Para encontrar sua própria identidade, o indivíduo necessita de ajuda da competência especializada. E a idéia de que encontrar um remédio para seus problemas seria um passaporte para a liberdade também permeia nossa contemporaneidade. Os atores desejam se tornar livres de preocupações e das aflições que a escolha e construção de um modo de vida exigem. Através do conhecimento especializado e à tecnologia, os indivíduos modernos estabeleceram um forte laço de dependência com as habilidades externas para suprir as necessidades de sua criação identitária.

“A vida em sociedade é inconcebível sem um conjunto de habilidades que capacitam o indivíduo a interagir com outros ao mesmo tempo em que preserva sua própria integridade (isto é, sem se reproduzir como sujeito capaz de interação).” (Bauman, *ibid* p. 220). Com o passar dos tempos, na constante reconfiguração da sociedade, algumas habilidades tornam-se obsoletas à medida que novas habilidades aparecem. Atualmente, observamos uma deficiência de habilidades internas, inerentes ao ser humano, que recorre aos meios externos para ter acesso às capacidades.

O homem moderno olha extasiado para toda a tecnologia e conhecimento especializado que foi capaz de conceber e aceita que não pode mais viver na ausência

destes. É uma relação entre criador e criatura onde ambos se auxiliam mutuamente e reciprocamente em sua infundável recriação.

A noção de identidade desenvolvida por Bauman é útil para mostrar as modificações ocorridas com essa categoria bem como realça seu caráter atual, fluido e extremamente plural. O consumo, exibido por Bauman como algo capaz de subsidiar a formulação de identidades, é um dos meios a disposição. Existe uma variedade de elementos com os quais os indivíduos se relacionam e se identificam. Nesse momento, destacaremos um elemento de grande importância para a análise identitária dos atores pesquisados, o melodrama.

### **O melodrama como categoria histórica e social**

Recorreremos mais uma vez à obra de Jesús Martín-Barbero, *Dos Meios às Mediações*, para proceder a observação do melodrama como categoria histórica e social. De acordo com o autor, a expressão melodrama começou a ser utilizada em 1790, principalmente na França e Inglaterra. Essa palavra designava um tipo de espetáculo popular que se assemelhava ao teatro e possuía uma complexa rede de interações com o público. Esse tipo de representação teve como herança os espetáculos de feira permeados por temas de histórias advindas da tradição oral. Entre eles destacava-se o medo, o mistério e o terror.

O teatro, enquanto *arte oficial*, era uma exclusividade das classes sociais mais altas. Por tal razão, e para combater a *agitação do povo*, esse tipo de espetáculo popular passou a ser proibido, “ e o que é permitido ao povo são *representações sem diálogos*, nem faladas nem sequer cantadas, e isso sob o pretexto de que ‘o verdadeiro teatro não seja corrompido.’”(MARTÍN-BARBERO, *Ibid*, p. 163).

Diante das proibições, o melodrama não deixou de existir, apenas adaptou-se aos vetos que lhe eram impostos. Martín-Barbero destaca o ano de 1800 como extremamente marcante para o delineamento das características principais do melodrama. A peça *Celina ou a filha do mistério*, de Gilbert de Pixerecourt, foi emblemática para essa fase, na qual os espetáculos tinham seus temas conectados à Revolução Francesa.

A valorização do povo nessa época foi primordial para o desenvolvimento do *elemento emotivo* tão marcado na perspectiva melodramática.

É a entrada do povo duplamente “em cena”. As paixões despertadas e as terríveis cenas vividas durante a revolução exaltaram a imaginação e exacerbaram a sensibilidade de certas massas populares que afinal podem se permitir encenar suas *emoções*. E, para que estas possam desenvolver-se, o cenário se encherá de cárceres, de conspirações e justiçamentos, de desgraças imensas sofridas por inocentes vítimas e de traidores que no final pagarão caro por suas traições. Não é por acaso esta a moralidade da Revolução? (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 164).

O surgimento do fator emotivo se comunicava diretamente com o momento pelo qual o público desses espetáculos passava. Os temas e formatos dos espetáculos partiam da própria realidade social dos espectadores. Com o fim da revolução, todos os elementos presentes durante os conflitos foram representados nos espetáculos. Tal fator marca o melodrama como elaboração que interage com a construção identitária de seu público. O material para os espetáculos não vem de fora, e sim, surge no âmago do povo, em meio à suas batalhas e aspirações. A cumplicidade do público com o espetáculo era intensa.

Um dos fatores que facilitava essa intimidade era a ausência dos diálogos. Como não eram permitidos, os atores recorriam a outras estratégias para se fazerem entender pelo público e contarem suas histórias. A mímica entrava nesse rol de possibilidades, porém,

(...) as estratégias mais utilizadas serão a utilização de cartazes ou faixas nas quais está escrita a fala ou o diálogo que corresponde à ação dos autores, e a utilização de letras de canções que fazem o público cantar seguindo as coplas impressas em volantes que lhe dão à entrada com a melodia das canções conhecidas. (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 165).

A dramaticidade desses espetáculos se baseavam no visual e no sonoro, e não no verbal. A encenação era fundamentada na fisionomia do ator. Essa fisionomia deveria deixar transparecer seus traços morais mais marcantes traçando um estereótipo do personagem. “Produz-se aí uma estilização metonímica que traduz a moral em termos de traços físicos sobrecarregando a aparência, a parte visível do personagem, de valores e contra valores éticos.” (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p 166). Essa forma de representar se adequa perfeitamente a um tipo de apresentação na qual o que importa é o que se vê. Essa característica do melodrama se conecta com a importância que as figuras e gestos possuem na cultura popular. “Atuação então que se estreita e reforça a cumplicidade com o público, cumplicidade de classe e de cultura!” (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 167).

Ao analisar a estrutura dramática do melodrama, Martin-Barbero destaca quatro sentimentos, quatro situações e quatro personagens fundamentais.

Tendo como eixo central quatro *sentimentos* básicos- medo, entusiasmo, dor e riso - a eles correspondem quatro tipos de situações que são ao mesmo tempo sensações- terríveis, excitantes, ternas e burlescas- personificadas ou “vivas” por quatro personagens - o Traidor, o Justiceiro, a Vítima e o Bobo. (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 168).

Esses sentimentos básicos permitem ao telespectador vivenciar, juntamente com o acontecimento do espetáculo, muitas das situações ocorridas em seu próprio dia a dia. Assim como seu cotidiano, durante a revolução, esteve permeado pelas vítimas, traidores e justiceiros, em suas vidas, mesmo com o fim da revolução, ainda podiam ser vistos os mesmos personagens. O espetáculo oferecia aos espectadores uma fatia de sua vida, pintada em cores berrantes.

A elaboração do melodrama se fundava na realidade social imediata, tal fator propiciava um vínculo muito forte dos espectadores com o conteúdo e estética dos espetáculos apresentados. Criava-se uma identificação muito direta com os personagens e a narrativa. O melodrama, ao se construir de acordo com a identidade do povo, também reforçava essas identidades através dos laços criados pela interação e identificação do público com a configuração do espetáculo.

Nesse convívio com temas tão próximos de seu cotidiano, se destacam dois elementos principais, o “das relações familiares, de parentesco, como estrutura das fidelidades primordiais, e a do excesso”. (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 171). É nessas duas esferas que os espectadores realizam trocas identitárias.

Todo o peso do drama se apóia no fato de que se acha no segredo dessas *fidelidades primordiais* a origem dos sofrimentos. O que converte toda existência humana – desde os mistérios da paternidade ao dos irmãos que se desconhecem, ou ao dos gêmeos- em uma luta contra as aparências e os malefícios, é uma operação de decifração. É isso o que constitui o verdadeiro movimento da trama: a ida do desconhecimento ao re-conhecimento da identidade. (...) Caberia então a hipótese de que o enorme e espesso enredamento das relações familiares, que como infra-estrutura fazem a trama do melodrama, seria a forma pela qual a partir do popular se compreende e se expressa a opacidade e a complexidade que revestem as novas relações sociais. (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 171).

Os elementos, símbolos e modos de convivência com a família, primeiro núcleo de convívio social, são reelaborados, ou seja, pintados com cores mais fortes para atribuir maior dramaticidade à narrativa. Como no exemplo citado por Martín-Barbero, o drama dos irmãos que se desconhecem. Nesse primeiro contato, o espectador sente certo estranhamento, como se aquelas histórias fossem fantásticas demais para caber em seu cotidiano.

Em um segundo momento, com o desenvolvimento da trama, o espectador vai, aos poucos, percebendo alguns pontos de encontro entre os elementos da história e sua

realidade habitual. É nesse ínterim que se inicia o processo de identificação e, conseqüentemente, de elaboração de identidades. Construções identitárias marcadas pelo peso enorme atribuído às *fidelidades primordiais* e ao predomínio da emoção.

O segundo elemento crucial na estrutura melodramática é o exagero, a *retórica do excesso*. Tudo no melodrama tende ao esbanjamento. Desde uma encenação que exagera nos contrastes visuais e sonoros até uma estrutura dramática e uma atuação que exibem descarada e efêticamente os sentimentos, exigindo o tempo todo do público uma resposta em risadas, em lágrimas, suores e tremores. (MARTIN\_BARBERO, Ibid, p. 171).

Esse exagero nos modos de representação faz com que a experiência do público seja mais intensa e diretamente ligada ao espetáculo. A torrente de emoções sentidas aproxima ainda mais o público da apresentação melodramática da vida. Ao mesmo tempo que esse tipo de retórica aproximava os espectadores de sua própria cultura e lugar social, afastava-os dos valores burgueses. O exagero do povo era o oposto da ética burguesa. Tal aspecto servia também como uma afronta aos valores da elite. “Julgado como *degradante* por qualquer espírito cultivado, esse excesso contém contudo uma vitória contra a repressão, contra uma determinada ‘economia’ da ordem, a da poupança e da retenção.” (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 171 e 172).

O melodrama, como representação cultural popular, era uma das únicas formas de visibilidade para essa camada da sociedade. Um público distante da cultura racionalista e excluído da interferência nos acontecimentos políticos tinha no extravasamento de suas emoções e no contato com a representação dos dramas familiares, as bases de apoio de sua construção identitária.

### **Melodrama e construção da identidade**

A literatura atual sobre as interações entre melodrama e construção identitária está permeada por acusações contra o modo melodramático de abordagem dos fatos. Porém, conforme nos propõe Martin-Barbero, a perspectiva da análise das formas de expressão das camadas populares é muito mais rica do que o simples ataque a essas manifestações. Como já citado, a estrutura melodramática se comunica com esses grupos sociais desde o seu surgimento. Tal relação se intensificou com o passar dos séculos e, nos dias atuais, o melodrama, mais do que um espetáculo, converteu-se em uma visão de mundo. Uma forma muito específica de compreensão da realidade.

Dentre os planos de significação, ou isotopias, articulados pela noção de *reconhecimento*, o racionalismo imperante só atribui sentido a um: o negativo. Porque, no plano de *conhecer*, re-conhecer é pura operação de redundância, ônus inútil. E, se uma tal isotopia é projetada sobre a questão ideológica, então o resultado se torna ainda mais radical: estamos no reino da alienação, onde re-conhecer consiste em desconhecer. Existe, porém, outro sentido, bem diferente: aquele no qual re-conhecer significa *interpelar*, uma questão acerca dos sujeitos, de seu modo específico de se constituir. E não só os sujeitos individuais, mas também os coletivos, os sociais, e inclusive os sujeitos políticos. Todos se fazem e refazem na trama simbólica das interpelações, dos reconhecimentos. Todo sujeito está sujeito a outro e é ao mesmo tempo sujeito para alguém. É a dimensão viva da sociabilidade atravessando e sustentando a dimensão institucional, a do “pacto social.” (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 306).

O melodrama será abordado por uma perspectiva distante da acusatória alienação. A visão melodramática da realidade será analisada como elemento importante para a análise da construção identitária nas classes populares. Essa forma de entender o mundo permeia o conteúdo de telenovelas, jornais e músicas presentes na *cultura popular-massiva*.

O ponto mais importante a ser considerado no melodrama é o *drama do reconhecimento*. Nas relações com os elementos mais próximos, geralmente membros da família, vizinhos e amigos, está o cerne da composição desses indivíduos. Com uma experiência limitada devido a sua distância da esfera da cidadania, esses sujeitos se reconhecem nas representações e apresentações de dramas familiares, laços de vizinhança e amizade.

Ao analisarmos as capas dos jornais que fazem parte do objeto de estudo dessa pesquisa, nos deparamos com uma dramaticidade bastante explícita. Os personagens dessas tramas reais encontram-se presentes na esfera da *sociabilidade primordial* dos leitores. São vizinhos, amigos ou parentes, pois moram no mesmo local que os leitores, nos bairros periféricos. Mesmo quando se trata de notícias sobre pessoas famosas, do mundo do entretenimento e do esporte, estão envolvidas em um acontecimento de fundo melodramático. Dessa forma, vislumbra-se alguns pontos de encontro entre celebridades e leitores.

Como exemplos desses *dramas reais*, cita-se algumas manchetes das primeiras páginas dos jornais:

“Covardões da milícia fuzilam três na Zona Oeste. Encapuzados atacam vítimas dentro de bar em frente a igreja. Oito homens são espancados” (Meia-Hora, 11/04/2009 - anexo p. 05).

“São pais ou monstros? Casal tortura bebezinho de quatro meses. Criançinha está internada na UTI em estado grave. Polícia já enjaulou os dois selvagens” (Meia-Hora, 18/04/2009 - anexo p. 06).

“Mãe espanca filha e bota culpa no demônio. Ela falou que ouvia vozes mandando matar a criança de 4 anos, que está em coma” (Expresso, 19/11/2008 - anexo p. 07).

“Adoradora do capiroto foi em cana. Antes do crime, monstra pisou na Bíblia. Mãe mata filho com 15 facadas em, ritual do capeta. Pilantra disse que o rapaz, de 19 anos, tinha que ser morto ‘por um bem maior’ ” (Meia-Hora, 20/11/2008 - anexo p. 08).

“Traição em dose dupla. Mulher teve ajuda do primo Ricardão para matar o marido. Dono de termas descobriu o caso por uma garotinha de quatro anos e foi executado. (Expresso, 18/01/2008 - anexo p. 09).

“Merece ir pro Livro dos Recordes!!! DNA revela, bezerro manso não é o papai! Inglês de 13 anos vira o corninho mais novo do mundo” (Meia-Hora, 27/03/2009 - anexo p. 10).

Nessas notícias, visualiza-se claramente os quatro personagens básicos da estrutura melodramática: o justiceiro, o traidor, a vítima e o bobo. Na primeira manchete, a expressão *covardões*, mostra que os integrantes da milícia são vistos como maus, ou seja, os traidores e os homens fuzilados e espancados, as vítimas. Fator que agrava ainda mais o acontecimento é o local onde o crime ocorreu, *em frente a igreja*. O desrespeito a um local sagrado torna mais execrável o ato dos assassinos. Na segunda manchete, percebe-se os traidores, na figura dos pais da criança torturada que, por sua vez, representa a vítima. A polícia exerce o papel de justiceira. Interessante notar que o traidor é imediatamente julgado no texto do jornal. No caso dessa manchete, o casal não se insere no patamar de seres humanos e sim de monstros enjaulados.

As outras manchetes também apresentam esses personagens. O bobo, que representa o ridículo e risível, pode ser visto no tom sarcástico de algumas manchetes. A morte do marido traído é ridicularizada. Assim como o pai que descobre que não é mais pai, como no caso do garoto inglês. Nesses casos, que representam traições conjugais, a figura do marido traído é alvo de zombaria. As expressões *primo Ricardão*, *bezerro manso e corninho* revelam essa abordagem.

(...) o *Bobo*, que está fora da tríade dos personagens protagonistas, mas pertence sem dúvida à estrutura do melodrama, na qual representa a presença ativa do *cômico*, a outra vertente essencial da matriz popular. A figura do Bobo no melodrama remete por um lado à do *palhaço* no circo, isto é, aquele que produz distensão e relaxamento emocional depois de

um forte momento de tensão, tão necessário em um tipo de drama que mantém as sensações e os sentimentos quase sempre no limite. Mas remete por outro lado ao *plebeu*, o anti-herói torto e até grotesco, com sua linguagem anti-sublime e grosseira, rindo-se da correção e da retórica dos protagonistas, introduzindo a ironia de sua aparente torpeza física, sendo como é um equilibrista, e sua fala cheia de refrões e jogos de palavras. (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 170).

Como se nota, a base da estrutura melodramática permanece ainda hoje em várias representações e mídias, inclusive nos jornais estudados. A figura do *Bobo* é importante, pois representa, o cômico, que é um elemento bastante marcado na cultura popular. A ridicularização da tragédia alheia integra a composição do plebeu, que atualmente, é vivenciado pelos indivíduos pertencentes às camadas populares.

Os jornais possuem vários elementos do melodrama. Esses se comunicam de forma direta com os leitores. Em algumas entrevistas, as relações de parentesco foram citadas como motivadoras da preferência por essa mídia. Em uma das entrevistas, o leitor disse que fica preocupado ao ler as notícias trágicas dos jornais, pois pensa que alguém de sua família poderia ter sido alvo do ocorrido. Em uma entrevista, a leitora disse ter sido tocada pela notícia de um acidente de moto porque tem um filho que utiliza esse meio de locomoção. Em outra entrevista, um senhor relata que um acidente ocorrido em um rio de Guapimirim chamou sua atenção já que ele havia salvado uma vítima de afogamento no mesmo rio.

Os relatos nos mostram que a proximidade com os jornais e seu conteúdo, interage com os leitores afirmando e reconstruindo suas identidades. A identificação com a vida melodramática é muito forte e no contato com esse tipo de abordagem da vida, nos jornais, novelas ou contos populares, fundam-se suas identidades. Sobre o melodrama,

Ao que nele está em jogo é o *drama do reconhecimento*. Do filho pelo pai ou da mãe pelo filho, o que move o enredo é sempre o desconhecimento de uma identidade e a luta contra as injustiças, as aparências, contra tudo o que se oculta e disfarça: uma luta por se fazer reconhecer. Não estará aí a secreta conexão entre melodrama e a história desse subcontinente? Em todo caso, o des-conhecimento do “contrato social” no melodrama fala, em alto e bom som, do peso que têm, para aqueles que nele se reconhecem, essa outra sociabilidade primordial do parentesco, as solidariedades locais e a amizade. (MARTIN-BARBERO, Ibid, p. 306).

Essas camadas, que não possuem representação política legítima e desconhecem o contrato social, vêm nos laços primordiais os fundamentos para a estruturação de sua existência. Na verdade, o *drama do reconhecimento* vai além de reconhecer-se e identificar-se com os elementos do melodrama. Também está em jogo o alcance de visibilidade e do reconhecimento de sua cultura por parte de outros setores da

sociedade. Essa luta pelo reconhecimento será abordada mais detidamente no próximo capítulo.

Voltemos às *fidelidades primordiais*, tão importantes para a compreensão da relação entre melodrama e construção identitária. Esses laços primários são tão fortes que, conforme já foi dito, embasam os modos de interação entre o indivíduo e sociedade bem como sua compreensão sobre a vida. O próprio tempo, enquanto categoria, é referenciado nesses laços.

Entre o tempo da *história*- que é o tempo da nação e do mundo, o dos grandes acontecimentos que se dão na comunidade- e o tempo da *vida*- que é aquele que vai do nascimento à morte de cada indivíduo, balizado pelos ritos que assinalam a passagem de uma idade a outra-, o tempo *familiar* é o que medeia a possibilita sua comunicação. (...) Uma guerra, assim, é percebida como “a época em que meu tio morreu”, e a capital, como “o lugar onde mora minha cunhada”. Desse modo, família e vizinhança- pois esta tem sido hoje uma espécie de “família aumentada” nos bairros populares das grandes cidades, dada a brutal migração, o desenraizamento e a precariedade econômica- representam no mundo popular os modos de sociabilidade mais verdadeira, mesmo com todas suas contradições e os seus conflitos. (MARTIN-BARBERO, *Ibid*, p. 307).

Quanto à questão identitária, as identidades construídas sobre o aparato melodramático, são extremamente marcadas por relações de vizinhança, parentesco e amizade. A identificação ocorre com o que está mais próximo de si. Esses elementos mais próximos não são a participação política nem a crítica ao atual modelo sócio-econômico. O que está perto e se comunica diretamente com essas classes, são os laços emotivos.

A análise das relações entre leitores e jornais previa a abordagem da construção identitária na atualidade utilizando vários elementos. O estudo do melodrama, que permeia o conteúdo e forma dos jornais, mostrou-se relevante. Existe outro objeto que será essencial para o estudo da construção identitária desses leitores, a mídia.

## **Mídia e identidade**

Os constantes contatos dos atores com os mecanismos, conteúdos e símbolos midiáticos, torna esse veículo relevante para o estudo da construção identitária na pós-modernidade. A relação diária com diferentes mídias faz dessa instância um fator presente no cotidiano de seus espectadores. As interações entre mídia e identidade serão analisadas baseando-se no pensamento de Douglas Kellner em, *A Cultura da Mídia*. O autor estuda essas relações através de vários objetos midiáticos. Música pop, seriados

televisivos e campanhas publicitárias são exemplos de conteúdos midiáticos pesquisados por Kellner.

O autor concorda que, com a modernidade, as identidades adquiriram maior fluidez, porém, sustenta que ainda existe lugar para identidades que são, de certa forma, fixas.

Na modernidade, a identidade torna-se mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações. Apesar disso, também é social e está relacionada ao outro.(...) as formas de identidade na modernidade também são relativamente substanciais e fixas; ainda têm origem num conjunto circunscrito de papéis e normas: pode-se ser mãe, filho, texano, escoteiro, professor, socialista, católico, homossexual- ou então uma combinação desses papéis e dessas possibilidades sociais. Portanto, as identidades ainda são relativamente fixas e limitadas, embora os limites para identidades possíveis e novas estejam em contínua expansão. (KELLNER, .2001, p. 295 e 296).

Kellner ressalta o grande peso das mídias nas trocas e construções identitárias. Sua expansão crescente favorece o estreitamento dos laços entre atores e mídia. Os conteúdos midiáticos e sua cultura encontram-se cada vez mais presentes em seu cotidiano. Tal fenômeno justifica a relevância de tornar as mídias objetos de estudo na análise e reflexão sobre as identidades pós-modernas.

Dentre a diversidade de mídias disponíveis, torna-se importante escolher uma que se conecte de forma mais direta com o tema desse trabalho. As campanhas publicitárias presentes em jornais, revistas e *outdoors* foram escolhidas como objeto de estudo e comparação com as imagens e conteúdos dos jornais populares. A formação da identidade a partir do contato e comunicação com imagens presentes em veículos midiáticos será observada nesse momento.

Kellner escolheu propagandas de cigarros como foco para sua pesquisa. Foram selecionadas duas marcas de cigarro, *Marlboro* e *Virginia Slims*. A primeira, tipicamente masculina, é responsável pela elaboração do mito do homem másculo, viril, forte e atraente. Ou seja, o estereótipo masculino do macho, do *homem de verdade*. Por outro lado, a *Virginia Slims*, cria a imagem da mulher independente, fumante, forte e sensual, o oposto da mulher machista e submissa. Alguns cartazes mostram esses dois modelos femininos lado a lado. Em um anúncio vemos na parte superior a imagem de uma mulher tirando os sapatos dos pés do esposo. Na foto abaixo, em tamanho bem maior, vemos uma bela modelo sorridente usando jaqueta de couro e fumando seu *Slims*. O que constitui outro modelo estereotipado, o da mulher pós-moderna.

Tais imagens simbólicas na propaganda tentam criar uma associação entre os produtos oferecidos e certas características socialmente desejáveis e significativas, a fim de

produzir a impressão de que é possível vir a ser certo tipo de pessoa (por exemplo, um homem de verdade) comprando aquele produto (no caso, os cigarros Marlboro) (...) Numa cultura pós-moderna da imagem, os indivíduos haurem realmente a sua identidade dessas figuras; portanto, a propaganda torna-se um mecanismo importante e geralmente negligenciado de socialização(...).

[a propaganda] Apresenta uma imagem utópica de novidade, sedução, sucesso e prestígio mediante a compra de certos bens. Oferece magicamente uma autotransformação e uma nova identidade, associando as mudanças de comportamento, modo de vestir e aparência do consumidor com uma metamorfose em uma nova pessoa. Por conseguinte, os indivíduos aprendem a identificar-se com valores, modelos e comportamentos sociais através da propaganda (...). (KELNNER, 2001, p. 318 e 322).

O autor defende o conceito de *posições de sujeito*, ou seja, diante das imagens das campanhas, os espectadores são levados e tomarem posições que seriam uma espécie de imitação, se a imagem apresenta um modelo positivo. Se a imagem expõe um modelo não desejável, esse não é imitado pelo espectador. Para que o consumidor assuma posições positivas, ou seja, se identifique com a imagem a ponto de comprar o produto, a indústria publicitária cria personagens com características desejáveis socialmente. Criam mitos aceitáveis e cobiçados. Kellner aplica esse conceito para os mitos formados por outras mídias. Ícones da televisão, cinema, música pop e rádio, também levam os atores a tomar posições de sujeito.

A escolha pela análise do autor sobre cartazes, se justifica pela semelhança na forma de apresentação do conteúdo, através de fotos e palavras escritas. Ao compararmos a maneira como as pessoas são expostas nos cartazes e o modo como são expostos nos jornais percebemos uma inversão total de abordagem.

Ao pensar nos anúncios publicitários nacionais através de fotos e palavras, vislumbra-se as celebridades encarnando personalidades desejáveis e aceitáveis. Modelos, cantores, atores, esportistas e demais pessoas expostas nas mídias, transmutam-se em personagens com características que povoam o imaginário dos consumidores. Sucesso, fama, sensualidade, glamour, beleza, vigor, poder e riqueza financeira, são alguns atributos utilizados na construção dos mitos que vendem determinado produto. As posições de sujeito serão tomadas de acordo com o gosto e necessidades pessoais.

Por exemplo, uma mulher de cinquenta anos pode se identificar com um anúncio de roupas para adolescentes, assim como uma mulher de trinta anos pode não se ver naquele produto. Mesmo que as posições assumidas sejam negativas, os criadores das campanhas sempre a programam para despertar posições de identificação, caso contrário, o produto não será vendido. Se o objetivo é a venda, os consumidores devem ser instigados a tomar posições positivas. O consumidor deve desejar estar próximo do

ícone exibido na propaganda. Mesmo que, em um primeiro momento, exista uma distância, a aproximação será propiciada pela compra do produto anunciado. O produto é que concederá as características desejadas e será o ponto de encontro entre consumidor e mito.

Nos jornais, o que acontece é o inverso. As celebridades são exibidas em decorrência de algum acontecimento negativo em suas vidas. Tragédias, assaltos, abortos, doenças, fracasso e traições são alguns fatores que permeiam o universo das celebridades das primeiras páginas dos jornais populares. Como exemplo, citaremos algumas manchetes de capa.

“Polícia diz que Adriano [jogador de futebol] encontrou chefões do pó em favela na Penha” (*Meia-Hora*, 07/04/2009 - anexo p. 11).

“Gringos esculacham casal em vôo vindo dos EUA. Bombom e Dudu [atriz e cantor] são xingados de macaco. Os dois foram vítimas do racismo de comissários de bordo no avião: ‘Foi uma viagem de terror’, diz Bombom, que registrou queixa na Polícia Federal” (*Expresso*, 19/11/2008 - anexo p. 07).

“Scheila Carvalho [modelo] chora a morte do filho de 2 meses. A ex-morena do Tchan enterrou ontem o menino Brian, que nasceu de 7 meses e tinha insuficiência renal” (*Expresso*, 19/01/2009 – p. 12).

“Prostituta comenta atuação do fenômeno: ‘Ele estava muito bêbado. Ronaldo [jogador de futebol] fez o que pôde’” (*Expresso*, 07/04/2009 - anexo p. 13)

“Bandidagem toca o terror em assalto a Carol Castro. Atriz foi roubada na Lagoa por bando armado, que deu até tiro para assustá-la. ‘Fiquei apavorada, tremendo’” (*Expresso*, 10/02/2009 - anexo p. 14)

Essas manchetes mostram a forma como os mitos são abordados, pelo viés negativo. Ao contrário das imagens da propaganda que pretendem criar uma relação de identificação positiva, as celebridades são expostas nos jornais como pessoas que sofrem, muitas vezes, os mesmos dramas que os leitores. O uso de drogas, como com o jogador Adriano. O racismo sofrido pelo casal Dudu e Bombom. A morte de um filho, como no caso da modelo Scheila Carvalho. A impotência sexual do jogador Ronaldo e a violência sofrida pela atriz Carol Castro são exemplos de problemas que transitam pelo cotidiano dos leitores.

A identificação propiciada entre homens comuns e celebridades dá-se pela esfera da catástrofe, do drama e do horror. Essa abordagem embasa todo o conteúdo dos jornais, como será discutido no próximo capítulo. Um dos elementos mitológico e

maravilhoso da mídia, as *celebrities* com sua vida perfeita e invejada, é totalmente desconstruído nas capas dos jornais. Os dramas vivenciados nos bastidores, que tentam esconder a todo custo, são expostos da mesma forma melodramática que as tragédias vivenciadas pelos leitores, ou pelos moradores de seus bairros.

A dinâmica de identificação ocorre pelo lado negativo. Considerando-se que a maioria dos leitores constitui uma massa formada por pessoas destituídas de poder, sucesso financeiro e alto grau de escolaridade, percebe-se que a possibilidade de identificação com a tragédia é mais alta que a identificação com o sucesso. O assalto, o racismo e a morte falam mais perto que o glamour e o alto consumo vislumbrado em outros tipos de publicação, como por exemplo na *Revista da TV* do jornal *O Globo* ou na *Caras*.

Outra forma de aproximação dos leitores com as celebridades é através das soluções para os problemas através do místico e metafísico. Como exemplo, citaremos outras manchetes.

“Não sei se ela fez feitiço, macumba ou coisa assim... Fran [participante de *reality show*] apela aos orixás para ser campeã do BBB. Colar usado pela ‘sister’ é guia de santo para fechar o corpo” (*Meia-Hora*, 07/04/2009 - anexo p. 11).

“Ator foi vítima de olho gordo. Os búzios revelam que Fábio Assunção atraiu inveja por ser bonito e talentoso. Tarô e numerologia dizem: 2009 será melhor. Ontem, Fábio ficou com a família e preparou seu embarque para os EUA, onde vai se tratar” (*Expresso*, 15/11/2009).

“Pai-de santo descobre o problema do xodó. Mau-olhado de ex-mulher ‘amarra’ as pernas de Obina. Jogador, que ainda não fez gol em 2009, tem que se acertar com o ‘além’” (*Meia-Hora*, 10/02/2009 - anexo p. 15).

Essas manchetes revelam explicações místicas para o fracasso pessoal, como no caso do jogador que vive uma má fase devido ao *olho gordo* da ex-mulher. A dependência química, vivida pelo ator Fábio Assunção, também é associada à inveja. O mau-olhado e a inveja, são abordados de forma bastante séria. Fábio Assunção é visto como uma vítima do olho gordo. O pai-de-santo e demais pessoas que trabalham com elementos místicos, como tarô e numerologia, são vistos como especialistas respeitados. Essa interpretação da realidade está bastante próxima do leitor que, muitas vezes, associa suas tragédias pessoais, a algum fator metafísico e espiritual.

Muitas vezes, o especialista legitimado pelas classes populares é o representante espiritual, pastor, padre, mãe-de-santo ou cartomante. Não é raro vermos discursos

religiosos que associam doenças modernas, como depressão e síndrome do pânico, fracasso pessoal e dependência química a fatores místicos. Os jornais apresentam o discurso desses representantes como legítimos.

No caso do ator Fábio Assunção, uma parte da matéria se dedica a expor uma das soluções apresentadas por um pai-de-santo.

Colunista do Expresso, Pai Paulo D'Oxalá acredita que Fábio está sofrendo por causa de inveja e ensina o que o ator deve fazer para sair dessa: o galã precisa tomar um banho de mar de manhã cedo, em jejum, usando sunga branca. Ao entrar no mar, pular sete ondas e, enquanto molha a cabeça, deve pedir com fé a Iemanjá que leve embora toda a energia negativa e descarregue toda a inveja (*Expresso*, 15/11/2008).

Os comentários para o caso não foram realizados por nenhum médico especialista em dependência química, mas por um pai-de-santo. A matéria também trás outra parte com o seguinte título: “O que dizem os especialistas”, na qual várias pessoas explicam a dependência química do ator. A taróloga Glória Britho, a numeróloga Aparecida Liberato, a especialista em baralho cigano, Daniele Madeira e a estudiosa da Cabala Luba Roichman, juntamente com o Pai Paulo D' Oxalá, formam o discurso do especialista. Tal fator aproxima os leitores das celebridades. Assim como muitos leitores, que explicam as intempéries de suas vidas e tentam resolver seus problemas através do âmbito místico e espiritual, as celebridades também são inseridas nesse contexto.

Juntamente com a interpretação melodramática da realidade, a identificação com o viés catastrófico dos *mitos midiáticos*, elabora uma estética diferente da desejada pela *boa sociedade*. As narrativas trágicas e dramáticas, o resumo da interpretação da realidade através de quatro personagens básicos, justiceiro, vítima, herói e bobo, constroem um universo particular. Um mundo distante dos centros urbanos, do alto consumo e dos bairros nobres. Elaboram um lugar onde o místico, o catastrófico e o melodramático, embasam as identidades dos indivíduos. Esse universo, formado por elementos, muitas vezes, repudiados, pelas camadas de maior poder, aquisitivo e grau mais alto de escolaridade, é uma espécie de local da exclusão. É o local, físico e simbólico, onde essa parcela da população elabora e vivencia suas formas de ver o mundo. Um mundo melodramático e, acima de tudo, trágico.

## CAPÍTULO IV

### A EXCLUSÃO SOCIAL RETRATADA

#### **Uma nova roupagem para um velho sistema: a reestruturação capitalista**

A exclusão social no Brasil é assunto debatido por diversas instâncias. A desigualdade na distribuição da riqueza, que, por sua vez, desequilibra o acesso a bens fundamentais para a sobrevivência, é um assunto debatido diariamente. O avanço e transformações na ordem capitalista ocorridos em todo o mundo refletem no imenso abismo, que separa ricos e pobres, vislumbrado no panorama nacional.

O objeto de estudo, jornais populares, relaciona-se de forma direta com o tema da exclusão. Primeiramente, porque são publicações formuladas especialmente para as camadas que possuem menor poder de consumo. Além disso, ao longo da pesquisa, foram percebidas muitas interações entre o tema e a forma e conteúdo dos jornais. Observou-se que, o reconhecimento da situação de excluído, não se dava apenas pelo lado dos produtores dos tablóides, mas que a comunicação dos leitores com os jornais propiciavam esse reconhecimento por parte desses atores.

Inicialmente, faz-se necessária uma breve análise das transformações na economia capitalista e seus reflexos no número de pobres no mundo. Tais mudanças também fazem parte do rol de acontecimentos que geraram uma nova configuração e tratamento dispensado aos excluídos. A importância desse debate justifica-se pela forma como os jornais apresentam o universo da exclusão e como os modos de identificação são construídos pelos leitores.

Richard Sennett, em *A corrosão do caráter*, analisa as mudanças na economia capitalista através de exemplos de histórias de trabalhadores na atualidade e sua relação com os modos de trabalho pós-moderno. O autor realiza algumas comparações entre esses atores e os trabalhadores de gerações passadas salientando como essas modificações alteraram o caráter desses indivíduos. Para Sennett “Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem” (SENNETT, 1999, p. 10). A partir do estudo desse objeto, observa mudanças fundamentais na economia e no trabalho.

A atual economia política se caracteriza pela instabilidade. As relações, laços e funções no trabalho são instáveis. Uma das causas para que essa característica seja tão forte na economia atual é a capacidade que o consumidor possui de motivar o mercado.

Os desejos e necessidades de consumo se modificam a cada dia. A insaciável necessidade de mudança é um caráter bastante forte na construção das identidades pós-modernas, sendo que tal característica também se reflete na economia.

“As pessoas estão famintas [de mudança]”, afirma o guru da administração, James Champy, porque “o mercado pode ser ‘motivado pelo consumidor’ como nunca antes na história”. O Mercado, nessa visão, é dinâmico demais para permitir que se façam as coisas do mesmo jeito ano após ano, ou que se faça a mesma coisa. O economista Bennett Harrison acredita que a origem da fome de mudança é o “capital impaciente”, o desejo de rápido retorno; por exemplo, o período médio de tempo que os investidores seguram suas ações nas bolsas britânicas e americanas caiu 60 por cento nos últimos quinze anos. O mercado acredita que o rápido retorno é mais bem gerado por uma rápida mudança institucional. (SENNETT, *ibid*, p. 22).

Nesse panorama, alguns fatores que configuravam a estruturação do trabalho até meados do século vinte foram modificados. A rotina, os laços de confiança e a estabilidade no emprego, são descartados por representarem um risco para o desenvolvimento desse novo capitalismo de configuração fluida. A flexibilidade é uma das palavras chave para entender esse novo momento econômico. Os trabalhadores devem estar prontos para as constantes mudanças pelas quais atravessam suas empresas e todo o sistema capitalista, com isso, devem estar livres para se adequarem a novos contextos.

Se uma organização, nova ou velha, opera como uma estrutura de rede flexível, frouxa, e não com um rígido comando de cima para baixo, a rede também pode afrouxar os laços sociais. O sociólogo Mark Granovetter diz que as redes institucionais modernas se caracterizam pela força de laços fracos com o que quer dizer, em parte, que as formas passageiras de associação são mais úteis às pessoas que as ligações de longo prazo, e em parte que laços fortes sociais como a lealdade deixaram de ser atraentes. (...)

Os laços fortes, em contraste, dependem da associação a longo prazo. E, mais pessoalmente, da disposição de estabelecer compromissos uns com os outros. (SENNETT, *Ibid*, p. 24 e 25).

O imperativo dos resultados a curto prazo exige que os laços sociais também sejam assim. Prazos longos não são algo desejável nesse novo quadro político-econômico. A urgência do *capital impaciente* exige uma estrutura que não abre espaço para relações que sejam fortes o suficiente para impedir os indivíduos de, escorrerem, tais como os líquidos citados por Bauman, pelos caminhos do capitalismo flexível.

Nessas circunstâncias, os trabalhadores se tornam incapazes de estabelecer laços profundos com seus empregadores, os motivos são vários. Pode-se citar a relação patrão

e empregado. Atualmente, a posse das grandes empresas está repartida em ações que são negociadas e vendidas a vários indivíduos. Não existe o tradicional chefe, dono da empresa. Outro fator é a divisão da produção industrial em vários pólos. O fenômeno da terceirização afasta ainda mais os trabalhadores do vínculo com determinada empresa. Como já citado anteriormente, esses vínculos profundos, que nessas circunstâncias são praticamente impossíveis de serem criados, não são desejáveis pelos detentores do capital.

Sennett cita o caso de Rose, antiga dona de um bar em Nova York, que se tornou funcionária de uma agência de publicidade. Rose cita uma revelação de um de seus colegas de trabalho, “O segredo é: não deixar que nada se grude na gente” (SENNETT, *Ibid*, p. 92). Esse é realmente o segredo para o sucesso nas empresas, a negação de qualquer laço mais profundo.

Tendo passado vários anos observando de perto (quase como participante) os mutáveis padrões de emprego nos setores mais avançados da economia norte-americana, Arlie Russell Hochschild descobriu e documentou tendência surpreendentes semelhantes às encontradas na Europa e descritas de forma muito detalhada por Luc Boltanski e Eve Chiapello como o “novo espírito do capitalismo”. A preferência, entre os empregadores, por empregados “flutuantes”, descomprometidos, flexíveis, “generalistas” e, em última instância, descartáveis (do tipo “pau-para-toda-obra”, em vez de especializados e submetidos a um treinamento estritamente focalizado), foi o mais seminal de seus achados. Nas palavras do próprio Hochschild:

Desde 1997, um novo termo- “chateação zero”- começou a circular em silêncio pelo vale do Silício, terra natal de revolução informática nos Estados Unidos. Em sua origem, significava o movimento sem fricção de um objeto físico como uma bicicleta ou um skate. Depois foi aplicado a empregados que, independentemente de incentivos financeiros, trocavam com facilidade de emprego. Mais recentemente, passou a significar “descomprometido” ou “desobrigado”. Um empregador “pontocom” pode comentar, com aprovação, sobre um empregado: “Ele é um chateação zero”, querendo dizer que ele está disponível para assumir atribuições extras, responder a chamados de emergência, ou ser realocado a qualquer momento. Segundo Pó Bronson, pesquisador da cultura do Vale do Silício, “chateação zero é ótimo. Por algum tempo, os novos candidatos eram jocosamente indagados sobre seu ‘coeficiente de chateação.’” (BAUMAN, 2008, p. 16 e 17).

O exemplo da *chateação zero* fornece uma visão da facilidade com que se substituem os empregados de uma empresa. Com a escassez de postos de trabalho, os indivíduos que conseguem empregar-se vêm-se obrigados a se esforçar ao máximo para manter seus empregos. *Assumir atribuições extras* e *serem realocados* são algumas das ações às quais os funcionários devem submeter-se para continuarem empregados. Sennett aborda a questão do senso de necessidade mútua, que, com o *afrouxamento dos laços* e a descartabilidade dos trabalhadores, torna-se obsoleto.

“Quem precisa de mim?” É uma questão de caráter que sofre um desafio radical no capitalismo moderno. O sistema irradia indiferença. Faz isso em termos dos resultados do

esforço humano, como nos mercados em que o vencedor leva tudo, onde há pouca relação entre risco e recompensa. Irradia indiferença na organização da falta de confiança, onde não há motivo para se ser necessário. E também na reengenharia das instituições, em que as pessoas são tratadas como descartáveis. Essas práticas óbvias e brutalmente reduzem o senso de que contamos como pessoa, de que somos necessários aos outros.

Pode-se dizer que o capitalismo foi sempre assim. Mas não do mesmo jeito. A indiferença do antigo capitalismo ligado à classe era cruamente material; a indiferença que se irradia do capitalismo flexível é mais pessoal, porque o próprio sistema é menos cruamente esboçado, menos legível na forma, (SENNETT, *Ibid*, p. 174 e 175).

Esse processo de *afrouxamento dos laços* juntamente com a reestruturação do capitalismo, gera uma nova representação sobre a dependência entre os atores. Ao se verem como facilmente substituíveis, cria-se a idéia de que o outro não depende muito deles. Por sua vez, esses atores também não dependem do outro. Dessa forma, é elaborada uma representação individualista, no sentido de indivíduo que é responsável apenas por si próprio. O sucesso, ou fracasso, são vistos como decorrência da falta de esforço ou perspicácia individual, e não como condições que dependem de todo um contexto sócio-político-econômico.

Como exemplo, podemos citar a análise de Bauman, (2008) sobre a responsabilidade da qualificação da mão-de-obra que saiu das mãos do governo para as dos indivíduos.

Essa tarefa [recomodificação do trabalho] está sendo excluída da responsabilidade governamental direta, mediante a terceirização, completa ou parcial, do arcabouço institucional essencial à prestação de serviços cruciais para manter vendável a mão-de-obra (como no caso de escolas, habitações, cuidados com os idosos e um número crescente de serviços médicos). Assim, a preocupação em garantir a “vendabilidade” da mão-de-obra em massa é deixada para homens e mulheres como indivíduos (por exemplo: transferindo os custos da aquisição de habilidades profissionais para fundos privados- e pessoais), estes são agora aconselhados por políticos e persuadidos por publicitários a usarem seus próprios recursos e bom senso para permanecerem no mercado, aumentarem seu valor mercadológico, ou pelo menos não o deixarem cair, e obterem o reconhecimento de potenciais compradores. (BAUMAN, *Ibid*, p. 16).

Bauman observa que o atual tratamento dispensado aos trabalhadores é semelhante ao destinado às mercadorias. Devem ter uma funcionalidade e serventia que se aprimoram diariamente. A questão da descartabilidade também vem à tona. Mercadorias velhas, que não servem porque existem outras tecnologicamente mais avançadas, são postas no lixo ou deixam de ser utilizadas. Tal qual os trabalhadores que não acompanham a intensa necessidade de reelaboração pessoal exigida pelo capitalismo atual.

Além disso, a escassez de postos de trabalho aumenta o contingente de pessoas descartáveis, não necessárias para o funcionamento da economia. “Segundo o levantamento realizado pelos jornalistas Hans Peter Martin e Harald Schuman (da Der Spiegel), é possível projetar que não mais de 20% da força de trabalho serão suficientes para fazer a economia funcionar pela velocidade do desenvolvimento tecnológico.” (BAUMAN apud FRIEDMAN, 2000, p. 27).

Ao fim dessas breves observações, salientamos alguns pontos de encontro entre o *capitalismo flexível* e as representações sobre a exclusão. O *afrouxamento dos laços*, a privatização das responsabilidades, o apagamento do senso de dependência mútua e a descartabilidade dos indivíduos, permitem a criação de um panorama no qual a coroação pelo sucesso, ou a punição pelo fracasso, são problemas individuais. Ao transferir tal afirmativa para o tema da exclusão, percebe-se que as classes menos favorecidas são vistas como únicas culpadas por sua situação. A exclusão não seria um fenômeno amplo, social, e sim, privado, individual.

Atualmente, esses indivíduos, que não possuem poder de consumo e participação política, não se tornam apenas descartáveis. Sua existência é algo que não possui nenhum valor e sua vida não é necessária. Eles não são penas descartados como lixo, afinal já existem muitos *lixões humanos* ao redor do globo. A perspectiva atual é a de eliminação desse lixo, com isso, esses indivíduos tornam-se matáveis.

## **Matabilidade**

Esse quadro nos remete a relação entre a privação do direito à vida e as narrativas da exclusão percebidas nos jornais estudados. Para isso, utilizaremos a tese de Giorgio Agamben publicada em sua obra *Homo Sacer- O poder soberano e a vida nua*. (2002). Nesse livro o autor discute, entre outros assuntos, a questão da *matabilidade*. O tema da violência e morte, frequente nos jornais, nos remete às ações de extermínio realizadas cotidianamente nos bairros periféricos. A análise desses tipos de assassinatos e sua representação nas classes populares, se conecta com o fenômeno estudado por Agamben.

O autor recorre à Grécia antiga onde existia mais de um termo para definir a palavra *vida*, tal qual ela é compreendida nos dias atuais.

Serviam-se de dois termos, semântica e morfologicamente distintos, ainda que reportáveis a um étimo comum; *zoé*, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e *bíos*, que indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo. (AGAMBEN, 2002, p. 09).

Portanto, a vida estava dividida em duas perspectivas, a do simples fato de existir, traduzida por *zoé* e a da existência específica de um grupo ou indivíduo, “uma vida qualificada, um modo particular de vida.” (AGAMBEN, Ibid, p. 09). O autor apóia-se na análise de Foucault realizada na obra *Vontade de saber* para observar a inclusão da vida natural na esfera da política. Tal fenômeno tem início com o advento da modernidade. A vida natural, ou, nas palavras de Agamben, a vida nua, passa a entrar no jogo político.

Por milênios, o homem permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivente e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal em cuja política está em questão a sua alma de ser vivente. (Foucault apud Agamben, 1976, p. 127).

Segundo Foucault, o “limiar da modernidade biológica” de uma sociedade situa-se no ponto em que a espécie e o indivíduo enquanto simples corpo vivente tornam-se a aposta que está em jogo nas suas estratégias políticas. (AGAMBEN, Ibid, p. 11).

O autor prossegue sua análise citando os estudos de Foucault sobre as formas como as instituições do *poder soberano*, tomaram para si a responsabilidade pela esfera biológica da vida e pela saúde do povo. A preocupação com hábitos de higiene e outros cuidados com a saúde fazem parte desse estatuto. Disso decorre uma espécie de reforço da existência encarada como *zoé* pelos antigos gregos. Uma forma de vida que era comum tanto a homens quanto a animais.

Em vez do propiciar uma elaboração da *bíos*, o que ocorreu foi a inclusão da vida nua no contexto do poder, nas palavras de Foucault, foi construída, através da política, *uma animalização do homem*. Essa representação e compreensão da vida humana foi importante para o avanço e estabelecimento do capitalismo.

Em particular, o desenvolvimento e o triunfo do capitalismo não teria sido possível, nessa perspectiva, sem o controle disciplinar efetuado pelo novo biopoder, que criou para si, por assim dizer, através de uma série de tecnologias apropriadas, os “corpos dóceis” de que necessitava. (AGAMBEN, Ibid, p. 11).

Na Grécia clássica, a *zoé* estava fora da *pólis* por se caracterizar como vida *meramente reprodutiva*. Com o surgimento da *biopolítica*, a *zoé* foi incluída na *pólis*. As interferências do poder soberano na vida nua modificaram profundamente as

estruturas e percepções da política e do social na era moderna. Para Agamben, esse acontecimento foi o grande marco da modernidade.

O autor recorre a um tipo de indivíduo presente no direito romano clássico para caracterizar a vida nua na modernidade. O *homo sacer* era um tipo de pessoa que podia ser legalmente morto, sua execução não constituía um crime. Ao mesmo tempo, não poderia ser sacrificado em rituais religiosos, pois não era digno de ser entregue aos deuses. Essa figura representa a destituição total de direitos, não possui direito à vida, é um indivíduo matável e não possui o direito de morrer em sacrifício, é *insacrificável*.

Agamben ressalta a relação entre inclusão e exclusão vislumbrada no *homo sacer*, “a vida humana é incluída no ordenamento unicamente sob a forma de sua exclusão (ou seja, de sua absoluta matabilidade).” (AGAMBEN, Ibid, p. 16). Essa dinâmica constitui o fundamento da política ocidental moderna.

A dupla categoria fundamental da política ocidental não é aquela que amigo-inimigo, mas vida nua-existência política, *bíos-zoé*, exclusão-inclusão. A política existe porque o homem é o vivente que, na linguagem, separa e opõe a si a própria vida nua, e ao mesmo tempo, se mantém em relação com ela numa exclusão inclusiva (...).

Se algo caracteriza, portanto a democracia moderna em relação à clássica, é que ela se apresenta desde o início como uma reivindicação em uma liberação da *zoé*, que ela procura constantemente transformar a mesma vida nua em forma de vida e de encontrar, por assim dizer, o *bíos* da *zoé*. Daí, também, a sua específica aporia, que consiste em querer colocar em jogo a liberdade e a felicidade dos homens no próprio ponto- “a vida nua”- que indicava a sua submissão. Por trás do longo processo antagonístico que leva ao reconhecimento dos direitos e liberdades formais está, ainda uma vez, o corpo do homem sacro com o seu duplo soberano, sua vida insacrificável e, porém, matável. Tomar consciência dessa aporia não significa desvalorizar as conquistas e as dificuldades da democracia, mas tentar de uma vez por todas compreender porque, justamente no instante em que parecia haver definitivamente triunfado sobre seus adversários e atingido seu apogeu, ela se revelou inesperadamente incapaz de salvar de sua ruína sem precedentes aquela *zoé* a cuja liberação e felicidade havia dedicado todos seus esforços. (AGAMBEN, Ibid, p. 16 e 17).

Não cabe proceder, junto com Agamben, uma investigação sobre os processos que ocasionaram o fracasso da tentativa de *libertar* a vida nua. Porém, serve para reflexão e questionamento sobre a relação entre democracia moderna e vida nua, entre política e *homo sacer*. Faz pensar sobre as formas através das quais a politização da *zoé* serviu para o avanço galopante do capitalismo. Leva ao estranhamento de uma democracia que, cada vez mais empenhada em defender a liberdade através dos direitos, permite que, no lado oposto a figura do *homo sacer* permaneça presente, ainda hoje, nas favelas, prisões e bairros periféricos.

## O reconhecimento da exclusão

Ao trazer esse debate para o campo de estudo, percebemos a vida matável estampada nas capas dos jornais. Nas mídias estudadas, nota-se claramente a figura do *homo sacer* pós-moderno encarnada em diversos personagens. A empregada doméstica, o traficante e o ladrão são alguns exemplos.

Cita-se algumas manchetes do jornal *Meia-Hora*, que, em comparação com o outro jornal estudado, *O Expresso*, faz uma distinção entre o tratamento dispensado a assassinatos cometidos contra criminosos e homicídios cometidos contra pessoas que comporiam outro grupo, o dos que não cometeram crimes. O jornal enaltece as ações policiais de extermínio e utiliza termos de menosprezo ao se referir aos criminosos. Como exemplos de manchetes, que louvam as ações policiais, podemos citar:

“Civil mete nove no xilindró.” (16/01/2008 - anexo p. 16).

“Couro comeu pesado. Políçada encara a bandidagem no Jacaré.” (17/01/2008 - anexo p. 17).

“Favela será ocupada para obras de urbanização. O pau vai cantar no Alemão. Polícia e tráfico estão prontos para a guerra. (18/01/2008 - anexo p. 04).

“Operação sem data para acabar. PM sacode o Dona Marta.” (20/11/2008 - anexo p. 08).

“Quanto maior o homem, maior a queda...Polícia esmaga gigante da ADA. Civil ocupa favela de Costa Barros e manda esquartejador da quadrilha e um comparsa para o colo do coisa-ruim. Sete vão em cana.” (09/04/2009 - anexo p. 18)..

“Homem de preto, qual é sua missão? Caveiras deixam 3 no chão em Santo Amaro.” (14/07/2009 - anexo p. 19).

É visível a afirmação do poder policial nessas manchetes. A utilização de termos como *mete nove*, *políçada* e *polícia esmaga gigante* são exemplos que mostram o tratamento dispensado aos criminosos e à polícia. O tom de sarcasmo mostra que o fato é tratado como piada, ou seja, não há nenhum respeito pelas vítimas. É como se não tivessem o direito de serem tratados com dignidade. A eliminação é tratada como fator cotidiano, não como um escândalo legalmente inviável.

A última manchete é um bom exemplo dessa afirmação. A pergunta: “Homem de preto, qual é a sua missão?” virou chavão depois da estréia do filme *Tropa de Elite* (José Padilha, 2007) que possui como tema o cotidiano dos policiais do batalhão de operações especiais (BOPE), na cidade do Rio de Janeiro. A frase citada é parte da

música cantada pelos policiais no filme, cuja letra é “Homem de preto o que é que você faz? Eu faço coisas que assustam Satanás. Homem de preto que é a sua missão? Entrar na favela e deixar corpos no chão.” O jornal mostra que a função dos policiais é realmente *sacudir* as favelas e *deixar no chão*.

No outro pólo, os crimes e assassinatos cometidos pelos moradores dos bairros periféricos são logo repreendidos pelo jornal. Como exemplo, são citadas outras manchetes do jornal *Meia-Hora*

“Morador ficou ferido. Bando do CV mata PM na Penha. Soldado do 16º batalhão levou tiro quando procurava paiol do tráfico na Vila Cruzeiro. Objetivo da ação era enfraquecer a quadrilha de Tota, para facilitar as obras do PAC na favela.” (15/01/2008 - anexo p. 20).

“Covardões atiraram pelas costas. Coronel PM é executado por bandidos em Niterói.” (07/04/2009 - anexo p. 11).

“Banho de sangue em Campo Grande. Covardões da milícia fuzilam três na Zona Oeste. Encapuzados atacam vítimas dentro de bar e em frente à igreja. Oito homens são espancados.” (11/04/2009 - anexo p. 05).

“Tragédia em Maria da Graça. Covardões do Jacaré matam grávida. Milagre salva o bebê. Ladrões queriam roubar carro e executaram enfermeira.” (20/04/2009 - anexo p. 21).

Os assassinatos cometidos pelos bandidos são expostos como crimes, ao contrário das ações policiais, que são mostradas como parte do cotidiano. Os bandidos são caracterizados como covardes. Na guerra entre policiais e bandidos, a eliminação desses últimos constitui um fato digno de enaltecimento. Ao passo que as ações dos bandidos, constituem mera covardia. Além disso, os verbos utilizados são diferentes. Os bandidos são *derrubados*, *deixados no chão*, enquanto suas vítimas são *mortas*, *fuziladas*.

A polícia é retratada como força necessária para eliminar o crime, favorecendo os moradores. A primeira manchete expõe isso de forma clara ao dizer que o policial assassinado trabalhava em uma operação que pretendia impedir que as atividades criminosas atrapalhassem as obras do programa de aceleração do crescimento (PAC). Nesse sentido, os policiais seriam importantes para a melhoria das condições de vida nas favelas.

Diante desse panorama, surge a questão, apenas a eliminação dos bandidos é considerada uma benesse? As manchetes fornecem algumas pistas de que, apesar de

haver uma diferenciação no tratamento dado a bandidos e moradores, esses dois grupos fazem parte de um único contexto. As expressões *favela será ocupada, o pau vai cantar no Alemão e PM sacode o Dona Mart*” não se referem de forma específica aos bandidos, referem-se a locais. Esses lugares não são habitados somente por bandidos, as favelas *sacudidas e ocupadas* são reduto de trabalhadores alocados em sub-empregos, desempregados e trabalhadores autônomos. Pessoas que possuem, na maior parte dos casos, baixo nível de escolaridade e pouco poder de compra.

Mesmo que não seja mencionado no jornal, quando os policiais ocupam esses bairros não há cuidado em deixar os moradores de fora das ações de extermínio. Não é raro serem noticiados casos de moradores que são assassinados durante os conflitos entre policiais e bandidos. Essas mortes são tratadas também como parte de um cotidiano, como consequência de ações policiais que não podem ser evitadas. Como exemplo cita-se a manchete do jornal *Expresso* de 13/07/2009 (anexo p. 22), que relata um desses casos. “Operação no Macacos. Policiais trocam tiros com a bandidagem. Doméstica é baleada e não resiste. 3 mortos e 6 feridos.” A matéria mostra claramente a diferenciação entre moradores mortos e bandidos, entretanto, não ressalta o aspecto criminoso desse tipo de caso. Não exhibe a morte da empregada doméstica como crime que deve ser investigado, o fato é relatado apenas como consequência de uma ação necessária. Além disso, a culpabilização não caiu sobre os policiais, e sim, sobre a reação dos bandidos. Abaixo está citada parte da matéria.

Policiais sacudiram o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e inocentes acabaram sendo vítimas do fogo cruzado entre PMS e bandidos. Três pessoas morreram e 6 ficaram feridas.

Entre os mortos, está a empregada doméstica Vera Lúcia Rodrigues da Silva, de 35 anos, que acabou sendo baleada, durante a operação policial na favela iniciada no sábado à noite. A ação foi realizada por vinte policiais do 6º BPM (Tijuca), com apoio de dois caveirões do batalhão de Operações Especiais (BOPE). Traficantes reagiram, dando início a um tremendo banguê-banguê que assustou os moradores do bairro.

A morte da doméstica revoltou familiares e moradores da comunidade, que disseram que ela era muito calma e trabalhadora. Vera voltava para casa de uma festa de criança, acompanhada da cunhada e da sobrinha de 12 anos, quando levou um tiro de fuzil no peito.(...)

O irmão de Vera e morador do Morro dos Macacos, Márcio Rodrigues se revoltou com a morte da doméstica.

-Minha irmã não tinha nada a ver com vagabundo, nem nada errado. Era uma trabalhadora.

Apesar da dramatização percebida em expressões como *inocentes acabaram sendo vítimas e era uma trabalhadora*, não há um questionamento sobre a morte de Vera. Existe o aspecto melodramático, *voltava de uma festa de criança, minha irmã não*

*tinha nada a ver com vagabundo*, porém essa característica, conforme exposto no capítulo anterior, é comum às narrativas populares. Não há um estranhamento com relação à morte de Vera nem tampouco algum comentário que vá além do aspecto dramático. O tratamento dispensado à morte de traficantes e moradores é o mesmo, fato cotidiano e consequência das necessárias ações policiais. A forma de abordar o fato é diferenciada, a morte dos bandidos é enaltecida e dos moradores dramatizada, mas o conteúdo da abordagem é o mesmo.

Os jornais expõem os moradores dos bairros periféricos, de uma forma geral, como excluídos, delimitando os locais da exclusão. Lugares que abrigam, exclusivamente, a tragédia retratada por situações acidentais, as imagens de celebridades, que passaram por momentos ruins, e o circuito violência crime, visto nas notícias sobre assassinatos bárbaros e consequências dos embates entre policiais e traficantes. Diante dessa estruturação e abordagem dada pelos jornais, como os leitores se comunicam com esse quadro?

Durante a pesquisa, pôde-se perceber que a identificação dos leitores com os jornais é muito forte, porém, essa aproximação não se justifica apenas pela comunicação com a forma melodramática. A relação entre leitor e jornal é aprofundada pela identificação com o local onde moram. O lugar retratado nos jornais, os bairros onde ocorrem as cenas de horror são os mesmos habitados pelos leitores. Os cadáveres expostos nas primeiras páginas são, muitas vezes, seus vizinhos, amigos e parentes.

O local de pertença dos leitores está explicitado nos jornais. Essas publicações lembram-lhes, todo o tempo, que apesar de estarem circulando pelo centro da cidade, o que lhes pertence é o horror, a miséria, a violência e o crime. Gizlene Neder, ao analisar as imagens da violência presentes em jornais durante a transição política da ditadura para o Estado de Direito (1978-1988), interpreta a presença desses temas nos jornais como mecanismo de repressão das classes populares.

Na saída da ditadura recente, pensamos que na medida em que as estratégias de controle social formal (Polícia e Justiça) deram sinais de esgotamento com o alargamento das conquistas democráticas, esta imprensa sensacionalista passou a cumprir um papel inibidor repressivo, exibindo um horror cotidiano. Com a produção imagética do terror apresentando diariamente mutilações e com a presença de um discurso minudente, detalhista das atrocidades sofridas pelo “condenado”, a banca de jornal, como a praça, oferece às classes subalternas, comprovadamente consumidoras preferenciais desta imprensa sensacionalista (de mau gosto para as elites), elementos de controle social informal, de alguma forma eficaz. Na medida em que nos afastamos, com o passar do tempo, das lembranças da ditadura, e que seu potencial inibidor repressivo vai se esmaecendo na memória social, as classes subalternas vão, aos poucos, ocupando mais livremente os espaços públicos (as praças, as ruas e as praias); vão circulando mais, disputando logradouros antes nunca freqüentados. Destarte, a imprensa sensacionalista e

apelativa como a dos jornais “O Povo”, e “A Notícia” no Rio de Janeiro e “Notícias Populares” em São Paulo, ganham as ruas. (NEDER, 2005, p. 12).

Se no período do fim da ditadura essas imagens serviam à repressão, atualmente, com a circulação mais livre das classes populares por vários locais da cidade, os jornais servem à afirmação do seu local de pertença e de sua condição de excluído. Fazem parte de um conjunto de símbolos que propiciam uma construção identitária. Uma identidade fundada na esfera local, que é também o lugar da exclusão. As manchetes dos jornais populares fundam um lugar e constroem uma ordem que permite estabelecer e *distribuir* as identidades dos excluídos, moradores da periferia, subempregados, com os demais espaços sociais. Segundo Certeau,

Um “lugar” é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns “ao lado” dos outros, cada um situado num “lugar” próprio e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indecação de estabilidade” (Certeau, 2002, p. 200).

Os jornais permitem aos leitores, não só o estabelecimento da identificação com o seu local de pertença, mas também a compreensão de que os locais por onde passa diariamente, são apenas locais de passagem, são lugares que não lhe pertencem. A empregada doméstica que atua em um bairro de classe média, o camelô que trabalha no centro e o desempregado que vasculha vários bairros da cidade em busca de emprego, são as pessoas que, ao passarem por uma banca de jornal, se reconhece na mídia estudada e fica, por breves minutos, absorto nos jornais. Um bom exemplo dessa comunicação tão próxima foi uma resposta obtida em uma das entrevistas. Quando perguntado se já havia visto alguém conhecido nas capas dos jornais, o entrevistado diz, com um breve sorriso (como se fosse uma pergunta óbvia), “É o que a gente mais vê”.

### **O mundo da exclusão**

O jornal *Expresso* possui uma característica interessante no tratamento dispensado a vítimas e criminosos. O jornal inclui todos em uma mesma esfera. Logicamente, há o julgamento moral e a dramatização de crimes bárbaros, entretanto, policiais, bandidos e moradores são tratados da mesma forma, como se fizessem parte de um universo onde a representatividade legal da polícia não fosse considerada. Ao estudar os conflitos pelo direito de habitação em uma favela na cidade do Rio de Janeiro

(chamada de Pasárgada), Boaventura de Souza Santos, observou uma diferenciação entre o modelo jurídico imperante nesse local e o modelo oficial. Esses dois diferiam bastante entre si.

A favela é um espaço territorial, cuja relativa autonomia decorre, entre outros fatores, da ilegalidade coletiva da habitação à luz do direito oficial brasileiro. Esta ilegalidade coletiva condiciona de modo estrutural o relacionamento da comunidade enquanto tal com o aparelho jurídico-político do Estado brasileiro. No caso específico de Pasárgada, pode detectar-se a vigência não oficial e precária de um direito interno e informal, gerido, entre outros, pela associação de moradores, e aplicável à prevenção e resolução de conflitos no seio da comunidade decorrente da luta pela habitação. Este direito não-oficial - o direito de Pasárgada, como poderei chamar - vigora em paralelo (ou em conflito) com o direito oficial brasileiro e é desta duplicidade jurídica que se alimenta estruturalmente a ordem jurídica de Pasárgada. Entre os dois direitos estabelece-se uma relação de pluralismo jurídico extremamente complexa, que só uma análise muito minuciosa pode revelar. Muito em geral pode dizer-se que não se trata de uma relação igualitária, já que o direito de Pasárgada é sempre e de múltiplas formas um direito dependente em relação ao direito oficial brasileiro. Recorrendo a uma categoria da economia política, pode dizer-se que se trata de uma troca desigual de juridicidade entre as classes cujos interesses se espalham num e noutro direito. (SANTOS, 1980).

A questão do contexto de total ilegalidade, representado pelas favelas, a exclui do direito de recorrer aos mecanismos legais oficiais. Recorrendo à análise de Agamben, pode-se dizer que as únicas formas de sobrevivência encontradas por essas pessoas, constituem uma ilegalidade. A ocupação desordenada, o não pagamento de alguns impostos e a dedicação de muitos moradores a atividades econômicas ilícitas, constituem uma forma de vida que é ilegal. Como não há opção a esse modo de vida, conclui-se que a existência dessas pessoas é ilegal, não desejável. Vivendo em um contexto de total ilegalidade, a eliminação dessas pessoas não constituiria em crime, pois o modelo jurídico aplicáveis às demais camadas, medianas e altas, não é o mesmo para as classes populares. Os mecanismos jurídicos oficiais são vistos como distantes, pertencem a outro universo, principalmente a polícia.

Outros fatores contribuíram ainda para que a Polícia fosse vista como um inimigo pelos moradores de Pasárgada. Criminosos, suspeitos, vagabundos e em geral "maus elementos" eram considerados pela Polícia como formando uma considerável proporção da população de Pasárgada. Por conseguinte, pelo que contam desse tempo (que não é, neste aspecto, muito diferente do tempo presente), a Polícia fazia incursões repressivas, isto é, dava batidas na comunidade com muita frequência. Estas batidas eram tão ineficientes do ponto de vista de objetivos policiais quanto eram repugnantes para os moradores que delas eram vítimas. Aqueles que de fato eram "maus elementos" quase nunca eram apanhados e as pessoas inocentes eram levadas com frequência para prisões de onde não eram libertadas a não ser através de suborno. Neste contexto, e mesmo colocando de lado perigos envolvidos, não existia qualquer propósito útil em chamar a Polícia em caso de conflito. Se a vítima, ou, em geral, a pessoa prejudicada chamasse a Polícia, sabia que esta provavelmente não se disporia a vir (a menos que por outros motivos tivesse nisso interesse) e, se viesse, o culpado e todas as relevantes testemunhas já teriam então desaparecido ou, se não; quando interrogadas, fugiam o possível para não fornecer quaisquer informações úteis. Por outro

lado, o morador que chamasse a Polícia seria considerado traidor ou informante (cagüete) pelos outros moradores e isso poderia fazer perigar a sua permanência na comunidade.

Não existe razão para duvidar da exatidão deste relato, tanto mais que ele se refere a comportamentos e atitudes que continuam ainda hoje a constituir, em grande parte, o quotidiano das relações entre os moradores de Pasárgada e a Polícia. Apesar de ter agora delegacia em Pasárgada, a Polícia continua a desempenhar um papel mínimo na prevenção e na resolução de conflitos. Não obstante os seus esforços no sentido de uma aceitação mais positiva por parte da comunidade continua a ser vista por esta como uma força hostil investida de funções estritamente repressivas. (SANTOS, Ibid, 1980).

Essa ordenação jurídica própria aparece muito claramente no jornal *Expresso*. Existe um enaltecimento do poder, não importa se vindo da polícia ou dos bandidos. Não há a evocação da polícia como representante legal, pois os bairros retratados possuem, ainda que precariamente, seu próprio código legal. Citemos algumas manchetes do *Expresso*.

“Bandidagem toca o terror em assalto a Carol Castro. Atriz foi roubada na Lagoa por bando armado, que deu até tiro para assustá-la. ‘Fiquei apavorada, tremendo’” (10/02/2009 - anexo p. 14).

“Bandido chega junto em mulher de chefe da Rocinha e é executado. Um dos bandidos mais procurados de São Gonçalo, Japão tentou furar o olho de Nem numa festa e elevou um tiro no rosto” (14/07/2009 - anexo p. 23).

“Tráfico toma prejuízo de R\$ 1,5 milhão. A polícia descobriu que um caminhão cheio de maconha chegou à Mangueira e deu o bote em uma tonelada e meia da droga” (09/05/2009 - anexo p. 24).

“Polícia invade a Pedreira e quebra seis bandidos” (19/01/2008 - anexo p. 12).

Na primeira manchete pode-se notar o poder da violência dos bandidos. O termo *bandidagem* define um grupo específico que juntamente com a expressão *toca o terror* denota a força de tal grupo. O relato da atriz mostra que a intenção dos bandidos foi alcançada, conseguiram coagi-la com os tiros. Na segunda manchete percebe-se, na expressão *chefe da Rocinha*, a exposição de uma característica da estrutura política da favela. Não existe um governante, a única instância do governo que vai até esses lugares é a polícia. O que existe é um chefe com poder absoluto naquele local. Essa manchete foi a principal da capa.

Na mesma capa, o assassinato dos três bandidos em Santo Amaro, ocupou um espaço mínimo: “Bope mata 3 bandidos em Santo Amaro”. No mesmo dia, o jornal meia-hora elegeu a notícia do Bope como uma das principais da capa, acompanhada de

uma foto de três policiais segurando uma trouxa ensangüentada, na qual havia um corpo, com o seguinte texto: “Homem de preto, qual é sua missão? Caveiras deixam 3 no chão em Santo Amaro”.

A importância dada pelo *Expresso* ao caso, que teve o traficante como destaque, revela maior compreensão das relações políticas nos bairros periféricos. Outro fator interessante foi a forma íntima como se referem aos traficantes, Japão e Nem, como se fossem velhos conhecidos dos leitores dos jornais, e realmente o são.

A terceira manchete trata o tráfico como uma empresa que teve um prejuízo. A ótica da reportagem não é a da polícia, e sim a do traficante. A polícia não foi retratada como instituição legal que apreendeu uma enorme quantidade de droga, e sim, como alguém que *deu um bote* nos traficantes. A polícia não apreendeu R\$1,5 milhões em drogas. O que ocorreu foi o prejuízo dos traficantes devido a *um bote* da polícia.

A última manchete foi citada com o intuito de realizar uma breve análise entre os termos *ocupar*, utilizado pelo jornal *Meia-Hora* e *invadir*, utilizado pelo *Expresso*. A forma como o termo ocupar é colocada remete a uma ação legal. A polícia tem o direito de entrar em uma determinada área que é passível de ser ocupada, a polícia pode ocupar aquele local. Já o termo *invadir* refere-se a uma entrada forçosa. O local não permite a entrada da força policial, o que resta aos policiais é invadir a área. A utilização do termo confirma a ótica dos traficantes, bem como dos moradores que, muitas vezes, são submetidos a incursões policiais em seus lares.

A música *Rap das Armas*, de Cidinho e Doca, retrata o caráter invasivo das ações policiais nas favelas, como podemos observar no seguinte trecho: “Morro do Dendê é ruim de invadir/ Nós com os Alemão vamos se divertir/ Porque no Dendê eu vou dizer como é que é/ Aqui nós não dá mole nem pra DRE/ Pra subir aqui no morro até a BOPE treme/ Não tem mole pra exército civil nem pra PM”. Alemão é o termo usado para definir os *invasores*. A música mostra que a favela é um local guardado contra as ações policiais, é um território de poder dos traficantes, a entrada de policiais constitui, portanto, uma invasão.

No dia doze de maio de 2009 (anexo p. 25), o *Expresso* publicou na capa uma enorme foto de vários tipos de balas utilizadas nas armas de integrantes de uma milícia carioca, a manchete dizia: “Novas balas da milícia são chumbo grosso. Milicianos usam artilharia que fura blindados e não deixa pistas. É a 1º vez que polícia pega essa munição com bandidos.” O trecho que inicia a reportagem também merece destaque: “O armamento da bandidagem do Rio está cada vez mais pesado. E não é só o tráfico que

tem investido em armas. As milícias também estão preparadas para uma guerra.” Observa-se a importância dada ao poder da milícia com a utilização de uma imagem forte, a foto das balas, para reforçar o poder dos milicianos.

No mesmo dia, o jornal *Meia-Hora* noticiou o fato, mas não houve manchete na capa. O lugar de destaque da primeira página foi ocupado por um crime bizarro, uma adolescente colou os olhos e a boca de um bebê com cola super bonder (anexo p. 26). O *Meia-Hora* não deu tanta visibilidade ao poder de fogo dos milicianos como o *Expresso*. Os destaques do *Meia-Hora* são destinados às ações policiais de repressão. No dia vinte e três de julho desse ano, ocorreu exatamente o contrário. O *Meia-hora* noticiou com grande destaque uma ação policial: “Polícia dá uma de kryptonita e detona bonde do super-homem. Civil apreende 40 motos, armas e munição, e ainda escracha ‘hospital’ montado para atender a vagabundagem.” (anexo p. 27).

O *Expresso* da mesma data publicou como matéria de destaque o caso de um maníaco, que rouba as peças íntimas de mulheres e foi agredido por uma de suas vítimas (anexo p. 28). O caso do hospital dos traficantes foi noticiado em um pequeno *box* no final da capa. A forma de noticiar o acontecido não exaltava os policiais e nem pilheriava os bandidos. Como o *Meia Hora*, a manchete foi breve: “Polícia fecha hospital do tráfico em Manguinhos”. A forma que a notícia foi dada não demonstra tanta surpresa quanto o outro jornal. Ao que parece, a existência de tais hospitais já é de conhecimento dos leitores.

Diante desse panorama percebe-se que o jornal *Expresso* retrata de forma mais fiel a organização, símbolos e códigos das favelas e demais bairros periféricos. Esse é o mundo desenhado nas capas, o mesmo universo de pertença do leitor. Um universo que só está incluído no jornal por ser o universo da exclusão. Dialogando com Agamben percebemos que é a exclusão total, a destituição absoluta de direitos e a matabilidade o que inclui esses bairros nos jornais. Os dois jornais retratam a exclusão, o *Meia-Hora* de forma mais repressora e o *Expresso* tentando se aproximar o máximo possível da visão de mundo dos leitores.

É nesse contexto e abordagem das periferias, exibindo apenas seu lado trágico, grotesco e catastrófico, que os leitores vão construindo uma identidade fundada nessa perspectiva, a identidade do excluído. Os leitores confirmam, através dos jornais, que o que lhes cabe é um ambiente físico e social, marcado pela destituição total de direitos. Os indivíduos estão incluídos nesses jornais devido a sua exclusão, e isso é percebido por eles. Os jornais que abordam a realidade de uma forma mais ampla, com uma maior

abrangência de conteúdos, política e economia, por exemplo, não incluem sua realidade de uma maneira tão forte quanto os jornais populares.

### **Uma existência grotesca**

O apelo à estética grotesca é uma característica bastante forte dos jornais estudados. A escolha de acontecimentos, imagens e personagens bizarros permeia o conteúdo dos jornais. A eleição desse tipo de estética para as publicações ratifica a condição de excluído dos leitores, pois o grotesco, historicamente, pertence à cultura das camadas mais pobres da população.

Muniz Sodré, em sua obra *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*, reelabora sua primeira tese sobre a estética grotesca e defende a existência do neogrotesco. O autor realiza um breve histórico sobre as origens do grotesco e sua relação com as classes populares.

Foi Victor Hugo quem, no prefácio de *Cromwell* (1827) primeiro apresentou o grotesco como categoria estética, isto é, como um sistema coerente de exigências para que uma obra alcance um determinado gênero, no interior da dinâmica de produção artística. Assinalando que o grotesco “existe na natureza e no mundo à nossa volta”, ele mostra como esta forma oferece um caminho de irrupção da “natureza” (entenda-se o rústico, o regional, o pitoresco, o pagão, o aberrante) na mímese.

Aos olhos do esteta, a manifestação grotesca da “naturalidade” aparece como o escândalo da diferença entre forma e fundo ou como o desequilíbrio na hibridação de elementos diversos, capazes de suscitar efeitos paradoxais, ridículos, excêntricos. Kayser, num trabalho já clássico (Kayser, 1957), admite dois tipos de grotesco- o satírico e o fantástico-, ressaltando que existe em ambos ruptura com formas da racionalidade clássica em favor do onírico (daí o anômalo e o absurdo). (SODRÉ, 1992, p. 91 e 92).

A estética grotesca aparece, desde o seu surgimento, como oposição à racionalidade clássica em favor do fantástico, do sonho, da subjetividade, das emoções. O grotesco, segundo o autor, seria um paradoxo para o gosto e a cultura cultivada pelas elites. A categoria do grotesco é algo que, no campo estético, diferencia as elites dos pobres, é o *mau gosto* pois se opõe ao belo idealizado.

No terceiro mundo americano, muito mais do que na Europa (onde o ideário burguês sofria a vicissitude da contradição histórica), os intelectuais, as elites dirigentes vivem a utopia daquilo que Os sensualistas (os ideólogos) chamaram de “Era Francesa” e que permitia “prever um desenvolvimento da razão e um crescimento da felicidade. A mitologia da cultura opera no sentido da obtenção dos saberes, comportamentos, modos de sensibilidade, controles, normas de sociabilidade ideais.

Em face desse projeto histórico, o grotesco aparece como algo nascido da comparação entre aparência imediata e o segredo das coisas. Aparecem, portanto, como ameaça ao ideal, na medida em que obriga o olhar a focar-se nas estruturas da realidade, que então se mostra convulsiva, não necessariamente bela, mas *outra*. Assim, o grotesco não se define apenas como um juízo estético que se pode fazer a propósito de um

determinado objeto ou de um produto cultural, mas também como um estado crítico da consciência, quando esta se abre para a alteridade- seja o outro da produtividade , da finalidade escrita ou do belo instituído. (SODRÉ, Ibid, p. 95).

De acordo com o autor, o grotesco seria marcado, principalmente, “pelo caos ou pela turbulência num determinado sistema de valores.” (SODRÉ, Ibid, p. 96). Sua relação com o gosto clássico, cultivado pelas elites, é o da inversão, “O bufão é a inversão do rei, o grotesco é o belo de cabeça para baixo- a catástrofe do gosto clássico” (SODRÉ, Ibid, p. 96). Nota-se que há uma ligação entre gosto clássico e grotesco, e cultura de classe. Nesse sentido, o grotesco se refere ao gosto popular. O disforme e o feio, ou seja, a estética que se choca com a beleza clássica instituída, faz parte da esfera grotesca. O grotesco, apesar de lidar com o sonho e o fantástico, se distingue do belo, pois lida com a realidade tal como ela é, diferente do mundo idealizado pela cultura clássica. É um universo onde cabem todos os aspectos do ser humano, mesmo os menos nobres, bem como todas as formas físicas do ser humano, mesmo quando apresentam características fora da normalidade. O grotesco é uma “turbulência risível, que ameaça com a luz a obscuridade dos segredos do mundo” (SODRÉ, Ibid, p. 96).

Muniz Sodré analisa a obra de Bakhtine para traçar as origens da estética grotesca.

Este [Bakhtine] localiza as fontes do grotesco medieval e renascentista- a que se deu o nome de “realismo grotesco”- na cultura cômica popular, especialmente a carnavalesca, cujas manifestações arruma em três categorias interdependentes: “(1) *As formas dos ritos e espetáculos* (folguedos do carnaval, variadas peças cômicas apresentadas em praça pública, etc.); (2) *obras cômicas verbais* (inclusive paródias) de natureza diferente: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar; (3) *diferentes formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro* (injúrias, pragas, motes populares, etc)” (BAKHTINE apud SODRÉ). Nessas manifestações, que criticavam, um outro mundo, uma realidade segunda, oposta à seriedade eclesiástica, irrompia o risível, às vezes na forma de bufões, gigantes, anões, monstros, ritos cômicos.

Em tal sistema (grotesco) de imagens do popular, destaca-se um “princípio de vida material e corporal: imagens do corpo, da comida e da bebida, de satisfação das necessidades naturais, da vida sexual. Além disso, essas imagens são excessivamente exageradas, hipertrofiadas” (BAKHTINE apud SODRÉ). Nas expressões do realismo grotesco, “o cósmico, o social e o corporal estão indissolúvelmente ligados” constituindo-se o material e o corporal como o próprio princípio da festa. Este princípio- que se tipifica na importância atribuída ao comer e ao beber- pode estender-se à esfera dos excrementos, que costumavam ser lançados nas ruas durante as festas.

O que na cultura oficial se impõe como elevado e sublime é grotescamente “rebaixado” por seu deslocamento para o plano material e corporal. (SODRÉ, Ibid, p. 96 e 97).

O modo de vida grotesco, visível nessas imagens do popular, restringe-se ao material e ao corporal. Ao compararmos o realismo grotesco com a estética e conteúdos dos jornais estudados, vemos que o material e o corporal, juntamente com a importância

dada à satisfação das necessidades sexuais, explicam, de alguma forma, a permanente presença da nudez feminina nas capas dessas publicações. Outro fator interessante é que também são bem explorados os acontecimentos das celebridades relacionados ao sexo. Esse também seria um ponto de encontro entre leitores e celebridades. Abaixo são citadas algumas manchetes:

“Big Brother pega fogo! Confissões sexuais da BB Natália. Miss revela que namorou um padeiro insaciável.” (*Meia-Hora*, 18/01/2008 - anexo p. 04).

“Ele tá de olho é na butique dela! Malandro, Ralf pediu para Priscila (ambos participantes do Big Brother Brasil) mostrar piercing que ela tem lá na zona do agrião.” (*Expresso*, 10/01/2009 - anexo p. 14).

“Loucura, loucura, loucura... Aprendeu, benhô? Priscila tasca um beijão em Fran e mostra pra Max como é pegar uma mulher de jeito. BBS aproveitaram a noite para tirar o atraso” (*Meia-Hora*, 09/04/2009 - anexo p.18).

“Babado forte! Livro afirma que Michael Jackson tinha encontros em motéis gays de 5º categoria. Autor entrevistou dois supostos amantes do Rei do Pop e conta em detalhes as preferências sexuais do cantor.” (*Meia-Hora*, 14/07/2009 - anexo p. 19).

Ao observar os jornais nota-se nitidamente a presença das categorias apresentadas por Bakhtine como fontes do realismo grotesco. O tom cômico perpassa todo o conteúdo, desde crimes bárbaros até histórias sexuais. A linguagem vulgar, pragas e injúrias também se fazem presentes. As manchetes citadas ao longo do trabalho confirmam essa característica. Também há a presença dos três campos citados por Sodré, o cósmico, o social e o corporal se relacionando em um mesmo espaço. As imagens de mulheres semi-nuas estão ao lado de cadáveres. A foto de uma mulher nua com os maiores seios do mundo, pesando dezoito quilos, divide espaço com a manchete sobre o bebê que teve os olhos e a boca colados. A mistura de todos esses elementos constitui uma estética muito próxima do realismo grotesco, que é compreendido por Sodré como “não apenas formas artísticas do espetáculo, mas principalmente formas da existência quotidiana, interpretadas sob o prisma do riso ou da festa carnavalesca.” (SODRÉ, *Ibid*, p. 96).

Nos jornais são vários os exemplos de acontecimentos e pessoas que *quebram* a ordem idealizada. Inscrevem-se no campo do grotesco por se opor à *normalidade* prevista pela cultura oficial. No dia dezoito de julho de 2009 (anexo p. 29), o *Expresso* publicou uma foto de meia página com um rosto totalmente disforme. A imagem era impactante, e o rosto seria supostamente do cantor Michael Jackson. A manchete:

“Assim morreu Michael Jackson. Peritos reproduziram o que seria o rosto do cantor no seu leito de morte de acordo com a autópsia.” Na ausência de fotos do cadáver, o caixão de Michael estava fechado durante as solenidades. O tablóide divulgou o que pôde, uma hipótese de peritos. Tal fato nos faz estabelecer uma ponte com a idéia de que o grotesco não se ocupa em esconder, mas em mostrar. Nas palavras de Sodré, *a luz sobre a obscuridad*”, no caso a obscuridade do suntuoso caixão do cantor.

Ainda no campo das deformidades físicas, podemos citar as matérias sobre anões. No *Meia-Hora* de 16/01/2008, está exibida na capa uma foto com um time de futebol formado somente por anões: “Anões dão show de bola. Fugiram da mesa de totó” (anexo p. 16). O *Expresso* de 23/07/2009 trouxe em sua capa a seguinte manchete: “Já viu enterro de anão? Veja na página 6. Prostituta é presa, suspeita de matar dois lutadores anões” (anexo p. 28). Existe uma anedota popular que diz que “ninguém nunca viu enterro de anão”, a matéria serve, mais uma vez, para mostrar algo escondido. Na página seis há uma foto dos dois anões mortos em seus caixões e abaixo uma legenda: “Está aí a prova: foto mostrou o enterro dos 2 irmãos anões.”.

Tais matérias fazem refletir sobre a idéia do grotesco como *rebaixamento* do sublime, ou seja, do que merece ser respeitado. O nanismo é uma doença genética que, além de conferir aos pacientes uma aparência física muito diferente dos padrões de normalidade, traz uma série de dificuldades para a vida cotidiana devido à baixa estatura dos indivíduos afetados. A doença, a dor e sofrimento deveriam ser, formalmente, tratados com respeito, mas não é o que ocorre nos jornais estudados.

O incrível e o extraordinário (ou seja, fora do ordinário, da ordem), formatados pela visão grotesca, provocam o riso. Sodré cita um trecho da obra *Arte Poética*, de Horácio que trata do tema do verossímil.

“Vocês poderiam conter o riso, amigos, se vissem um pintor juntar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo e aplicar plumas de várias cores a membros recolhidos em qualquer lugar, ou se a cabeça de uma linda mulher acabasse obscenamente num peixe negro e feio?” O que a Horácio causava horror era o inverossímil, o incrível, ou seja, aquilo que, provocando o riso, constitui efeito próprio do grotesco (SODRÉ, *Ibid*, p. 100).

Os jornais lidam com o tema do incrível, do inverossímil, a todo momento. O *Expresso* criou uma coluna própria para acontecimentos que se inserem nessa esfera, *É Expressionante*. Os acontecimentos extraordinários abrangem vários campos, o campo do riso e o do cósmico ou metafísico são exemplos dessa abrangência. A seguir algumas manchetes:

“Expressionante é de arrepiar. Escola em Macaé vive assombrada por fantasma” (*Expresso*, 23/04/2009 - anexo p.30).

“Incrível, fantástico, extraordinário! Isso sim é uma mulher de peito! Dona dos maiores seios sem silicone do mundo, atriz pornô foi parar no Livro dos Recordes. Mamazões pesam 18 quilos.” (*Meia-Hora*, 12/05/2009 - anexo p. 26).

“É expressionante! Menino de 2 anos fuma um maço de cigarro por dia. Garotinho começou a fumar com 18 meses de vida e ficou viciado.” (*Expresso*, 14/07/2009 - anexo p. 23).

Os pontos de encontro entre o grotesco, tanto como categoria estética quanto como interpretação da vida, e a abordagem dada aos fatos pelos jornais são inúmeros. A visão do grotesco como categoria própria das classes mais pobres localiza, nos jornais, o tipo de público bem como as compreensões de mundo que são próprias de um determinado grupo formado por essas pessoas, os excluídos. Afastados inicialmente da cultura clássica, formularam uma visão de mundo totalmente oposta aos valores das elites. Essa visão foi logo excluída da cultura oficial, perpetuando a exclusão até os dias de hoje. A forma e conteúdos grotescos apresentados nos jornais confirmam para os leitores a sua exclusão da cultura oficial e inclusão em uma cultura que é a outra, o caos, o feio e o bizarro.

Juntamente com a visão de sua condição de excluído através do reconhecimento de seu local de moradia, apresentado nos jornais, como sendo o lugar que abriga, exclusivamente, os miseráveis, os assassinos, os bandidos, as vítimas e os “matáveis”, está o reconhecimento de sua exclusão através da abordagem grotesca da realidade. Com isso, forma-se uma identidade fundada nessas esferas. Identidades afastadas da participação política e acesso a bens de consumo, formadas em campos não desejáveis pela sociedade, lugares onde se mesclam o risível, o trágico, o inverossímil e o catastrófico.

## CAPÍTULO V

### AS ENTREVISTAS: CAMINHOS E DIREÇÕES DA PESQUISA

#### A análise dos discursos

O último capítulo desse texto se dedica ao estudo das entrevistas realizadas. A localização das conclusões nas entrevistas é relevante para que se visualize melhor os caminhos traçados no decorrer da pesquisa. As interpretações elaboradas pelos leitores para os temas levantados pelos jornais foram analisadas através das entrevistas. Nessa parte do texto, pretende-se explicitar as bases e objetos dessas análises.

A idéia central em toda a “investigação discursiva” é assim salientar as formas que a linguagem constrói, regula e controla o conhecimento, as relações sociais e as instituições, e de examinar as formas pelas quais as pessoas utilizam ativamente a linguagem na construção do significado da vida cotidiana. (AZEVEDO, 2008, p. 108).

O principal objetivo das entrevistas foi observar as construções narrativas sobre os jornais. Analisar as formas de compreender e se relacionar com esse tipo de mídia através da fala dos leitores. Além disso, pretendia-se perceber através dos discursos os mecanismos de identificação ou rejeição frente aos jornais.

(...) o ser humano se constitui discursivamente e para tal a linguagem é elemento fundamental. É pela linguagem que os grupos humanos constroem os contextos sociais, estabelecendo relações afetivas, comerciais, informacionais. Podemos dizer que independente do contexto social ao qual esteja ligada, toda e qualquer tipo de informação pertence a uma determinada linguagem que pode ser compreendida como o meio pelo qual as culturas humanas constroem narrativas e discursos que orientam suas ações. (Ferreira; Orrico, 2002, p. 08).

É através da linguagem que os atores dão forma e interpretam o universo à sua volta. A informação contida nos jornais e todo seu conteúdo estabeleciam algum tipo de relação com os leitores. Através da pesquisa dos discursos desses leitores sobre os jornais, poderíamos chegar a algumas conclusões. Foram considerados três pontos que norteariam o estudo das entrevistas, a variabilidade, a construção e a função.

A variedade de narrativas apresentadas fez com que se vislumbrasse uma forma de análise que se basearia nas histórias individuais. A pluralidade discursiva levou a percepção de quão vasto e complexo era o universo analisado. Nessa perspectiva, não

caberia a busca por uma linearidade e semelhança nos discursos. O mais viável seria considerar a diversidade.

Na análise do discurso, (...), a procura pela regularidade é baseada na inconsistência e na variação dos registros. Como consideram não existir forma de lidar com a variação e distinguir as descrições exatas daquelas que são retóricas ou falsas, valorizam a variabilidade. O sentido desta estratégia não é o de “apanhar” em falso os sujeitos mas, sim, de nos conduzir a “construções discursivas” compostas por diversos fragmentos de significados que são produzidos conjuntamente num texto particular. (AZEVEDO, *Ibid*, p. 108).

A fala dos leitores não deveria ser compreendida como expressão real de seu pensamento, mas como uma construção narrativa elaborada no contexto da entrevista. Impossível saber se o entrevistado estava sendo sincero ou não. Em muitas entrevistas foram percebidos discursos politicamente corretos que pareciam estar guardados para que fossem utilizados quando necessário.

Essa percepção nos leva a um segundo ponto, a construção. Os discursos foram interpretados como narrações sobre sua percepção dos jornais, e não como a real percepção dos leitores sobre os jornais. Nesse sentido, a linguagem é mais um elemento de mediação entre o conteúdo apresentado e a compreensão de mundo dos leitores.

Todas as abordagens discursivas representam assim modos qualitativos e interpretativos de análise que se concentram na forma como a linguagem é utilizada como meio de construção de sentido na nossa interação diária e na construção de textos sociais. Por outras palavras, a linguagem é vista como um local ativo para a negociação contínua de vários significados e não como janela para um estado mental individual ou processo cognitivo. O foco de atenção muda-se das estruturas psíquicas internas para processos interacionais, relacionais e culturais entre as pessoas”. (AZEVEDO, *Ibid*, p. 109).

O último ponto considerado foi o da função. Considera-se a função da linguagem para reforçar, concordar, discordar e identificá-la com o conteúdo dos jornais. A busca por um significado implícito nas palavras, um sentido oculto, soaria como simples especulação pessoal sobre a fala dos leitores. Tal ato poderia conferir aos discursos minhas próprias compreensões sobre a mídia analisada, e não as dos entrevistados.

Em lugar de tentar chegar ao significado por detrás das palavras, as abordagens discursivas concentram-se nas utilizações e efeitos da utilização da linguagem. Mesmo quando parecemos estar somente a descrever algo, os nossos comentários tem sempre outros efeitos, sejam eles de reforço ou de subversão, de ironia ou de apoio do que foi descrito. (AZEVEDO, *Ibid*, p. 109).

## O reconhecimento da esfera local

Inicia-se essa parte do trabalho com o trecho de uma entrevista realizada em doze de março de 2008. A pessoa entrevistada é um morador do bairro Itaúna, no município de São Gonçalo.

**Entrevistador.** Quando você vê a foto de um cadáver ou uma foto muito forte, o que é que você sente?

**Entrevistado.** Tem certas fotos que é meio repugnante, né cara? Muito chocante mesmo, muito forte. Mas algumas, todas elas são fortes. Todas elas são fortes.

**Entrevistador.** E mesmo sendo forte você olha. Por que você acha que você olha?

**Entrevistado.** Acho que não dá, cara. Acho que é o instinto mesmo, chama atenção. Tô olhando mas vai acabar chamando atenção.

**Entrevistador.** Mesmo que seja uma coisa ruim.

**Entrevistado.** Isso, mesmo que seja uma coisa ruim. Você acaba olhando, não tem jeito, não.

O entrevistado mostra-se um pouco confuso sobre a razão que deteve sua atenção diante dos periódicos. Ele reconhece que as fotos que expõem vítimas de assassinatos, mesmo que sejam imagens repugnantes, de acordo com sua própria fala, atraí a atenção de forma quase incontrolável. Essa entrevista aborda a temática do grotesco. O leitor reconhece que não gostaria, ou não deveria, se deter a tais imagens, mas a sedução que elas exercem sobre si é tão forte que ele chega a compará-la com algum tipo de *instinto*.

A utilização do grotesco como estética e forma de vida nos jornais se deve ao fato de que, historicamente, essa categoria é atribuída às camadas populares. Esse gosto pelo bizarro tem seus primórdios na Europa medieval. A permanência dessa relação entre camadas populares e grotesco, em várias esferas, inclusive na mídia estudada, é um dos fatores que mostram o lugar social destinado aos leitores, a exclusão.

Alguns leitores que foram surpreendidos observando as capas com fotos de pessoas espancadas ou mortas, revelaram um discurso diferente da prática nas entrevistas. “**Entrevistador:** E quando tem foto de cadáver, de bandido morto, o que o senhor sente? **Entrevistado:** Eu não gosto muito disso, não tenho esse gosto tão estragado assim não.” Essa entrevista foi concedida por um senhor aposentado, morador do bairro Engenho Novo, que estava claramente observando o tipo de foto que ele diz não gostar. Muitos entrevistados demonstraram que reconhecem o tratamento dado à cultura oficial a esses jornais e sabem que ler tais jornais não é uma atitude bem vista. O gosto pelo grotesco seria um *gosto estragado*, mal gosto comparado ao gosto cultivado pelas elites.

O reconhecimento da obscenidade, no sentido de algo que não precisa ser mostrado de tais fotos também é um fator muito presente nas entrevistas. Alguns entrevistados disseram não ser necessária a presença desse tipo de imagens nos jornais. Esse discurso mostra uma tentativa de ocultar a sedução que tais fotos exercem sobre os leitores.

**Entrevistador:** Às vezes tem umas fotos de cadáveres, de bandidos, né? O que o senhor sente quando o senhor vê?

**Entrevistado:** É uma coisa que para mim nem devia ser mostrada no jornal, porque já basta a violência e a gente vê essas coisas estampadas. Acho que fica bem pior. (Morador de Campo Grande, auxiliar de serviços gerais).

A entrevista a seguir é um ótimo exemplo de contradição entre discurso e ação. A entrevistada, moradora do município de Maricá, inicialmente diz que pára devido às tragédias. Depois nega, dizendo que prefere as notícias sobre as celebridades, porque as notícias catastróficas a deixam muito triste.

**Entrevistador:** Quando a senhora pára pra olhar as capas, o que te chama mais atenção?

**Entrevistado:** (risos) Eu nunca sei, eu olho tudo. Normalmente notícias trágicas, na capa assim faz você dar uma parada.

**Entrevistador:** Você vai mais nas fotos ou nas manchetes mesmo?

**Entrevistado:** Mais nas manchetes.

**Entrevistador:** Mas o que te faz parara mais é a foto ou a manchete?

**Entrevistado:** A foto.

**Entrevistador:** Você pára todo dia, ou se vê alguma coisa interessante você vem a pára?

**Entrevistado:** Alguma coisa interessante eu venho e paro.

**Entrevistador:** Você compra os jornais?

**Entrevistado:** Normalmente não.

**Entrevistador:** às vezes tem umas fotos de pessoas mortas, bandidos mortos, o que você sente?

**Entrevistado:** Normalmente eu não paro pra ver essas porque essas me dão depressão, né? Eu não consigo entender a natureza humana então... A vida dos famosos eu dou uma olhadinha. Mas uma fofquinha mesmo.

No desenvolvimento da primeira entrevista citada, o entrevistado deu uma declaração que pareceu explicar um dos sentidos que a tragédia, tão execrável, tinha para ele.

**Entrevistador:** Você já viu alguma pessoa que você conhece morta na capa do jornal, no noticiário?

**Entrevistado:** Olha, agora nesse momento, por exemplo, eu tô olhando essa matéria aqui. Essa matéria aqui fala dos Caçador, eu moro próximo dos Caçador. Então ela fala perto, né? Por isso que eu parei pra dar uma olhada.

A fala do entrevistado justifica sua atenção diante do quadro repugnante, a matéria *fala perto*. A relação direta com o local onde mora foi apontada por ele como a causa do

seu interesse. Interessa observar que tanto o bairro está perto como a abordagem grotesca também. A atração vem tanto da proximidade física com a notícia quanto da simbólica, que se dá através do grotesco.

O mesmo tipo de fala se repete em várias entrevistas. A atração pelo trágico vai muito além de um senso comum que institui o *prazer em ver a desgraça alheia*. As relações com o bizarro constituem um todo extremamente complexo e que possui profundas raízes históricas, tal como foi descrito no quarto capítulo. Os discursos dos entrevistados mostram que o *prazer em ver a desgraça alheia* é, na verdade, a identificação com um acontecimento que permeia seu cotidiano. A desgraça não é alheia, e sim, própria, pois se refere ao seu bairro, vizinhos e parentes.

**Entrevistador:** Quando você pára pra olhar as capas, o que te chama mais atenção?

**Entrevistado:** Normalmente quando eu paro pra olhar é mais a parte de esportes. Outras notícias a gente vê quando tem alguma coisa. Essa violência, por exemplo, que me chama atenção porque eu moro na Zona Oeste. Então às vezes eu compro logo o jornal. Normalmente eu olho mais o cabeçalho pra ver mais esportes.

**Entrevistador:** Você já viu na capa alguma pessoa morta que você conhecesse, ou que morasse no lugar onde você mora?

**Entrevistado:** Já vi já. Teve uma invasão, invasão não. Uma blitz que a polícia deu morreram uns onze. Desses onze mais ou menos uns oito eu conhecia. Era garoto criado na comunidade, eu conhecia. (vendedor, morador de Vila Kennedy).

Nessa entrevista, imediatamente, o entrevistado identifica a violência exibida no jornal com o seu local de moradia, “Essa violência, por exemplo, que me chama atenção porque eu moro na Zona Oeste.” Logo depois, tal como foi debatido no capítulo IV, o entrevistado revela que houve uma *invasão* em seu bairro. O entrevistado se corrige, dizendo que foi uma blitz. A entrada dos policiais em seu bairro constitui realmente uma invasão, pois os códigos legais de seu bairro não reconhecem na polícia uma protetora, mas uma força inimiga, invasora. O entrevistado diz que já viu alguns vizinhos mortos na capa do jornal. A forma como diz isso, deixa bem claro o vínculo que existe entre ele e sua comunidade, “Era garoto criado na comunidade, eu conhecia”.

**Entrevistador:** Você costuma comprar os jornais?

**Entrevistado:** Costumo. Mais o São Gonçalo.

**Entrevistador:** Que é o lugar onde você mora, né?

**Entrevistado:** Isso é o lugar onde eu moro então eu quero saber notícia de tudo que tá acontecendo por lá.

**Entrevistador:** Você já viu na capa do jornal alguma pessoa que você conhecesse ou que fosse seu vizinho lá de São Gonçalo? Morto ou que esteja envolvido em algum acidente?

**Entrevistado:** Muitas vezes. (risos) O que mais acontece é isso. Por isso é que eu paro pra olhar sempre. (Morador do bairro Vila Laje).

A entrevista anterior transparece a relação entre jornais e local de moradia. O entrevistado tem preferência pelo jornal São Gonçalo, pois é da cidade onde mora. A identificação de conhecidos é o fator que justifica sua parada em frente à banca. Ele diz que o que mais acontece é identificar alguém conhecido envolvido em crimes e tragédias, o que justifica sua *olhada* pelos jornais constantemente.

Outro ponto interessante são os laços de vizinhança, parentesco e de território, relações que configuram uma sociabilidade primária, uma visão de mundo que desconhece a complexidade dos âmbitos sócio-político e econômico. Carentes de mecanismos que lhes possibilitem uma análise mais profunda e um conhecimento ampliado sobre o panorama social brasileiro, o que resta a essas camadas é vivenciar as trocas sociais que lhe são possibilitadas. Assim, as referências a tragédias que envolvem pessoas com um grau de parentesco muito próximo ou acidentes no trânsito, se comunicam diretamente com os leitores.

É interessante nos questionarmos sobre os elementos presentes no local onde os leitores moram. O tráfico de drogas nos bairros pobres do Rio de Janeiro e de Niterói é uma atividade corriqueira. O comércio varejista de drogas é alvo de ações policiais que se fundamentam no extermínio. As favelas são transformadas em verdadeiros campos de batalha, traficantes de um lado, policias de outro e, no meio do fogo cruzado, os moradores. É nesse aspecto relacionado ao crime e à violência que os jornais focam suas matérias.

O desastre e o horror são elementos presentes no cotidiano das classes mais pobres, por isso são alvos de sua atenção. As informações que se inscrevem no circuito crime-violência foram apontadas como as mais chamativas pela grande maioria dos entrevistados. O drama de seu reconhecimento e a elaboração de suas identidades dá-se através da catástrofe, do crime e da morte.

**Entrevistador:** Quando você pára para olhar as capas, o que te chama mais a atenção?

**Entrevistado:** Há... é muita violência que tem entendeu? O Brasil, o Rio de Janeiro é violência demais. A comunidade não deixa os cliente trabalhar direito, sossegado. O trabalho de camelô eu sei como é a vida, o sofrimento dos camelô. É muita revolta, não dá. Eu trabalho muito aqui mas realmente o pessoal não deixa. Podia ver a violência que tá o país aí e não deixa ninguém trabalhar, entendeu? A situação que tá, o pobre quer trabalhar e eles param o pobre, quer tomar metade deles. Tem que ver por aí como é que tá a bandidagem e tem que dar conta disso. Só isso que eu tenho que falar. (moradora do Charitas, camelô).

Essa entrevista soou como uma espécie de desabafo. A vendedora ambulante revela que sofre a violência exposta nos jornais em sua própria pele. Acusa os policiais, por não deixarem o pobre trabalhar e, se deixam, pedem algum tipo de suborno “e eles param o pobre, quer tomar metade deles”. Esse depoimento mostra como é intensa a proximidade com os temas dos jornais. A violência não acontece com o outro, e sim, consigo mesmo e, se ainda não ocorreu, a possibilidade de que aconteça é muito grande.

Os leitores dos jornais populares não formam o outro lado da sociedade, aquela que não deu certo, mas é um segmento que dá continuidade e sentido à complexidade da malha social. Com linguagem e interesses próprios delineando seu universo de desejos, fantasias e medos.

Não se trata de um acréscimo do saber em cifras e dados, mas de um primeiro deslocamento que re-situa o “lugar” do popular ao assumi-lo como parte da memória constituinte do processo histórico, presença de um sujeito-outro até há pouco negado por uma história para a qual o povo só podia ser pensado sob o rótulo do número e do anonimato... No conjunto, o que começa a se produzir é um descentramento do conceito mesmo de cultura, tanto em seu eixo e universo semântico como no pragmático, e um re-desenho global das relações cultura/povo e povo/classes sociais. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 320)

Não é a banda podre da sociedade, aquela que deve ser descartada, mas grupos por onde transitam códigos e símbolos capazes de afirmar maneiras de viver, de interpretar a violência e a barbárie. São os lugares sociais criados pela escrita popular através dos símbolos e signos, utilizados como forma de expressão e elaboração de linguagens e sinalização. Indicam os caminhos a seguir. Elaboram os limites da legalidade e expõe de maneira fria e direta a estética da transgressão. Elaboram a estética da periferia, do desempregado, das vizinhanças próximas, da tragédia e do grotesco.

### **A morte como pedagogia**

Muitos entrevistados deixaram evidente que uma das interpretações possíveis para as notícias sobre crime e ações policiais violentas, é a pedagógica. Muitos leitores revelaram que compreendem as manchetes como mensagens repressivas que indicam o caminho a ser escolhido. Se a escolha é o crime, os resultados estão estampados nas fotografias de pessoas espancadas, presas e assassinadas por policiais ou outros indivíduos que assumem o papel de justiceiros.

A entrevista a seguir foi concedida por um morador do bairro Vila Laje, em São Gonçalo.

**Entrevistador.** Quando você pára pra olhar essas capas de jornal tipo *São Gonçalo*, *O Povo*, *Fluminense*, *Extra*, o que te chama mais atenção?

**Entrevistado.** As pessoas mortas assim, menor de idade morto. Mostrando mulher com quilo de maco...(ele ia dizer *maconha*), droga no corpo. Daí, muito interessante saber, pros jovens.

**Entrevistador.** E você acha interessante? Por quê? Por que tá perto de você, você vê todo dia?

**Entrevistado.** É pra eles vê que a realidade é essa. Se tá alguma coisa errada o que pode acontecer é isso daí, mortes, ser preso ou outras coisas mais, né?

**Entrevistador.** Então você acha que o jornal ensina como não proceder? Que pode acontecer uma coisa ruim?

**Entrevistado.** Mostra a realidade. Quem tem consciência, que acredita que vê jornal, lê, que tem consciência. Eles acredita que se eles entrá nisso pode acontecer a mesma coisa. Vira capa de jornal morto ou tá sendo preso.

**Entrevistador.** E você sente o quê? Tristeza, raiva quando você vê essas fotos de pessoas mortas?

**Entrevistado.** É uma tristeza, menino novo menos de quatorze anos morto, menor de idade, mulher já velha já sendo presa. Daí é uma tristeza pra todos nós. (20/03/08).

O entrevistado diz se lamentar por ver pessoas que são menores de idade e idosas envolvidas na execução de crimes. "Menino novo, menos de quatorze anos", o teor de sua fala parece dizer que adolescentes podem escolher um caminho alternativo, que é lamentável alguém tão jovem ter sido assassinado. Já no caso da idosa, "mulher já velha, já sendo presa", considera vergonhoso que uma mulher de idade avançada esteja participando do tráfico de drogas.

Percebe-se a sua interpretação do sentido pedagógico do jornal, esse discurso foi repetido em várias outras entrevistas. Quando perguntado sobre o porquê de considerar o jornal interessante ele responde "É, pra eles vê que a realidade é essa. Se tá alguma coisa errada o que pode acontecer é isso daí, mortes, ser preso ou outras coisas mais, né?"

Outro ponto interessante dessa entrevista diz respeito à visibilidade das camadas populares nos jornais. Como já foi dito, a única forma de representação dessas camadas na mídia estudada é através do crime, tragédia e horror. Nessa entrevista nota-se que, *virar capa de jornal*, não é algo desejado pois isso só acontece em caso de prisão ou morte dos moradores dos bairros mais pobres.

**Entrevistador:** E quando você vê uma foto tipo aquela ali do *O Povo*...uma pessoas espancada, o que você sente?

**Entrevistado:** Procurou pra ter isso, né? Á toa não foi.

**Entrevistador:** Então você nem sente muita pena. Você acha que ele tá ali porque ele trilhou esse caminho.

**Entrevistado:** Procurou isso, é o que ele vai ter. (Morador de São Gonçalo, eletrotécnico).

Na última entrevista, a responsabilização pelo ato violento cometido contra o infrator é sobre o próprio. O entrevistado traçou um raciocínio de causa e consequência automático. As manchetes *previnem* as pessoas que moram nos bairros populares do que elas estão sujeitas, quando transgridem a ordem. São criminosos que foram mortos - vale como lição - mostrando o fim trágico de quem anda fora dos trilhos.

Tendemos a interpretar o gosto e a difusão da imprensa policial que retrata requintes e sadismo no detalhamento e descrição dos crimes, inclusive com o uso abusivo de fotos de mutilados, geralmente desnudos, com seus órgãos sexuais expostos, combinados com o processo de transição política no Brasil. Na sociedade de massas, a esta cultura da violência, que aparece tanto na imprensa, quanto na televisão, constrói alegorias de terror político através de imagens que difundem medo e horror. Mormente na conjuntura de saída da ditadura. A fantasmagoria presente nas grandes cidades brasileiras fez da palavra *violência* a mais falada e o tema mais debatido por todos. O debate sobre a violência converteu-se em mecanismo garantidor do uso da repressão policial sobre as classes subalternas, já que a transição política (ilusoriamente saudada como democrática) possui um viés de cunho conservador. Avalizou-se, assim, a manutenção do modelo econômico de exclusão social, voltado para o mercado externo. Sublinhe-se que saímos de uma situação histórica de extrema repressão com uma parte da opinião pública clamando por mais repressão. (NEDER, 2005, p. 13).

As imagens e textos dos jornais instituem uma pedagogia da morte para um grupo de leitores. Não que esse tipo de abordagem seja um veículo garantidor e infalível da repressão. Mas para determinados leitores, funciona como tal. Outro elemento bastante presente nos discursos é a família. O medo de que os acontecimentos expostos possam atingir a algum familiar foi bastante citado nas entrevistas.

**Entrevistador.** Quando você olha essas capas, o que te chama mais atenção?

**Entrevistado.** Mais a atualidade, o que tá acontecendo mesmo. A parte de violência, o que tá acontecendo mesmo no dia-a-dia das pessoas.

**Entrevistador.** E quando você olha essas fotos (sobre violência) o que você sente?

**Entrevistado.** É pesado pro horário que você tá indo trabalhar, seja de manhã, ou seja, de tarde fica meio difícil que aí você olha isso aí e fica pensando o que pode acontecer, podia ser sua família, ou então algum parente. (morador do bairro Santa Bárbara).

O discurso do entrevistado mostra sua preocupação imediata com os altos índices de violência nos grandes centros urbanos brasileiros. Ele também faz uma relação direta com seus familiares. Os ensinamentos assimilados pelos leitores fazem com que temam não somente por sua vida, mas pela vida de pessoas queridas de seu círculo de convivência.

A forma como a mídia analisada apresenta os elementos dos bairros populares ressaltam os problemas mais gritantes desses locais mostrando apenas seu lado

negativo. A ligação entre crime e pobreza não é analisada. O crime não é visto como meio alternativo de sobrevivência para os que não obtiveram oportunidades na esfera do trabalho lícito. O crime é mostrado como um mal a ser combatido pelos mecanismos oficiais. Nos jornais, os bairros populares são mostrados como lugares que abrigam exclusivamente a catástrofe, a tragédia e o horror.

### **A inclusão do excluído**

O jornal delimita de forma bastante clara o local do excluído na sociedade. O reconhecimento por parte dos leitores de sua condição de excluído ocorre através da primeira página do jornal. As classes populares são principalmente representadas sob uma perspectiva trágica. O destaque dado ao local onde moram pelo viés catastrófico colabora com a formação de uma identidade que se funda no negativo. A sensação de pertencimento a um local que é incluído na mídia por constituir-se em local de exclusão reforça o seu reconhecimento enquanto excluído. O próximo trecho é de uma entrevista realizada com uma moradora do bairro Jardim Catarina, em São Gonçalo.

**Entrevistador.** Quando você pára pra ver essas capas, o que te chama mais atenção?

**Entrevistado.** O que chama mais atenção são as desgraças porque é o que mais mostra hoje em dia. É morte, pessoas presas, essas coisas assim. (12/03/2008).

A entrevistada revela que os fatos trágicos são os que mais despertam sua atenção por serem os que possuem maior destaque nas mídias. Jornal e leitores estabelecem uma relação na qual os símbolos são construídos em conjunto. O realce que se dá à catástrofe e à violência faz com que os leitores relacionem esses temas diretamente a seu cotidiano, comumente permeado por esses tipos de acontecimento. A exposição das classes populares nas capas acontece apenas pelo viés negativo. Sua inclusão nesse tipo de mídia só ocorre devido à sua condição de excluído.

A destituição absoluta de direitos, vivida pelo *homo sacer*, é agora experimentada pelas massas de miseráveis. Sua condição de excluído é o que permite sua condição de *matável*. O seu reconhecimento, sua inclusão ocorre apenas por essa esfera, assumem a figura de pessoas que, por serem excluídas, podem ser mortas sem que isso seja considerado um crime. A sua inacessibilidade aos direitos, priva-o do fundamental, o direito à vida.

Friedman aponta vários espaços onde a inclusão só ocorre mediante a condição de excluído, onde "o estado de exceção foi transformado em regra, onde a exceção perdura e onde o homem, privado de seus direitos, pode ser assassinado sem que isso se torne um crime." (Pelbart apud Friedman, 2003, p. 64). Entre esses inúmeros locais estão, "estádios de futebol onde são reunidos imigrantes ilegais, zonas de espera de aeroportos internacionais (...), as prisões e favelas brasileiras" (Friedman, 2007, p.163).

Um desses locais é essencialmente importante para esse estudo, os bairros periféricos brasileiros. A condição de excluído é o que determina a inclusão nesses espaços. A abordagem realizada nas capas dos jornais reforça a matabilidade e é compreendida pelos leitores como mecanismo repressivo. No filme *Notícias de uma Guerra Particular* (1999), de João Moreira Sales, o então chefe da polícia civil do Rio de Janeiro (Hélio Luz) faz uma pergunta e imediatamente fornece a resposta: "como manter dois milhões de excluídos calmos? Com repressão, lógico que é com repressão."

O sentimento de repressão é construído pelos leitores através de um sentido pedagógico atribuído aos jornais. Tal representação foi percebida em várias entrevistas.

**Entrevistador.** Tem alguns jornais que mostram fotos de cadáveres, tipo *O Povo*, *o São Gonçalo*. O que você sente quando vê essas fotos de gente morta? De bandidos?

**Entrevistado.** Sei lá. Terror né? Se for bandido tá bom, né? Não pode ser é trabalhador que nem eu. (morador de Itaboraí, 12/03/2008).

O medo da morte e a fragilidade da vida dos criminosos são motivos para que os leitores se conformem com uma existência que implica toda sorte de privações. Interessante perceber também que muitos se vêem em uma dimensão diferente da dos criminosos. Ainda não assimilaram sua matabilidade.

## **Identidades móveis**

A diferenciação estabelecida entre criminosos e trabalhadores nos leva a várias questões. Que representações sobre cidadania são construídas pelos leitores? Eles são capazes de se reconhecer como cidadãos, mesmo que vivam em um estado de exclusão? Tais respostas são construídas, em uma de suas variáveis, através da percepção do crime e da tragédia.

**Entrevistador.** E fotos sobre violência? Fotos de gente morta. Chama atenção também?

**Entrevistado.** O que mais chama mesmo a população é esse caso da violência. A violência tá muito grande.

**Entrevistador.** E por que você acha que chama tanta atenção?

**Entrevistado.** É porque eu vejo tanta crueldade, tanta maldade e também uma coisa, a própria polícia mesmo ela não, ela tá meio envolvida. Então por isso às vezes que tá esse problema todo no Rio. Deve tá no mundo inteiro porque a própria polícia que tem que dar, ser severo, elas tão também praticando junto com os bandido, pô. Fica difícil. Aí o que acontece? A população fica sem segurança. (morador do bairro Vigário Geral no Rio de Janeiro, 20/03/2008).

Nessa entrevista fica claro que a falta de segurança é vista apenas através da dimensão policial. O reconhecimento da ausência de direitos e garantias é sufocado pela urgência da eficácia do poder punitivo. *A população fica sem segurança* revela a visão dos criminosos como seres que se encontram à margem, não estão inseridos no que o entrevistado chama de população.

**Entrevistador.** Quando você pára pra olhar as capas, o que te chama mais atenção?

**Entrevistado.** Praticamente o que eu acho mais atenção é esses problema assim de assalto, mortes, assim essas coisas toda. Isso aí eu acho um absurdo, né?

**Entrevistador.** Quando senhor vê fotos de cadáveres o que o senhor sente?

**Entrevistado.** Isso eu acho uma grande tristeza, principalmente isso aí. Isso aí foi insuportável, que morre pessoa, **morador**, isso é horrível.

**Entrevistado.** Quando senhor vê fotos de bandidos mortos, você sente que a justiça foi feita, que ele mereceu aquilo mesmo?

**Entrevistado.** Eu acredito que sim, né? O policial tem que fazer isso aí, matar esses bandidos todo que anda por aí afora aí, é um absurdo. Igual aqui, ó, dentro do ônibus o rapaz de 20 anos assaltar as pessoas, o trabalhador. (morador de São Gonçalo, 12/03/2008).

Na entrevista acima, percebe-se a clara distinção entre trabalhadores e bandidos. O entrevistado diz sentir tristeza frente à morte de moradores. O assassinato das pessoas que habitam o mesmo lugar que o próprio é algo que o magoa. A presença de seus vizinhos mortos na capa do jornal reforça sua condição de excluído. Por outro lado, muitos moradores se dedicam ao crime, mas são vistos como pertencentes a outro plano. Pode se destacar o tratamento dado às palavras *morador*, *trabalhador* e *pessoa*, que são usadas como sinônimos. Os moradores que realizam trabalhos lícitos são vistos como semelhantes pelo leitor. Seu extermínio constitui uma prática injusta. Já o assassinato de bandidos não é visto com estranhamento. Quando solicitado a dar sua opinião sobre as ações policiais ele concorda com a prática do aniquilamento dos criminosos.

**Entrevistador.** E alguma vez o senhor já sentiu que a justiça foi feita? Quando você vê um bandido morto. Que o caminho pra polícia agir é esse mesmo? Que é o melhor caminho?

**Entrevistado.** Bem, quando eles agem na forma da lei, sim. Às vezes a gente sabe que muitos inocentes morrem sem necessidade.

**Entrevistador.** Então você acha que com os bandidos os policiais têm que agir dessa forma?

**Entrevistado.** Tem que agir dessa forma. Porque então tem jeito, prende, vai ficar preso, vai sair, vai fazer de novo. Chega lá dentro eles têm mais mordomia do que a gente que é trabalhador que tá aqui fora. Tem mais direito pra eles que são bandidos do que pra nós que somos trabalhador. (morador de Campo Grande no Rio de Janeiro, 17/05/2008).

Interessante que o entrevistado diz considerar corretas as ações policiais que estejam de acordo com a legislação nacional. Todavia seu discurso revela uma concepção diversa da lei, na qual o assassinato dos criminosos seria a pena prevista pela legislação. "Bem, quando eles agem na forma da lei, sim. Às vezes a gente sabe que muitos inocentes morrem sem necessidade". Na visão do entrevistado, a legislação oficial prevê que apenas os inocentes sejam poupados das atividades policiais de extermínio.

Outro fator relevante é o estranhamento frente ao fato dos detentos possuírem direitos. "Chega lá dentro eles têm mais mordomia do que a gente que é trabalhador que tá aqui fora. Tem mais direito pra eles que são bandidos do que pra nós que somos trabalhador". O entrevistado reconhece sua privação de direitos comparando-se com os detentos. Pessoas que cometeram crimes, que não se inscrevem na esfera da dignidade, possuem mais direitos do que ele, que diz realizar trabalhos lícitos. Essa fala revela a compreensão dos criminosos como pessoas que não devem possuir direitos. A equiparação entre as expressões *direito* e *mordomia* explicita o ato de confundir direito com privilégio.

(...) um dos principais problemas da preocupação com a manifestação da consideração à pessoa no Brasil está na nossa dificuldade em respeitar os direitos daqueles que não conseguimos situar imediatamente no plano da dignidade, e na nossa facilidade em transformar direitos em privilégios. (OLIVEIRA, 2002, p. 25).

Os bandidos são tidos como possuidores de privilégios que os trabalhadores não possuem. Tal representação reforça o seu estado de exclusão. O leitor reconhece a sua condição de excluído, mas revela sua insatisfação através da censura aos direitos dos detentos.

Essas entrevistas, selecionadas entre outras que convergiam para um mesmo tipo de discurso, apontam para uma direção bastante peculiar. A maioria dos entrevistados é composta por moradores de bairros populares, que são locais onde grande parte das pessoas que cometem delitos residem. Porém, colocam-se em um patamar diferente dos criminosos. Apesar de compartilharem o mesmo estado de exclusão, os leitores não os vêem como mercedores do acesso aos direitos humanos.

O fato de executarem trabalhos lícitos insere os leitores no plano da dignidade. São pessoas honestas, trabalhadoras, que devem ter sua cidadania respeitada

minimamente através de um direito fundamental à vida. Por estarem inscritos no âmbito da dignidade não podem ser eliminados da mesma forma que os criminosos.

Assistimos a elaboração de identidades que se fundam nos valores, referências e símbolos presentes em seu cotidiano material, mas que também sofrem influência do que lhes é apresentado como realidade pelo jornal. Mesmo que o jornal delegue a todos os excluídos um mesmo local, os leitores conseguem fazer a distinção entre pessoas dignas de direitos e pessoas não dignas. Reconhecem sua privação aos direitos básicos, mas compreendem-se como merecedoras desse amparo. Ao passo que conferem outro posto aos criminosos, o de *homo sacer*.

Entre vários locais existentes para a construção identitária, frente à realidade periférica construída nas capas dos jornais, os leitores destacam dois espaços, o dos bandidos e dos trabalhadores. A violência, elemento de maior destaque nos jornais e que é o mais chamativo para os leitores, não representa só o risco, ao qual os leitores estão expostos, e sim, sua condição de excluído. A violência cometida por policiais contra os trabalhadores é entendida como algo que transgride as leis. Os leitores se consideram como pessoas que possuem direito à vida, mesmo que os jornais informem, a todo tempo, que esse direito não lhes pertence.

Frente a essa elaboração híbrida vemos que as identidades são construídas pelas camadas populares através de influências locais e das representações que a mídia, no caso os jornais impressos, fazem sobre elas. O jogo entre massivo e tradicional forma um terceiro elemento. Massivas e tradicionais, ao mesmo tempo, essas identidades travam constantes negociações e reelaborações. Múltiplas e capazes de se colocar em vários locais ao mesmo tempo, o *matável*, o digno, o reprimido, essa pluralidade identitária reflete a complexidade das mediações travadas entre jornais e leitores.

Os leitores não são meramente influenciados pelos jornais assimilando todo o seu conteúdo. Ao contrário, se posicionam em relação aos conteúdos, temas e formatos expostos nas publicações. Formulam, com base em sua história e realidade, uma interpretação própria para o mundo apresentado nas vitrines das bancas.

## CONCLUSÃO

O primeiro passo – e que nos colocaria de frente com o problema – era deixar que os entrevistados nos falassem sobre suas motivações no instante em que estavam lendo a primeira página dos jornais. Reuniam-se em torno das manchetes, que reafirmavam o aspecto trágico e espetacularizado de suas vidas. Afirmavam o lugar social que lhes era *destinado*, acessando modalidades de mensagens veiculadas pela imprensa. Grande parte dos leitores entrevistados pertenciam às classes sociais mais pobres. Tal fato fez com que se percebesse que o objetivo dos jornais – atingir exatamente esse nicho da sociedade – foi alcançado. Nesse momento inicial, ao analisar o contato dos leitores com essa mídia, percebeu-se a delineação do que lhes era mais tocante e que despertava a atenção imediata, as notícias sobre tragédias e violências.

Essa descoberta levou ao questionamento sobre as motivações de tal interesse. Observou-se que os jornais eram usados como apoio na elaboração e afirmação de identidades. Os leitores viam-se e reconheciam-se nos jornais. Com isso, já haviam três pontos principais se configurando como norteadores da pesquisa: violência, identidade e exclusão social. A intimidade que os ligava foi visualizada no decorrer da pesquisa.

Além desses pontos principais, surgia outro fator, a interpretação do *popular* como categoria histórico-social, pois os jornais são conhecidos e nomeados como jornais populares. Observando os leitores e seus discursos, e apoiando-se na obra de Canclini, percebeu-se que a mídia observada não se insere em uma perspectiva do popular genuíno, atualmente questiona-se se ainda existe o *popular* típico, puro. A mídia analisada mistura aspectos do que é conhecido como popular genuíno, como aspectos folclóricos e elementos que constituem uma cultura de classe, com construções da cultura massiva.

Nessa perspectiva, surge o que Canclini nomeia como *popular-massivo*. Essa categoria relaciona histórias policiais com contos de fadas, elabora analogias entre crimes e ditados populares, abusa das gírias, faz referências às letras de *funk*, cria um cenário melodramático para acontecimentos da vida pessoal das *celebrities*. É mais do que uma mescla entre elementos populares e massivos. São as interações, encontros e conflitos entre essas duas culturas, que formam algo novo.

O *popular-massivo* se conecta de uma forma muito direta com o público analisado. Constituído por aspectos mais tradicionais da cultura popular, como o deboche, o grotesco, o melodrama, o folclórico, os contos de fadas, misticismo e

crendices, unidos a elementos massivos, o futebol, a vida das celebridades e as histórias de crime e violência, formam um universo muito específico. Um local onde o novo e velho se cruzam e se reelaboram, constituindo, para as camadas populares, uma zona onde vivenciam os confrontos e parcerias estabelecidos entre tradicional e moderno.

Segundo Muniz Sodré (1992), a aproximação territorial das diferenças apenas gera mecanismos de negociação do cotidiano, cria linha que demarcam territórios, reservando o grotesco, a violência e a pobreza para aqueles que a consciência nacional identifica como excluídos. É uma prática cotidiana do processo de formação identitária, através das manchetes do horror e violência que transitam pelas realidades locais e das imagens distantes das celebridades que povoam o imaginário de quem não pode ter a mesma sorte.

A questão da identidade ficou marcada nas falas e ações dos entrevistados. Os jornais estudados apresentavam um retrato da periferia que se caracterizava exclusivamente pelo crime, violência e tragédia. Esses bairros aparecem nos jornais como locais de catástrofe e horror, lugares que não possuíam nenhuma característica socialmente desejáveis. Seguindo o mesmo viés trágico das periferias, os cantores, atores, modelos e jogadores de futebol, só apareciam nas manchetes se fossem vítimas de algum acontecimento bizarro ou se revelassem aspectos de sua vida sexual.

As celebridades estavam inscritas na perspectiva da tragédia e do sexo. Não se via o glamour e a apresentação de uma vida perfeita, mas a falha que ocorria na ordenação de suas existências. Os leitores de revistas especializadas na vida dessas pessoas, como *Caras* e *Quem*, vêem nessas publicações uma forma de identificação. Já que não podem ter aquela vida, ao menos possuem dinheiro para comprar parte dela.

No pólo oposto, para que os leitores dos jornais populares possam criar uma identificação com as celebridades, é necessário que se sintam próximos delas. Esse encontro é propiciado pela inserção das *celebrities* no mundo dos leitores. Assaltos, abortos, dependência química, *olho-grande*, mortes e sexo, são alguns dos elementos utilizados para a aproximação. Conforme visto na obra de Muniz Sodré, uma das características fortes da cultura popular é a preocupação com as necessidades físicas, inclusive com a satisfação sexual. Os outros elementos citados se inserem na configuração do trágico. É dessa forma que celebridades e leitores se encontram, não através da apresentação do distante estilo de vida dos famosos, e sim, por meio da aproximação através da abordagem de acontecimentos em comum entre esses indivíduos.

A apresentação do mundo do leitor como algo catastrófico e grotesco, colabora para o reconhecimento desse universo como reservado para si e como único que lhe pertence. Os jornais informam que o lugar social dos leitores é o apresentado nas manchetes. Muitos leitores afirmaram essa relação quando disseram que o ato de parar para olhar a vitrine das bancas, ou comprar os jornais, se justifica pelo fato de *quero saber tudo o que acontece no meu bairro*.

A ligação é tão próxima que muitos leitores afirmaram ler os jornais para se certificarem de que algum conhecido esteja exposto na capa. Esse aparecimento na mídia pelo viés negativo confirma que a única forma de um morador do bairro periférico alcançar alguma visibilidade midiática, fator instituído como desejável em nossa sociedade espetacularizada, é através do crime, violência ou catástrofe.

Essa consciência também pode ser notada pelos discursos que vêm na mídia estudada um importante recurso pedagógico. Para que as pessoas vejam que, se trilharem os caminhos do crime, terão um castigo merecido. Alguns entrevistados disseram ser importante para a juventude, para que se ensine aos jovens as conseqüências de atos ilícitos. Tal representação se conecta com a questão da visibilidade. O alcance de um espaço nesse tipo de mídia pelas camadas populares, não é algo desejável, pois implica em mortes e detenções.

Esses elementos formam um universo periférico melodramático, violento e indesejável. É nesse circuito que os leitores elaboram, desconstroem e negociam suas identidades. Formando assim, a identidade do excluído. Leitor e manchete pertencem ao mesmo caldo de cultura. A *mídia de cinquenta centavos* confirma perfis identitários. Diferente das publicações direcionadas às elites, que exibem o glamour das personalidades da tevê, cinema e mundo do esporte, em um lugar onde os leitores dos jornais populares da periferia não se reconhecem. Falta a má notícia e as formas de resolução dos problemas por vias acessíveis. A dançarina de axé que sofreu um aborto espontâneo, a ex-participante de *reality show* que desenvolveu uma infecção na pele devido a uma tatuagem, o ator famoso que está internado em uma clínica de recuperação para narcóticos ou a atriz que foi assaltada.

Os jornais mostram para seus leitores qual seu lugar social. Ao caminhar pelos vários locais da cidade, os tablóides pesquisados mantêm vivas as territorialidades dos seus leitores. Lembrando rotineiramente dos seus locais de pertencimento. Seu lugar não é o das celebridades, é o da desgraça ocorrida com elas. O espaço que lhes pertence é o da exclusão. O destaque dado à catástrofe e à violência faz com que os leitores

relacionem esses temas diretamente a seu cotidiano. A exposição das classes populares nas capas dos *jornais de cinquenta centavos* aparece apenas pelo viés negativo. Sua inclusão nesse tipo de mídia só ocorre devido à sua condição de excluído. São capas com manchetes que informam, reforçam e conduzem os excluídos através dos cenários sociais nos quais transitam diariamente. Não se trata do excepcional, mas do cotidiano que os acompanha em todos os lugares.

A retratação da condição de excluído dos leitores do jornal tem início com a simples inclusão desses grupos sociais nas manchetes. Esse é o único segmento de jornais que possuem como destaque os moradores dos bairros periféricos. Porém, essa inclusão só ocorre devido à sua exclusão. Tanto os bairros mais pobres quanto os jornais somente incluem aqueles indivíduos que foram excluídos do jogo político, do consumo e do rol de direitos básicos. Retornando à tese de Agamben, pode-se dizer que essas pessoas são mostradas nos jornais como matáveis.

A forma como as manchetes tratam esses grupos, demonstram que seu assassinato não é algo criminoso, porém uma mera consequência das ações policiais e dos embates entre eles e os bandidos. Tal qual o *Homo Sacer*, estudado por Agamben, o extermínio dessas pessoas não constitui um delito. Muitos leitores compactuam com essa perspectiva ao dizerem que consideram correta a eliminação dos bandidos. Alguns fazem a diferenciação entre trabalhadores e bandidos, sendo que os leitores, se inserem nesse primeiro grupo.

Essa representação nos faz refletir sobre a formação identitária múltipla propiciada pela relação com essa mídia. Os leitores reconhecem sua destituição total de direitos nas periferias expostas nos jornais, nos assassinatos diários de moradores e no tratamento dispensado às vítimas, porém, não se consideram matáveis como os bandidos. Os leitores defendem que possuem direito à vida, embora, muitas vezes, esse não seja respeitado.

A diferenciação entre quem merece viver e quem não merece se dá através de uma visão de pessoa digna e indigna. O leitor que exerce atividades laborais legais encontra-se no patamar da honestidade, segue as leis e se sente merecedor de sua proteção. Já os bandidos, seriam indignos de proteção legal por não seguirem seus preceitos. Essa separação entre dois grupos, que compartilham a mesma condição de excluído, demonstra a variedade de construções identitárias e interpretação sobre a periferia exposta. Para muitos leitores, apesar de haver uma proximidade física com os bandidos, existe uma distância na forma de vida.

O conteúdo dos jornais é outro fator que reflete a exclusão vivenciada pelos leitores. Não há um conhecimento mais aprofundado da conjuntura social, econômica ou política. Os temas abordados não abrangem esse panorama mais amplo. O que se noticia são os acontecimentos de uma territorialidade próxima exibindo laços familiares, de amizade e vizinhança. Os fatos são floreados por um estilo grotesco e melodramático, tal característica leva aos leitores mais o aspecto plástico, do que social do ocorrido.

Essa plasticidade dá-se pela grande presença de imagens e pela forma de apresentação dos fatos. Os aspectos emocionais e dramáticos concluem o quadro onde os leitores são convidados a vivenciarem seu cotidiano de uma forma que eles já conhecem. Quando o presidente Lula se encontra exposto na primeira página é porque a *Big Brother* e símbolo sexual Priscila, está a seu lado, “Priscila tira onda do lado de Lula” (anexo p. 24). O que importa não é administração pública, e sim, a estrela do *reality show*.

Com isso, os jornais não propiciam ao leitor uma reflexão mais aprofundada sobre os fatos e nem uma visão mais ampla, que ultrapasse os muros de seu bairro. O que os jornais reservam para os leitores é o seu lugar, um local que desconhece a complexidade do todo social, um universo distante da existência cidadã, pois só conhecem o mundo retratado nas periferias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua.** Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- Associação Nacional de Jornais (ANJ). **Relatório de atividades: 2004-2006.** Disponível em: <http://www.anj.org.br/servicos/relatorios/relatorios-de-atividades/Relatorio%20ANJ%202004-2006%20.pdf> Acesso em: 08 09 2008.
- AZEVEDO, José. **Metodologias qualitativas de análise do discurso.** Disponível em: [www.ler.letra.up.pt/uploadas/ficheiros/4264.pdf](http://www.ler.letra.up.pt/uploadas/ficheiros/4264.pdf). Acesso em 26/10/2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência.** Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- \_\_\_\_\_ **Modernidade Líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- \_\_\_\_\_ **Vida para Consumo: A Transformação das pessoas em Mercadoria.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade.** Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. O Mercado dos Bens Simbólicos e Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento. *In: MiCHELLI, Sergio. A Economia das Trocas Simbólicas.* Tradução de Sérgio Michelli. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. Edusp: São Paulo, 2006 a.
- \_\_\_\_\_ **Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização.** Tradução de Maurício Santana Dias. 6º ed Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006 b.

- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: O longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. 5º Ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1987.
- DUMONT, Louis. **O individualismo**: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FERREIRA, Lúcia M.A. ORRICO, Evelyn. **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FRIDMAN, Luis Carlos. O Destino dos Descartáveis na Sociedade. *In*: MELLO, Marcelo Pereira de (Org.) **Sociologia e Direito: Explorando as Interseções**. Niterói: PPGSD (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito) -UFF (Universidade Federal Fluminense), 2007.
- \_\_\_\_\_ **Vertigens Pós-Modernas**: Configurações Institucionais Contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- FERNANDES, Aníbal de Almeida. **A crise do café em 1929**. 2006. Disponível em: <http://www.sfreinobreza.com/crisedocafe1929.htm>. Acesso em 30/11/2008.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 º Ed Rio de Janeiro: DP&A , 2006.
- JACOBY, Russell. **O Fim da Utopia**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- KUMAR, Kristian. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna**: Novas Teorias sobre o Mundo Contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, cultura de massa e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5º ed Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- MATTELART, Armand e Michelle. **História das teorias da comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 9º Ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- NEDER, Gizlene. Criminalização da Miséria e Imagens do Terror: Uma Abordagem Transdisciplinar. *In: Revista Confluências*, nº 3. Niterói: PPGSD (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito)- UFF (Universidade Federal Fluminense), 2007, PP 06-15.
- OLIVEIRA, Luís R. Cardoso. **Direito Legal e Insulto Moral**: Dilemas da Cidadania no Brasil, Quebec e EUA. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**: Reflexões Sobre a Sociedade Tecnocrática e a Oposição Juvenil. 2º Ed São Paulo: Vozes, 1972.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Notas Sobre a História Jurídico-Social de Pasárgada. 2007. Disponível em [WWW.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura1d.html](http://WWW.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura1d.html). Acesso em: 04/01/2008.
- SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**. Tradução de Marcos Santarrita. 11º ed Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do Grotesco**: Introdução à cultura de massa brasileira. 9º ed Petrópolis: Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_ **O Social Irradiado**: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_ **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- University of Texas at Austin. Knight Center of Journalism. **Jornalismo nas Américas**. 2008. Disponível em: <http://knightcenter.utexas.edu/blog/?q=pt-br/node/1489> Acesso em 15/04/2008.

## REFERÊNCIAS

- Cidinho e Doca. **Rap das Armas**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/cidinho-e-doca/941509/> Acesso em 05/08/2008.
- PADILHA, José. **Tropa de Elite**. Globo Filmes, Rio de Janeiro: 2007.
- RUSSO, Renato. **Metrópole**. Álbum: Legião Urbana, EMI, 1984.
- SALLES, João Moreira LUND, Kátia. **Notícias de uma guerra particular**. Videofilmes, Rio de Janeiro: 1999.

## **ANEXOS**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)